

MIRIANE PEREIRA DAYRELL SOUTO

**Navegando nas águas do mito: as múltiplas
rotas de Waly Salomão**

Uberlândia, janeiro de 2013



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Instituto de Letras e Linguística
COORDENAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO EM
TEORIA LITERÁRIA



MIRIANE PEREIRA DAYRELL SOUTO

Navegando nas águas do mito: as múltiplas rotas de Waly Salomão

Dissertação de Mestrado apresentada pela aluna **MIRIANE PEREIRA DAYRELL SOUTO** ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Curso de Mestrado em Teoria Literária do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, para a obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Concentração: Teoria da Literatura).

Área de Concentração: Teoria Literária.

Linha de Pesquisa: Poéticas do texto literário: cultura e representação.

Orientadora: Prof.^a Dra. **ELZIMAR FERNANDA NUNES RIBEIRO**

Uberlândia, janeiro de 2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S728n Souto, Miriane Pereira Dayrell 1988-
2013 Navegando nas águas do mito :as múltiplas rotas de Waly Salomão /
Miriane Pereira Dayrell Souto. - Uberlândia, 2013.
123 f. : il.

Orientadora: Elzimar Fernanda Nunes Ribeiro.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Letras.
Inclui bibliografia.

1. Literatura - Teses. 2. Literatura brasileira - História e crítica - Teses.
3. Salomão, Waly, 1943-2003 - Crítica e interpretação - Teses. I. Ribeiro,
Elzimar Fernanda Nunes. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa
de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDU: 82

MIRIANE PEREIRA DAYRELL SOUTO

Navegando nas águas do mito: as múltiplas rotas de Waly Salomão

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-graduação em Letras – Curso de Mestrado em teoria Literária da Universidade Federal de Uberlândia, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração: Teoria Literária.

Uberlândia, 28 de fevereiro de 2013.

Banca Examinadora:

Elzimar Fernanda Nunes Ribeiro
Orientador: Elzimar Fernanda Nunes Ribeiro (UFU)

Aldinida de Medeiros Souza
Prof.^a Dr.^a Aldinida Medeiros (UEPB)

Kênia Almeida
Prof.^a Dr.^a Kênia Maria de Almeida Pereira (UFU)

*Dedico este trabalho aos meus pais, José e Iracilda,
e à minha irmã, Miriene.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primordialmente, à minha família, aos meus pais, José e Iracilda, à minha irmã, Miriene. Obrigada pelo amor incondicional, pelo apoio cuidadoso, pela ternura, sempre;

Ao Welry, pelo sorriso e pela alma iluminada de criança;

À Denize, prima-irmã, pela luz, pela esperança, pela perseverança, saudades imensas;

À minha amiga-poeta, Tatiele da Cunha Freitas, pela companhia imprescindível, pelas experiências compartilhadas, pelas palavras, das mais sonoras às mais silenciosas;

À minha amiga Mariana Felício, que desde o início da graduação é minha companhia, representa a amizade sincera e fiel;

Às amigas Patrícia e Samilla, pela convivência fértil de tantos anos, pelo carinho acolhedor;

Às amigas Danielle Ramos e Soraya Borges, pelo incondicional apoio e incentivo;

À Prof.^a Dr.^a Juliana Santini, pelo incentivo, pela atenção e por me mostrar caminhos e olhares;

À Prof.^a Dr.^a Maria Ivonete Santos Silva, pelas experiências e conhecimentos compartilhados;

Ao Prof.^o Dr.^o Leonardo Soares, pelo incentivo inspirador;

À minha orientadora, a Prof.^a Dr.^a Elzimar Fernanda Nunes Ribeiro, por ter me guiado brilhantemente durante os anos, desde a Iniciação Científica até o mestrado. Obrigada pela confiança, por desvelar trilhas sublimes;

À professora Dr.^a Enivalda Nunes de Freitas, à professora Dr.^a Kênia Maria de Almeida Pereira, à professora Dr.^a Aldinida Medeiros, pelos conhecimentos compartilhados e por estarem na banca de defesa;

À CAPES, pelo apoio financeiro;

Aos professores do Programa de Pós-graduação – Mestrado em Teoria Literária, minha gratidão;

À Maíza, secretária do Programa, sempre atenciosa e disposta;

Aos colegas de Mestrado, que conviveram comigo nos últimos dois anos, construindo conhecimentos e reflexões;

A todos que fizeram parte desta conquista;

Meus sinceros agradecimentos!

... o poeta resta no mundo
com raros talismãs,
algumas malícias,
parcas mandingas.

Ele vai de peito aberto
para a clareira,
quase sem amuletos,
quase sem boias.
É se afogando,
se desafogando:
escrever assim,
viver assado...

... o autor, na verdade, é falível,
é vulnerável, e sobretudo, ele
não detém a última palavra, a
chave final sobre a propulsão
que um poema pode despertar
num eventual leitor...

... como se sabe,
o leitor é querido e livre;
pode ler assim ou assado...

Waly Salomão, poema “Uma Orelha”, in *O mel do melhor*, 2001.



Figura 1: Waly Salomão. (Fonte: www.walysalomao.com.br)

*Na sequência de diferentes naipes
Quem fala de mim tem paixão.*

(Waly Salomão, em “Olho de Lince”, canção de sua autoria interpretada por Jards Macalé.)

RESUMO

As pesquisas que foram feitas sobre a poesia de Waly Salomão se propuseram a analisar as características que evidenciam a presença da polifonia em suas obras, assim como o dialogismo, o entrecruzamento de vozes. Pensar no mito como parte do fazer poético de Waly Salomão é algo que ainda não foi estudado, ou seja, trata-se de uma discussão inédita. Em sua poesia há várias tradições, sendo possível perceber nela a presença de simbologias míticas a evocação da tradição clássica e de imagens que não se apagam com o tempo, mas renovam-se, pois são mitos que se repetem e que perduram. Diante dessa perspectiva, o objetivo deste trabalho é analisar a obra de Waly Salomão, centrando-se principalmente nas obras *Me segura qu'eu vou dar um troço* e *Algaravias*, analisando como o mito permeia os versos do poeta autodenominado *marujeiro da lua*, revelando arquétipos e imagens que fazem parte do imaginário coletivo e servem como busca de sua identidade poética, que é múltipla. Percebe-se, primordialmente, um fascínio pela água mítica, já que o poeta navega por variadas rotas, reativando mitos e dando a eles um novo sentido na contemporaneidade. Para atingir tais objetivos serão consideradas como essenciais para a pesquisa teórica as obras de Mircea Eliade, Gaston Bachelard, Gilbert Durand, entre outros pertinentes à pesquisa, para que sejam identificados elementos míticos, arquétipos e imagens do imaginário coletivo. Dessa forma, associando mito e poesia, o poeta baiano Waly Salomão constrói uma poesia que ultrapassa as barreiras do tempo, imprime inovação ao seu fazer poético, unindo os estilhaços da tradição e diluindo-os em seus versos.

PALAVRAS-CHAVE: Mito, imaginário, mitologia, poesia brasileira contemporânea.

ABSTRACT

The researches that have been conducted concerning Waly Salomão's poetry aimed to analyze characteristics that demonstrate the presence of polyphony in his works, as well as dialogism, the assemble of many voices. The thought of myth as a part of Waly's poetic is something that has not yet been studied, in other words, it is an unprecedented discussion. Wally's poetry has many traditions, and it is noticeable in his writing the presence of mythological symbolism, classical tradition evocation and images that do not fade away within time, by the opposite, they are renewed because they are myths that repeat themselves and endure. By the light of that prospect, the aim of this dissertation is to analyze Wally's Salomão work focusing mainly on *Me segura qu'eu vou dar um troço e Algaravias*, analyzing how the myth influences the poet's verses who nominate himself as *sailormoon*, and reveals archetypes and images which are part of collective imagination and which serve on his poetic identity quest that is multiple. It is perceived, primarily, a fascination for mythical water in which the poet sails through different routes, reactivating myths and also giving them a new contemporary meaning. In order to fulfill these goals, among other authors, the works of Mircea Eliade, Gaston Bachelard and Gilbert Durand will be largely considered as theoretical background, attempting to identify mythical elements, archetypes and images from the collective imagination. Thereby, associating myth and poetry, the poet from Bahia, Wally Salomão, builds a writing that surpasses time barriers and prints innovation to his poetry, joining fragments from tradition that dilute in his verses.

KEYWORDS : myth, imaginary, Mythology, Brazilian contemporary poetry.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I – Múltiplas vozes, múltiplas rotas, múltiplas faces: a algaravia poética de Waly Salomão.....	19
1.1. Entre ecos e ocos: entre mitos e tradições.....	20
1.2. Da Tropicália às múltiplas tradições: Waly Sailormoon - “um diamante gerado pela combustão”.....	37
CAPÍTULO II – Navegar é preciso: preenchendo os ocos do tempo, guiando-se pelos ecos em uma imensa Odisseia.....	45
2.1. Das águas de Odisseu às águas de Narciso, segue o <i>sailormoon</i>, viajando no oco do tempo.....	52
2.2. <i>Me segura qu’eu vou dar um troço:</i> uma odisseia entre múltiplas Algaravias.....	62
CAPÍTULO III – Entre os reflexos de Narciso e as fugas de Proteu: em busca de uma identidade.....	74
3.1. Olhar nos próprios olhos: <i>sailormoon</i> e os reflexos de Narciso.....	75
3.2. Das fugas de Proteu: as metamorfoses do marujeiro da lua.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
REFERÊNCIAS.....	99
ANEXOS.....	104

INTRODUÇÃO

VIR A LUZ SAILORMOON SAL OR MOON

(WalySalomão em *Me segura qu'eu vou dar um troço*, 2003, p. 106)

Waly Salomão (1943-2003) é um poeta quase impossível de se definir em face de suas multiplicidades. Sua vida norteava-se por um teatro criado por ele mesmo, como uma forma de traçar sua identidade, que ia além da vida cotidiana, ultrapassava as experiências, constituindo assim, as facetas diversas de um mesmo ser. distraído e ao mesmo tempo concentrado em sua própria realidade, era um homem que despertava curiosidade, fascinava pelo seu jeito extravagantemente inovador de olhar a vida. Seus amigos o admiravam por sua autêntica identidade de “camaleão”, mas ao mesmo tempo se colocavam curiosos, por não saberem de onde vinha tanta energia, disponibilidade para criar e recriar suas alegrias, sua poesia.

O objetivo desta pesquisa é analisar a poesia de Waly Salomão, centrando-se principalmente nas obras *Me segura qu'eu vou dar um troço* e *Algaravias*¹, pensando como o mito perpassa os versos do poeta “marujeiro da lua”, revelando arquétipos e imagens que fazem parte do imaginário coletivo, ressaltando sua identidade múltipla, suas várias faces. Além disso, é notável o percurso feito por Waly, que inicia uma grande viagem, que começa nos mares quase infinitos das tradições, até chegar às águas mais tranquilas, buscando a revelação de suas máscaras, que se constituem por vozes alheias e individuais.

Portanto, será considerada como primordial a recuperação da tradição literária feita pelo poeta em suas obras. Waly não deixa a tradição, mas a traz para sua poesia como forma de delinear sua própria identidade poética. As duas obras foram escolhidas por serem de dois espaços temporais distintos, *Me segura qu'eu vou dar um troço*, de 1972, e *Algaravias*, de 1996. Na primeira, escrita durante o período da Ditadura Militar, as palavras dilacerantes estão voltadas para um futuro incerto, um presente violento e sem foco. Já na segunda, escrita em uma fase de descrença, em que todos os ideais criados pelo Estado estavam em falência: a ideia de nação, as promessas do regime

¹ Prêmio Jabuti de Literatura, 1997

militar e as revoltas em busca de liberdade popular. Como o mito perpassa as duas obras? De forma igual ou distinta?

Provavelmente, o alicerce das duas obras seja único: a tentativa do poeta de descobrir-se como sujeito em determinado contexto. A busca pelo ser, pelo sujeito que se encontra em impasses com si mesmo, lutando para ora se libertar, ora para se entender ou ser entendido. Recorrer aos mitos, arquétipos e imagens a fim de alcançar seus objetivos é uma artimanha produtiva, afinal, para se chegar às origens, é preciso, portanto, retomá-las. Assim, percebe-se que na primeira obra, Waly está em uma odisseia que envolve muitos fatores, desde sua identidade até a sua percepção de mundo. O caos em que se coloca para expressar o que sente é motivo de deslumbramento e espanto – ao mesmo tempo em que enfeitiça, faz com que o leitor queira decifrar os mistérios desta viagem aventureira, em águas turvas, às vezes cristalinas, raramente acolhedoras.

Do mar agitado e libertário de *Me segura qu'eu vou dar um troço*, Waly parece saltar para um lago calmo e profundo em *Algaravias*, onde prefere navegar em águas tranquilas, buscando algo que não conseguiu alcançar ainda: sua própria identidade, uma evocação de Narciso olhando o próprio reflexo, olhando em seus próprios olhos no espelho d'água que o faz rememorar seu percurso. Para compreender melhor o que fundamenta cada obra, antes é preciso entender quem é esse poeta, tão simples, tão complicado, tão “ele mesmo”. Baiano de Jequié, nascido em 1943, Waly Salomão não se destacou apenas por sua poesia, mas também pelo seu trabalho fundado em diversas manifestações artísticas. Chamado de irreverente, foi elementar no cenário cultural brasileiro, não só como poeta, mas como militante e formador de opinião. Foi ator, compositor musical, participou de militâncias e revoluções culturais como o movimento da Tropicália, esteve à frente da Secretaria de Leitura convidado pelo então Ministro da Cultura Gilberto Gil, entre outras funções². Conviveu com vários artistas que marcaram o cenário cultural brasileiro, como Caetano Veloso, Torquato Neto, Jards Macalé, Hélio Oiticica.

Seu primeiro livro, *Me segura que eu vou dar um troço*, foi lançado em 1972, tendo sido escrito quando Salomão estava preso. Além disso, o poeta foi autor da

² Ver anexos: Entrevista de Waly Salomão a Heloisa Buarque de Hollanda, depois de ser convidado para ocupar o cargo à frente da Secretaria de Leitura.

biografia de um de seus grandes amigos participantes da Tropicália, Helio Oiticica, o artista plástico responsável pelos parangolés, obra de importante significado no movimento tropicalista. Depois de seu primeiro livro em 1972, Waly publicou as obras: *Gigolô de Bibelôs*, 1983, *Armarinho de Miudezas*, 1993, *Algaravias: câmara de ecos*, em 1996, *Lábia*, em 1998, *Tarifa de embarque*, 2000, *O mel do melhor*, 2001 e *Pescados vivos*, 2004.

De *Me segura qu'eu vou dar um troço a Algaravias* há um espaço de tempo considerável, 24 anos. As obras publicadas nesse tempo intermediário, *Gigolô de Bibelôs* e *Armarinho de Miudezas*, são projetos parecidos com o do primeiro livro. Já em *Algaravias* houve uma mudança, um processo de amadurecimento. Da sua primeira obra para a segunda houve um tempo de maturação de 11 anos, em que o poeta não publicou. Ao ser questionado, pelo poeta e crítico Adolfo Montejo Navas, na *Revista Cult*, em outubro de 2001, sobre o tempo que esperou para voltar a escrever na década de 90, Waly responde o que pensa a respeito de ter ficado tanto tempo sem escrever:

Quando penso nisso, vejo que não foi por humildade nem anonimato, mas por ambição desmedida. Como a casca da noz, sou feito para ir crescendo muito lentamente, aprendi isso como Emerson, um pensador seminal para mim. Eu quis assimilar diferentes tradições, quis assenhorar-me de diferentes linguagens. Acho muito limitado o poeta monoglota, insulado em sua própria língua e sem tomar contatos com outras tradições. [...] Quando eu senti o alcance de uma voz singular, estavam chegando os poemas de *Algaravias*. (REVISTA CULT, 2001, p.6)

A partir deste depoimento, Waly já se coloca em um lugar distinto. É atingido por várias tradições, une suas palavras às de vários poetas, além disso, não se restringe unicamente à arte literária, vai além. Para chegar ao que chama de “voz singular” em *Algaravias*, primeiro assimilou culturas, línguas e multiplicidades que permeiam diferentes manifestações artísticas.

Com vasta obra literária, se intitula e se destaca como o “poeta verborrágico”, aquele que não mede palavras, tem sua vida alicerçada em ações, na prática e não no simples nomear das coisas. As suas palavras emanam significados que vão além do poema, ecoando a realidade às vezes trágica da existência humana. Diante disso, o viajar pelo tempo é edificante, é a forma mais poética de se chegar ao ápice do conhecimento tão almejado pelo poeta. O mito, nessa perspectiva, é marca primordial. Não há como não passar pelas águas que levaram os barcos dos audaciosos viajantes da

literatura, que não temeram a fúria dos deuses e continuarão na saga árdua do poeta: (re)costurar uma veste que o identifique, com palavras, escolhas, tradições.

Waly Salomão pode ser considerado um poeta marcado por suas diversas vozes. Waly é como se fosse um cavaleiro errante, sua espada é sua própria voz, que, por natureza, comprehende várias vozes. Apesar de muitos tentarem inseri-lo em uma corrente literária ou em determinada categoria, foi em vão. Ele mesmo não gostava de se denominar poeta concretista, poeta da Tropicália ou da pós-modernidade. Ele era poeta. Era suficiente. Imerso nas máscaras variadas, mantinha traços múltiplos, que unidos, constituíam a originalidade de suas criações. Portanto, é fronteiriço, justamente por isso, pode ser chamado de poeta inclassificável, pois incorpora tudo aquilo que lhe convém para constituir sua identidade, sua forma de fazer poesia. Seus poemas têm traços concretistas, tropicalistas, pós-modernos. Tradição e contemporaneidade se entrecruzam, recriando palavras e imagens que fazem do poema um reflexo do poeta, mascarado, em uma busca permanente por algo que ainda não se conhece, e por isso é fascinante.

Criador de um fluxo intertextual, heterogêneo e múltiplo, Waly perpassa o tempo, não deixando de aproveitar o que seu próprio tempo lhe propõe, como o desnorte, os rumos não-fixos, a necessidade de compreender um espaço fundado no caos imposto pela contemporaneidade mutante, uma realidade também mutante. Já da Tropicália, herdou a irreverência, ou melhor, irreverente ele sempre foi, marca nata de sua personalidade, mas com o tropicalismo aprofundou ainda mais tal característica.

A Tropicália foi um movimento cultural ocorrido no final da década de 60 no Brasil. Trouxe estéticas inovadoras, novos modos de pensar a cultura brasileira em suas várias manifestações artísticas. Waly Salomão, ao lado de vários artistas, imprimiu ao cenário cultural brasileiro a inovação, a renovação. Amigo devotado de Hélio Oiticica, aproveitava a efervescência do momento para explorar as peculiaridades artísticas que lhe inspiravam, de forma intrigante. Oiticica, representante das Artes Plásticas no movimento da Tropicália, criou os parangolés, que podem ser definidos como tecidos que formam tendas, barracas, explorando suas cores, são obras que buscavam a livre representação da expressão artística. Como bem define Lauro Cavalcanti na “orelha” do livro escrito por Waly Salomão contando a história de Oiticica, *Hélio Oiticica: Qual é o parangolé e outros escritos*:

Hélio Oiticica: artista poliedro, caleidoscópio através do qual achamos nosso lugar de ver e sermos vistos. [...] É raro privilégio navegar Hélio pelas mãos de Waly. Identidade de princípios, olhar de poeta, proximidade de cúmplice e clara complexidade de fino intelectual é o que nos oferece Waly Salomão. (CAVALCANTI, 2003, p.10)

A multiplicidade era a característica que unia Waly e Oiticica em um complexo norteado pelas diversas faces de uma mesma identidade. Um na arte, outro na poesia, ambos no mesmo lugar, em um espaço de criação e intelectualidade. Hélio é apresentado por Waly:

Hélio, usina inaudita de energia, uma homem lotado de contradições, milionário de contradições, com um lado bem cerebral e um lado que é instinto puro. Construtivista e brutalista. Carnaválico e matemático. Coexistem resquícios de um romantismo mais radical, extremado até as últimas consequências como a frase-estandarte SEJA MARGINAL, SEJA HERÓI que é o pináculo, o ápice do romantismo desbragado. (SALOMÃO, 2003, p.35)

Ao caracterizar Hélio Oiticica, Waly parece definir sua própria identidade, afinal, também era “um homem lotado de contradições”. Um homem à procura de algo ainda não dito, mas que busca em atos radicais, extremos, ou calmos, matematicamente (não)calculados, o que não se sabe. Hélio se dedicou às artes plásticas, Waly, à poesia, mas esteve presente em outros campos, marginal ou herói, bruto, carnavalizando, construindo instintivamente.



Figura 2: Hélio Oiticica pinta o rosto de Waly Salomão com urucum em 1971 (Fonte: *Qual é o parangolé? e outros escritos*)

Para apontar aspectos caracterizadores da personalidade de Waly Salomão é preciso considerar suas várias facetas artísticas, não só como poeta, mas como representante de outras manifestações artísticas. Atuando como letrista musical, fez diversas parcerias com artistas, cantores, produtores musicais. Dentre os cantores que tiveram a participação de Waly em suas composições e direção de shows, destacam-se Cássia Eller, Gal Costa, Maria Bethânia, Caetano Veloso, Jards Macalé, Adriana Calcanhotto, entre outros.

Adriana Calcanhotto musicou alguns dos poemas de Waly, como “A fábrica do Poema” e “Pista de Dança”. Essa parceria se concretizou em decorrência da amizade e das afinidades artísticas dos dois, que conseguiam unir poesia e música e assim criar novas formas de interpretar a “palavra cantada”. No livro *Palavra Cantada* (2008), obra organizada por Claudia Neiva de Mattos, Calcanhotto descreve sua relação tão profícua e fértil com Waly Salomão, dizendo que ele estava sempre por perto, sendo um daqueles artistas com quem ela se identificava, não só na música, pois esses artistas “na grande maioria não são de uma coisa só. É uma espécie de artista que gosta da linha de fronteira.” (2008, p.44) Segundo Adriana, “Waly entrava no estúdio, como entrava em qualquer lugar: ele explodia o estúdio, era uma coisa maravilhosa.” (2008, p.45). A cantora conta ainda que ele sempre telefonava, recitava um poema e perguntava a sua opinião. Ela dizia que o poema estava lindo, que havia gostado, e ele, chamando-a de mentirosa, desligava o telefone. Ela, então, pensava naquele poema por todo o dia.

Numa outra história curiosa, sintomática da mutabilidade do poeta, Adriana fala de seus percalços na tentativa de musicar “A fábrica do poema”, de *Algaravias*. Um embate se instaurou entre Adriana e Waly. De acordo com as declarações dela, desde a primeira leitura do poema, feita por Waly via telefone, ela já sabia o ritmo da música, seria o ritmo da voz dele, da leitura dele. Porém, Waly dizia que o poema era “inmusicável”, quando ela terminava uma versão, ele acrescentava novas palavras, termos, versos ao poema, até que ele chegou a uma versão final, e ela enfim conseguiu gravar a música, no álbum que tem o mesmo título do poema. Desafiador, assim era Waly Salomão. Em documentários, como *Palavra (Em) Cantada*, de 2007, e *Pan-*

cinema Permanente, dirigido por Carlos Nader, de 2008; vários amigos definem a personalidade eufórica de Waly, sempre inquieto, buscando novos olhares.

Maria Bethânia, intérprete da Música Popular Brasileira (MPB) diz que não podia encontrá-lo, era ele notar a sua presença, que já começava a declamar um poema, não importando o lugar, em um teatro lotado ou no meio de uma praça, em pleno centro da cidade de Salvador. Era marcante sua presença eufórica, livre de formalismos excessivos, mas de tão natural, passava a ser não-natural, um homem sem limites, sua voz não se continha. Caetano Veloso afirma que dos amigos que já morreram, Waly é o que ele mais tem saudade, pois sua presença era forte, precisa, inconfundível. Caetano confirma sua devoção por Waly na canção que compôs para homenagear o amigo-poeta:

meu grande amigo
desconfiado e estridente
eu sempre tive comigo
que eras na verdade
delicado e inocente

findaste o teu desenho
e a tua marca sobre a terra resplandece
resplandece nítida e real
entre livros e os tambores do vigário geral
e o brilho não é pequeno

eu sigo aqui e sempre em frente
deixando minha errática marca de serpente
sem asas e sem veneno
sem plumas e sem raiva
suficiente. (VELOSO, Caetano)³

Intitulada “Waly Salomão”, a canção define bem quem era o poeta das algaravias. Desconfiado do mundo, de si mesmo talvez. E é fato, que a marca que deixou resplandece, com nitidez, real, entre palavras e sonoridades, em um brilho imensurável. Quando faleceu, em 2003, seus amigos, em depoimento aos documentários, diziam que Waly sempre estava atento ao mundo, por isso vivia de forma intensa, não se privava, era realmente inspirador. O poeta, o homem que apoiou o grupo de percussão Afro Reggae, no Rio de Janeiro, o homem que cantou e que deixou outros cantarem. Talvez, por que não pensar, a passagem de Waly Salomão e as marcas que ele deixou vão se tornando também quase míticas, como legado de um homem que ninguém provavelmente conheceu profundamente, já que poderia até se ousar chamar

³ Disponível em : <http://letras.terra.com.br/caetano-veloso/792904/> <Acesso em maio de 2012>

de delicado e inocente uma figura também descrita como eufórica e estridente. Ele viveu a vida com urgência, passou rapidamente por vários lugares.

Ao pensar na presença do mito na poesia de Waly Salomão, percebe-se que ele não se apresenta unicamente como uma forma de expor ou de ilustrar metaforicamente os questionamentos do poeta, às vezes, enigmáticos. Vai além! É um meio de constituição de uma identidade, que segue definida pela indefinição, afinal, ter diferentes facetas e estar coberto por múltiplas máscaras também é um tipo de identidade, talvez a mais complicada e indecifrável, mas ainda assim, identidade.

Portanto, o mito na poesia de Waly não se constitui como mera lembrança de deuses ou demais seres que compõe a mitologia, mas como peças que decifram as esfinges que aparecem desmedidamente ao longo do caminho, sem ordem, sem precedentes. Para isso, não só os mitos gregos aparecem, mas também os mitos literários, obras de outros autores que foram referência para a poesia walyana. Ao mapear um entrecruzamento de vozes em sua poesia, são perceptíveis os ecos da literatura, que perpassam o tempo e se presentificam na obra de Waly. Muitos poetas do passado, consagrados pela tradição literária, são invocados pelo poeta, numa busca por encontrar, na voz alheia, aquilo que já se fez e que foi relevante para a humanidade, para a partir daí construir suas próprias composições em pleno caos da pós-modernidade.

No que diz respeito à presença do mito, os mais frequentemente encontrados na poesia de Waly, estão relacionados à água, como os de Yemanjá, os das Sereias, dos viajantes, dos perigos e, em contrapartida, dos benefícios gloriosos da navegação. Não se pode deixar de frisar ainda a recorrência de mitos que exaltam o tempo, o devir, a inexorabilidade das coisas e do ser. Assim, por exemplo, a figura de Proteu é primordial na obra walyana, por ser aquele que tem o poder de prever o futuro, mas quando se sente ameaçado, se metamorfoseia e não se deixa capturar. A presença mítica de Proteu, pode ser justificada, neste caso, pelo fato de o sujeito contemporâneo tentar ordenar a desordem, sem rumo, mas corajoso a ponto de alçar-se ao desconhecido, com máscaras e algazarras necessárias. E assim é o poeta das algaravias, o amante das algazarras, características que definem Waly Salomão.

Portanto, em decorrência das análises feitas, este trabalho será dividido em três capítulos. O primeiro tratará da fortuna crítica do poeta e de sua biografia, destacando as

manifestações artísticas que influenciaram Waly, bem como seu perfil na literatura brasileira e os elementos que fazem parte de sua identidade poética. No segundo, será feita uma análise sobre os conceitos de mito, a partir de definições teóricas. Além disso, será iniciado o percurso de análise dos mitos referentes à água, sendo que o poeta inicia seu trajeto em um oceano extenso de tradições e influências, até chegar à contemplação de sua própria imagem, o que será tratado, de forma mais específica, no terceiro capítulo, que está dividido em duas partes, destacando Narciso e Proteu, respectivamente. De Ulisses, a Narciso, a Proteu, uma viagem instigante, perigosa, mas audaciosa, assim como o próprio poeta se mostra.

Para melhor embasar as análises dos mitos na poesia, tornou-se essencial o confronto com as obras teóricas. Os mitos da água foram analisados prioritariamente com base na obra *A água e os sonhos*, de Gaston Bachelard (1997). Os estudos de Gilbert Durand (2001) e Mircea Eliade (1995) sobre o mito, dentre outros teóricos dos estudos do imaginário, foram também fundamentais na complementação do trabalho, considerando a grande pertinência de outros símbolos e mitos que surgem ao longo de cada análise mais detida. Além disso, foram utilizados dicionários de símbolos e outras obras de referência mitológica que possam iluminar os percursos da viagem mítica walyana. Por fim, ainda contribuíram para este estudo leituras realizadas sobre a pós-modernidade em autores como David Harvey (2011), Zygmunt Bauman (2001), entre outros; bem como leituras sobre a constituição da Tropicália – ainda que não seja este o enfoque principal da pesquisa aqui apresentada.

CAPÍTULO 1 – Múltiplas vozes, múltiplas rotas, múltiplas faces: a algaravia poética de Waly Salomão.

Sou um camaleão: cada hora tiro um som diferente: espécie de Himalaia Supremo da Cultura Humana: um Corpus Júris Civilis qualquer (confirmar depois de Civilis se escreve assim ou não).

(Waly Salomão, *Me segura qu'eu vou dar um troço*, 2003, p. 127)

A voracidade com a qual Waly Salomão se entrega à sua poesia é brilhante. Diante de tantas visões caóticas movidas pela pós-modernidade, ele recorre à tradição como forma de encontrar-se em um espaço conturbado, radical. Por isso, transita entre diferentes culturas e tradições, devorando o que julga primordial para suas construções poéticas. Para defini-lo vários adjetivos são empregados por críticos e apreciadores de sua poesia. Porém, como definir um poeta tão múltiplo, dedicado à arte, integralmente, seja como compositor, diretor musical ou poeta. Foi amado, elogiado e criticado, mas, ainda assim, não se limitou, continuou eufórico em sua fala e em sua escrita, alimentando os paradoxos e contradições que envolviam sua história, sua própria vida.

Waly Salomão escreveu sua poesia em um período de inquietações, em um cenário mutante. Não é por caso que *Me segura qu'eu vou dar um troço* carrega tais características, até pelo motivo de não se fixar apenas em um movimento específico, mas em vários, aí reside sua multiplicidade, em variados tons e letras. As leis instituídas para a fabricação da poesia de Waly são unicamente suas, criadas por ele mesmo. A regra é não ter regras, é não ter restrições, devorar o que se pode recriar, tingindo o recriado com a tinta que respinga de sua própria face, múltipla.

Dessa forma, é importante rever e capturar algumas das faces deste poeta que tinha como ordem a palavra “alterar”⁴ – palavra-chave de sua obra *Babilaques* (2007) – sendo um dos mais importantes nomes da literatura brasileira. Com sua maneira única e ousada de escrever criou e recriou valores da tradição e da cultura popular. Pensando nisso, é de primordial relevância que se compreenda de onde veio o poeta das

⁴ Ver anexo: Imagens contidas na obra *Babilaques* (2007).

algaravias, quem foi o homem Waly Dias Salomão e o poeta, Waly, *sailormoon*, o filho das fusões. Assim como seu próprio nome diz, Salomão, nome bíblico, na tradição católica o homem construtor de templos, na tradição islâmica o rei, *Sulayman*, profeta; Waly é o poeta que busca, constrói, prevê. Suas viagens marítimas vão além das águas, vão dos céus ao hades, atingindo rotas que alinhavam culturas e tradições universais.

1.1. Entre ecos e ocos: entre mitos e tradições.

Na obra de Waly Salomão, a multiplicidade de vozes está presente, as palavras dos outros se entrecruzam às do próprio poeta, e dessa forma, o mesmo explora o seu ser e dá forma à sua identidade. Seu fazer poético se constitui, portanto, como único e característico, sendo considerado por seu amigo e crítico Antonio Cícero (2006), um poeta polifônico. Segundo Mikhail Bakhtin (1981), em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, a polifonia se apresenta como a existência de outros textos dentro de um texto, ou seja, o escritor é influenciado por outros textos, incluindo-os ao seu, constituindo assim seu próprio estilo e obra, deixando as vozes se intercruzarem sem constituir hierarquia entre elas. Contudo, Bakhtin usa esse conceito para discutir a forma do romance, gênero caracterizado pelas muitas vozes em debate. Apesar disso, Antonio Cícero aplica o conceito em relação à poesia de Waly, pela ocorrência de múltiplas vozes também passíveis de serem observadas em sua poesia. Especificando melhor, o crítico observa que em Waly a polifonia se configura pelo uso da metalinguagem e da intertextualidade, a partir de várias tradições e culturas.

Numa outra forma de notar o mesmo fenômeno, pode-se dizer que Waly é o poeta das ecolalias, no sentido de que em sua poesia há múltiplas vozes. Os ecos do passado interferem em seu presente, sendo influência clara em sua escrita. Em um de seus poemas, deixa clara essa ação:

DESEJO E ECOLALIA

- O que é que você quer ser quando crescer?
 - Poeta polifônico.
- (SALOMÃO, 2007, p.75)

A ecolalia é caracterizada comumente como um período pela qual a criança passa quando aprende a falar. Ela balbucia sons que ouve a todo o momento, na tentativa de falar, apenas ecoa o que já foi ouvido. De acordo com Mariana Trenche de Oliveira (2001), em *Ecolalia: quem fala essa voz?*, a ecolalia, clinicamente, é “um sintoma caracterizado como repetição do enunciado do outro”. (p. 5)

Em outro panorama, nos poemas de Salomão, há balbucios e ecos da tradição, que ao se unirem a contemporaneidade preenchem os oco deixados pelo tempo, pelos outros. As ecolalias podem, talvez, serem justificadas pelo fato de Waly se inserir no mundo em que vive, no desconcerto de um tempo em que respostas não estão prontas. Apesar de todos os aparatos que vieram com a pós-modernidade, o homem precisa buscar respostas, trazer de seu interior as ambivalências próprias para contrastá-las com o mundo e fazer também este mesmo movimento ao contrário. É um jogo em que individuação e entendimento do exterior são necessidades aliadas e dependentes. Quando Salomão escreve sua poesia, além de buscar sua identidade, quer compreender a realidade conturbada e mutante em que vive a humanidade, percebendo principalmente esta realidade que o influencia, que é crucial para seu próprio ser.

Imerso em um período em que diversas mudanças se iniciaram em vários setores da sociedade brasileira a contemporaneidade ou pós-modernidade, Waly busca novos olhares. Em meio aos avanços da globalização e dos meios de comunicação, todo o cenário mundial sofreu transformações culturais, políticas e sociais. A literatura não ficou indiferente a este processo, a arte literária aderiu às metamorfoses que o tempo impunha, tentando capturar as imagens desse novo mundo, bem como da humanidade, que não ficou alheia a ele. Instaurou-se um novo ciclo, um novo tempo, em que a novidade era o destaque, a incerteza a maior certeza.

A contemporaneidade é apontada por David Harvey (2011) como aquela que revela poetas que buscam o seu próprio “eu”, uma busca da identidade que ocorre por meio da individuação. A desreferencialização, a desconstrução, o ser fragmentado são características desse cenário. O poeta que quebrar barreiras para enxergar o que ele mesmo anseia dizer, não espera ordenar o mundo em que vive, mas sim se entender em meio à desordem “inordenável”, pois esta é necessária.

Com palavras desconcertantes e significados inovadores, Waly Salomão traz para sua poesia os anseios do homem contemporâneo, a necessidade de compreender

sua própria existência em um cenário conturbado. Em seus versos é possível detectar uma busca intensa pela ordenação não só do mundo em que todos se encontram, mas sim por uma ordem individual, transformadora do sujeito. Apesar de estar incrustado na pós-modernidade, é impossível para o poeta esquecer-se ou não rememorar aqueles que o antecederam, a tradição. Contemporaneidade é uma palavra imensamente significativa, que se liga a outras de mesmo valor, como inovação, transformação, renovação, entre outras. É nesse paradigma que se insere Waly Salomão, apesar de ser um poeta contemporâneo, não dissipou os laços com a tradição, que inclusive sustentam seu fazer poético.

Em virtude dessa visão, pode-se dizer que a poesia não se submete à forma, mas ao conteúdo, ao desenho, à reprodução imagética. Não há obediência à rigorosidade formal, os poemas às vezes quase se parecendo com prosa, o que se destaca é a composição, a linguagem que se desdobra, o desconstruir como efeito básico, puramente essencial, como em “O legado de Wallace Stevens”:

Assim como quem
– agnóstico, cético, sarcástico incréu –
estende réstias de alho por toda a casa,
para afastar meu agouro.

Assim como quem plurifica
a ferocidade da mente,
zela pela aura, aurora de cada palavra,
com ritmo penetra, sexualiza a fala,
colore com finuras, matizes de papel de seda,
o balão do pensamento
tornando-o inda mais chiaroscuro, espermático;

e com cerol de vidro moído, cola de sapateiro,
afia, tempera o laço mágico
que rabeia a sorte, compõe o futuro
e provê um canto, um giro diverso para cada ato. (SALOMÃO, 2007, p. 45)

Neste poema, Waly destaca sua capacidade intensa e feroz de tentar reorganizar imagens talvez tão distantes, sem nexo, sem ligação exata. A “receita ancestral”⁵ do modo de fazer poesia não é a mais precisa agora, prova disso é a própria (não)forma do poema, desconfigurado, desforme. Como em um “Fábrica de poemas”⁶, em que os sonhos se convertem em realidade, em que “a massa de cimento encaixa

⁵ Verso exposto na continuidade do mesmo poema, “O legado de Wallace Stevens”.

⁶ Poema “A fábrica do poema”, que será analisado posteriormente.

palavra por palavra” (p.35). As contradições entre o crer e o não crer, entre ser cético e ainda assim espalhar réstias de alho pela casa mostram não só os significados conflitantes, mas a forma como o poeta se vê: quer algo novo, mas não consegue se livrar do que já aconteceu, do que já se fez. Logo, este é o desafio do poeta.

Com todas essas características, que serão exploradas ao longo deste trabalho, Waly Salomão se consolida como um dos poetas mais importantes da contemporaneidade, mas que não ignora a tradição nem o passado, os outros que o antecederam. Da tradição à contemporaneidade se mostra um poeta único, com traços que fazem da sua poesia uma arte notável, com particularidades necessárias e primordiais para compreender a arte poética pós-moderna e o próprio sujeito, o homem que parece se metamorfosear com as mudanças.

A pós-modernidade é para Salomão uma encruzilhada, em que não só ele, mas muitos estão “exatamente na esquina da Rua Walk com a Rua Don’t Walk”⁷(p.31), é preciso buscar caminhos, voltar atrás, ir para frente, às vezes sem sair do lugar é necessário construir um ciclo. A encruzilhada é o centro do mundo, onde os opostos se convergem. Para Salomão, é o início de uma saga, um caminho para outros caminhos.

Waly Salomão, portanto, não se desvincilha do que se chamou de modernidade. Ao mesmo tempo em que se insere na contemporaneidade, carrega as marcas que resultaram de vanguardas que se passaram, de artifícios já usados, do antes era chamado de moderno. Em suas criações se tornam claros os aspectos que eram vistos em poemas de Oswald de Andrade, por exemplo, com moldes futuristas, como a falta de pontuação, a desconstrução e descontinuidade das imagens e das palavras. O que se tem de diferente é uma preocupação com um novo projeto, uma nova forma de fazer poesia que brota, de uma certa forma, da antropofagia de devorar o outro, reconstruindo-se; não se livrando das máscaras, mas reconhecendo-se como sujeito de um tempo controverso, desajustado. Daí surge o fascínio, não apenas pelo desvio da norma, mas pela criação de novas perspectivas.

A singularidade que envolve a poesia de Waly é o que fundamenta o grande interesse de pesquisadores em alçar estudos acerca de sua criação poética. Traços como a metalinguagem, a polifonia, são os mais estudados e servem como eixo norteador quando se analisa a obra walyana. Dois dos trabalhos mais significativos a respeito da

⁷ Verso De “Poema Jet-Lagged”, de *Algaravias*

poesia de Waly Salomão são: a tese de doutorado *Waly Salomão: algaravias do pós-tudo*, de Judite Maria de Santana Silva, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); e a também tese de doutorado *O amante da algazarra: ressonâncias nietzschianas na poesia de Waly Salomão*, de Flávio Boaventura, da Universidade Federal de Minas Gerais (PUC-MG).

Em *Waly Salomão: algaravias do pós-tudo*, Judite Silva traça reflexões sobre a obra de Waly Salomão, destacando o barroco e neobarroco, discutindo a questão das vanguardas e como todas essas manifestações aparecem nas obras de Waly. Além disso, analisa as obras pensando na tradição literária e na contemporaneidade, associando-as à poesia barroca. Já Flávio Boaventura, em *O amante da algazarra: ressonâncias nietzschianas na poesia de Waly Salomão*, analisa a obra walyana a partir da filosofia de Nietzsche, pensando, principalmente, na figura dionisíaca de Waly, o chamado “amante da algazarra”.

Pensando em uma nova perspectiva para abarcar, um dos pontos primordiais em Waly Salomão é a maneira como o poeta consegue transpor sua própria identidade em seus versos, identidade esta que não é completamente classificável, o que ocorre em virtude da multiplicidade cultural que o poeta abarca em suas vivências, nas quais estão imersas suas palavras e versos. A multiplicidade perpassa suas obras, mostrando as diferentes facetas do poeta navegante, “sailormoon”, marujeiro da lua. Em suas navegações carrega traços que influem em suas criações. Traz para seus poemas desde a cultura árabe, herança familiar, até o tropicalismo. Também explora imagens da mitologia grega, da cultura afro-brasileira, entre outros elementos que servem como fundamento para assim caracterizar Waly Salomão como poeta da literatura universal, não só latino-americano, não só herdeiro da cultura árabe, não só tropicalista, não só brasileiro, mas envolvido em uma “falange de máscaras”⁸.

Em *Me segura que eu vou dar um troço*, Waly mostra em sua primeira obra a irreverência em que se insere sua poesia. Preso no Carandiru, em decorrência, segundo militares, de ter sido abordado e constatado o porte substâncias ilícitas, ele consegue, por meio de seus poemas, transmitir inquietações que vão além das grades que o cercam, em uma busca por identidade, travando um embate em viagens, transvestindo-

⁸ Expressões que intitulam artigo “A falange de máscaras de Waly Salomão”, do escritor e poeta Antonio Cícero.

se de *Sailormoon*, o marujeiro da lua. Já define inicialmente suas inquietações maiores, sua busca por algo ainda desconhecido nos mares a seres navegados, mas algo necessário:

Falar sobre o “ME SEGURA...”?

Bem, uma coisa para mim é visceral visceral:
marcar o caráter irredutível dele.

ELE está ali inteiro integral talqual uma
rocha donde mina uma fonte d’água quem
quiser saber do que ele trata não faça
arrodeios se chegue mais para perto bote
as palmas da mão em concha arregace suas
mangas e beba DIRETO sem intermediários
sorva daquele manancial intacto.

Eu não parei ali mas ele está lá intacto.

Que queriam de mim? A brandura dos
que batem no próprio peito mea culpa
mea máxima culpa?

Uma Madalena arrependida, expiando
autocríticas? O prosseguimento moto contínuo
do mesmo périplo” O “ME SEGURA...”
de novo? O “ME SEGURA N.º 2”?

O meu é um curdo enviés torto oblíquo de
través. O meu é um fluxo MEÂNDRICO. (SALOMÃO, 2003, p.23)

Ao descrever o próprio livro, Waly aponta seus olhares sobre sua obra, aquela que entre as grades da prisão não deixou de florescer. Uma rocha, dura, mas de onde mina uma fonte de água. É na água que as viagens se iniciam, a partir de uma realidade dura, que massacra. O segredo para se entender a obra é beber direto desta fonte, sem intermédios. Da fonte nascerá o manancial, intacto, do qual brotarão flores raras. Aos que esperam mais do poeta, ele apenas diz que não. Seu curso é oblíquo ao contrário, como pode? Segue em fluxo meândrico, sinuoso, inebriado por curvas curiosas, emaranhadas entre si.

Waly Salomão é um poeta nômade, está em muitos lugares, mudando constantemente. Sua poesia mutante é atingida por muitas tradições. Imerso na contemporaneidade recorre às vozes do passado, como forma de escrever e expressar suas inquietações advindas de um mundo que também se transforma, junto com o sujeito. *Me segura* é marcado pela busca por uma identidade, pela liberdade almejada

por meio do entendimento do mundo e de si mesmo, compreendendo a amplidão de sentidos que o cercava mesmo detido, sem saída. Ninguém melhor que ele mesmo para se apresentar, se definir: “EU, SAILORMOON, de sangue indomárabe, Sírio desponta de dia = DILÚVIO [...].” (SALOMÃO, 2003, p.76)

Assim era ele, um dilúvio que destrói para recomeçar. Waly, navegante da lua, como assim se definia, marujeiro da lua. Suas máscaras eram definidoras de seus disfarces, sempre irreverentes, marcantes. Não só a cultura latino-americana esteve presente em suas criações. Waly construiu uma poesia única, mas abrangente, as fronteiras se dissipam para a plena viagem do poeta que já deixava claro sua aparente afeição por outro que deteve objetivos semelhantes aos seus, Oswald de Andrade: “Só me interessa o que não é meu. de um poeta brasileiro.” (SALOMÃO, 2003, p.108).

Filho de um sírio e uma sertaneja, Waly Salomão ocupa múltiplos espaços culturais. Em visitas aos familiares na Síria, se dispôs a aprender e renovar costumes do país de seu pai. Em seus poemas, a cultura árabe se faz presente; na obra *Algaravias*, o próprio título já expressa tal fato, como foi mencionado, algaravias são vozes que se misturam em feiras típicas do mundo árabe, em que gritarias ao mesmo tempo comandam vendas e compras, em um comércio guiado por quem mais alto fala.

Desse modo, as algaravias não são apenas as vozes que se entrelaçam, os ecos que o poeta não ignora, mas também a diversidade das influências. A poesia walyana está completamente inserida nesse mundo universalizante, até mesmo pelo perfil do poeta, que se nomeia não classificável, aquele que não se prende ou se restringe em face das fronteiras. Romper a linha de fronteira com os outros que o antecederam é uma premissa para entender e analisar seus escritos, quando aborda tanto a tradição literária quanto a tradição mítica. Não apagar traços, marcar trincheiras, mas agrupá-las, aceitar o outro, os outros.

Em 1996, Salomão lança a obra *Algaravias – Câmara de Ecos*, que desde o título revela o quão emblemática e instigante é sua criação. A definição da palavra algaravia ocupa a primeira página, a partir dessa denominação, o leitor tem algo a pensar antes mesmo de começar a ler o livro:

ALGARABÍA: Del á. *al- garb*, El occidente: algarabia, El poniente, cosa de poniente, gente que vive hacia el poniente, lengua de los alábares era un á. corrompido, poco inteligible para los castellanos, de ahí que traslaticiamente pasase *algarabía* a significar cosa escrita de modo que no se entiende, y gritaría de varias personas que por hablar todas a un tiempo, no se puede comprender lo que dicen. – Otros dicen que salió de *al-arabiya*, la lengua á. – *Algarabía* es también nombre de planta, y parece que se lo dió por la confusión de sus ramas, aludiendo al significado con que está comúnmente recibida la voz *algarabía* (Academia Española).

Pedro Felipe Monlau, Diccionario Etimológico de la Lengua Castellana. (SALOMÃO, 2007, .17.)⁹

Waly Salomão almeja encontrar sua própria identidade. Contudo, para isso não se isola do mundo, não se volta unicamente para si. Ao contrário, tenta entender as transmutações que caracterizam o mundo, as pessoas, pois ao comprehendê-los conseguirá encontrar a si mesmo, sua imagem antes perdida em algum lugar obscuro e propositalmente não encontrada em meios às suas confusões e pensamentos. Estar ciente do mundo contemporâneo com suas (r)evoluções era uma premissa para Salomão. Estar introjetado no mundo era estar mais perto de conhecer e/ou constituir as facetas múltiplas de sua identidade.

Na obra *Algaravias: câmara de ecos*, podem-se notar tais características. Waly Salomão traz uma poesia que se sustenta na tradição, mas ao mesmo tempo é inovadora, é contemporânea. As inquietações do sujeito estão presentes em cada verso, a busca pela identidade, elementos que aparecem devido ao modo como o poeta guia a tecitura de seus poemas, seguindo as pegadas deixadas pela tradição, servem de condução para que ele encontre e siga nos turvos caminhos da contemporaneidade, sem se perder, mas para que se transforme no conhecimento do mundo, algo que tanto deseja.

O leitor é conduzido a decifrar o significado da palavra algaravia, apesar do significado já estar exposto ainda é preciso pensar e associar tal conceito à poesia de Salomão. A algaravia, nesse caso, é a grande chave para as descobertas no caminho para conhecer o poeta e perceber em suas palavras as suas muitas singularidades. As algaravias, as múltiplas vozes que podem ser ouvidas todas ao mesmo tempo, são o

⁹ Algaravia: Do á. AL – garb. No oeste: algaravia, o que se expõe, coisa do que se coloca, gente que vive para o oeste, língua dos árabes era um á corrompido, pouco inteligível para os castelhanos, daqui que algaravia passou a significar coisa escrita de modo que não se entende, e gritaria de várias pessoas que por falar todas ao mesmo tempo, não se pode compreender o que dizem. – Outros dizem que saiu de al-arabiva, a língua á. – Algaravia é também nome de planta, e parece que se deu pela confusão de suas ramos, aludiendo ao significado com que está comumente recebida a voz algaravia. (Academia Española). Pedro Felipe Monlau, Diccionario Etimológico de la Lengua Castellana. (SALOMÃO, 2007, p.17.)

material de Waly para construir sua poesia. Os ecos do passado não se calam, ao contrário, são “repetidos por repetidas vezes”, de forma concomitante. Não é por um simples acaso que em vários dos poemas é perceptível a presença de formas, palavras e estruturas que podem ser associadas a muitos outros poetas que o antecederam. A metalinguagem revela os ecos, as tantas algaravias, que se entrelaçam e ele tenta desembaraçá-las ao escrever, ouvindo os ecos que ressoam e preenchendo os ocos deixados pelo tempo.

A metalinguagem, recurso utilizado por Waly Salomão, é uma figura de linguagem também muito explorada por outros poetas e escritores. Vozes alheias aparecem para justificar a sua maneira de escrever, ver e analisar o que ocorre com o mundo e com ele mesmo. Sua poesia apresenta marcas metalingüísticas que servem como base para que se constitua um estilo próprio do poeta, os intertextos são essenciais para analisar a sua poesia. O segredo de sua poesia está na sua própria poesia, a chave de sua construção está no seu próprio resultado. Musicado pela cantora e compositora da MPB, Adriana Calcanhotto, “A fábrica do poema”, o poema chamado por Waly de “inmúsicável”. Calcanhotto decidiu por desafiá-lo, logrou êxito, mas não deixou de passar pelas provas de Waly, que criava novos versos para o poema a cada versão apresentada por ela. Em “A fábrica do poema”, Waly explora a metalinguagem, explica seu fazer poético, instaura diálogos:

sonho o poema de arquitetura ideal
cuja própria nata de cimento encaixa palavra
por palavra,
tornei-me perito em extraír faíscas das britas
e leite das pedras.
acordo.
e o poema todo se esfarrapa, fiapo por fiapo.
acordo. (SALOMÃO, 2007, p.35)

Pela palavra ideal já se nota o quanto intrigante se torna a construção do poeta: um sonho. Sonhar a arquitetura ideal, como se o poema fosse uma construção, no sentido de construção civil, primeiro vem a planta, o planejar, depois os materiais que darão sustentação e tornarão o projeto realidade. As palavras como tijolos são encaixadas pelo cimento, uma a uma. O construtor do poema é um perito, um especialista, extraí faíscas das pedras. Nesse sentido, as pedras são as próprias palavras, as faíscas demonstram o poder que cada vocábulo exerce e possui no poema. Uma marca da contemporaneidade é a fragmentação, o poema se esfarrapa, o poeta acorda,

ou seja, com o poema partido, despedaçado em fiapos, o poeta se volta para seu mundo, sente a si mesmo, sua construção o eleva, deixa o conhecimento transcender.

Waly Salomão faz metapoesia, usa a metalinguagem para tornar o leitor participativo, o leitor deve ser também um pedreiro das letras, das palavras, além disso, mostra como se dá a escrita de seu poema. Contudo, o leitor não deve ser “obediente”, ao contrário, deve estar atento e desafiar o sentido das palavras, ir além. O poeta é o engenheiro, o arquiteto, o mestre da obra, o leitor deve ser seu auxiliar, seguir seus passos, executar o projeto, recriar. É impossível não se lembrar das vastas e impactantes palavras do poeta João Cabral de Melo Neto, que construía poesia como engenheiro, que explorava como perito a palavra-pedra, em seu sentido lato, original. O poeta é visto como um construtor, “O Engenheiro”:

A luz, o sol, o ar livre
envolvem o sonho do engenheiro.
O engenheiro sonha coisas claras:
Superfícies, tênis, um copo de água.

O lápis, o esquadro, o papel;
o desenho, o projeto, o número:
o engenheiro pensa o mundo justo,
mundo que nenhum véu encobre.

(Em certas tardes nós subíamos
ao edifício. A cidade diária,
como um jornal que todos liam,
ganhava um pulmão de cimento e vidro).

A água, o vento, a claridade,
de um lado o rio, no alto as nuvens,
situavam na natureza o edifício
crescendo de suas forças simples. (MELO NETO, 1994, p. 69-70)

Como um mestre de obras, o poeta mede, analisa, “garimpa” os elementos primordiais para sua construção, que envolve desde objetos até fenômenos da natureza. O que irá ser moldado e feito tem forma e conteúdo, tem base, alicerces fortes, uma estrutura que guia a definição e o acabamento da obra. Essa metáfora revela o caráter expansivo da poesia de João Cabral de Melo Neto, uma linguagem que funda conceitos, faz o poema se transformar numa explicação do próprio fazer poético do escritor.

Em outro poema do artista, o conhecido “Catar feijão”, um símile nada convencional institui ao mesmo tempo a expansão e o limite da obra de Cabral. São

descritos dois processos distintos, em que as imagens estão “encobertas” pelos conceitos fundados pelas palavras:

Catar feijão se limita com escrever:
joga-se os grãos na água do alguidar
e as palavras na folha de papel;
e depois, joga-se fora o que boiar.
Certo, toda palavra boiará no papel,
água congelada, por chumbo seu verbo:
pois para catar esse feijão, soprar nele,
e jogar fora o leve e oco, palha e eco. (MELO NETO, 1994, p. 346)

Ao catar feijão, seria um grande risco deixar “escapar” uma pedra, poderia ser perigoso. Já ao “catar palavras”, a “palavra-pedra” dará um rumo à leitura, será o elemento primordial para direcionar a leitura para interpretações que não causam um “fluir” desordenado, pois o fluxo contínuo da leitura é barrado pela “palavra-pedra”. As palavras não devem ser desprovidas de valor, serão lapidadas e de chumbo rígido passarão a verbos, nomes significativos que estarão ainda mais completos quando o leitor assim os identificar, dando a eles a carga final de sentimentos. As palavras se unem e formam assim uma linguagem ímpar.

De forma semelhante a João Cabral de Melo Neto, Waly Salomão exalta a ideia do poema como construção, as palavras não são apenas vindas de uma inspiração qualquer, mas são escolhidas cuidadosamente, baseando-se em seu valor semântico. Se não há a palavra exata, basta criá-la, ou recriá-la. Waly incorpora a tradição e a aplica, portanto, à contemporaneidade ao retomar a tradição literária e ao dar maior liberdade formal ao seu poema, aspecto contemporâneo. Para ele João Cabral de Melo Neto foi o grande criador, foi o poeta de maior valor da literatura brasileira, em suas próprias palavras: "[...] João Cabral tinha uma capacidade muito grande de entender o diferente de si, estava muito longe de ser um homem dogmático. Sua poesia, a maior de Ocidente, não ganhou o Prêmio Nobel por um erro de nascença: escrever em português." (In: *Revista Cult* nº 51, 2001, p. 9)

É nesse ponto, diante desta perspectiva, que se encontram grande parte de suas influências, daquilo que foi incorporado por ele ao escrever. Sua poesia está fragmentada, mas pelo tempo, pelos estilhaços poéticos que se unem quando as palavras se justapõem. A metalinguagem dá sustentação à proposta de Salomão: o diálogo com o outro e com os outros. Ele revela seu modo de fazer poesia dialogando com a tradição. É também uma característica da pós-modernidade, pois é por meio deste processo de

trabalho com a linguagem, que o poeta estabelece o dialogismo com outros ao tentar explicar como faz a sua poesia, sendo então um meio para buscar referências diante de tantas fragmentações e efemeridades. Waly é um artista engenhoso que não regra categoricamente as palavras, mas que as experimenta livremente.

Em suas outras obras segue no percurso traçado em *Me Segura qu'eu vou dar um troço*, referências que vão desde a tradição clássica até o caos da contemporaneidade, deixando o barco do *sailormoon* ainda sem rumo certo, mais desconcertado diante do que não se encontra, mas se sente. A inquietude que vai além do próprio poeta, que tenta encontrar-se, mesmo sem as grades do presídio e sem as amarras das formalidades. Ainda é notável o desnorte, ao mesmo tempo em que se caracteriza como embarracoso, é notadamente o único caminho para encontrar o que almeja, uma identidade, que mesmo estilhaçada seja capaz de defini-lo, como no poema “Silogismos da amargura”, de *Tarifa de embarque*:

TUDO ABARCO E NADA APERTO

TUDO APERTO E NADA ABARCO

No prédio das ARTES E DOS OFÍCIOS,

minha função é no departamento encarregado de

BELISCAR AZULEJOS. (SALOMÃO, 2000, p.62)

O TUDO e o NADA são antagônicos, mas complementares. Entre o tudo e o nada está o segredo da poesia de Waly. Não é possível preencher, abranger tudo, mas não é possível também unir tudo e nada abarcar. Nesse caso, como definir o que deve ser notado ou não? É preciso apertar com as pontas dos dedos os azulejos, o mais precioso, o que tem um brilho chamativo, incomum. Essa é a saga de Waly. A tradição não vem por completo, mas sim, aquilo que lhe serve como prioridade, como o mais importante. Para trabalhar com artes e ofícios é preciso “garimpar”, mas não tomar para si, apenas “beliscar” e encarregar-se de cumprir a própria tarefa, produzir, abarcar, apertar, fazer arte.

A forma do poema é de extremo valor para compreender a rota que Waly começa a percorrer para criar outras. Um espaçamento maior separa as estrofes, propositalmente, para indicar o que separa Waly de todos. Os dois primeiros versos, em letras capitulares representam a tradição, o que se fundou e constituiu raízes no solo das artes. Os versos são referências claras a Petrarca, Camões e Gregório de Matos, também poetas que tiveram seus versos deglutidos por Waly. Analisando o “Soneto 104”, de Petrarca, traduzido por Jamil Almansur Haddad, é possível dizer que Waly alça seu barco nas águas da tradição, pois serão estas as águas da fonte que permearão suas criações:

Não tenho paz nem posso fazer guerra;
temo e espero, e do ardor ao gelo passo,
e voo para o céu, e desço à terra,
e nada aperto, e todo o mundo abraço.

Prisão que nem se fecha ou se descerra,
nem me retém nem solta o duro laço;
entre livre e submissa esta alma erra,
nem é morto nem vivo o corpo lasso. (PETRARCA, 2002, p. 57)

O poema de Petrarca tem interpretações variadas, mas, a principal, confirma que é um poema de amor. O homem que sofre por sua amada, que não consegue mensurar seus sentimentos, antagônicos, simultâneos, mas díspares. No caso de Waly, sua amada é a própria poesia, que faz com ele sofra com as contradições e com tudo o que é valoroso e precisa ser aproveitado, considerado. Luís Vaz de Camões também escreve um poema de amor:

Tanto de meu estado me acho incerto,
Que em vivo ardor tremendo estou de frio;
Sem causa juntamente choro e rio,
O mundo todo abarco, e nada aperto.
(CAMÕES, 2002, p. 13)

Waly Salomão ingressa, então, em uma viagem que começa enraizada em uma cultura. Baseando-se no que já foi feito, escrito e delineado pelas tradições, ele traça uma meta, se propõe a apertar com a ponta dos dedos os azulejos da construção que se integra das artes. O prédio, encravado na terra como semente, tem sua base feita. Ele, como poeta, apenas colherá, por meio de beliscões, os azulejos. O espaçamento exposto na forma do poema denota que há um caminho a ser percorrido para se chegar ao poeta,

que tem como ponto de partida, a tradição. A partir disso, pode recolher os ladrilhos que revestem o grande prédio das artes para guarnecer sua própria poesia.

Se Waly parte da tradição para chegar à modernidade, utiliza vozes alheias, algarávicas, a fim de se situar e compor sua identidade, seu ser, pinçando azulejos. A imagem do azulejo, apesar de ser comumente associada à cultura de Portugal, revela traços originais da cultura árabe – a própria palavra é árabe, *azzelij, al zulaycha* – que mantinha tradições relacionadas a esse tipo de revestimento. Nele, os árabes faziam pinturas, representadas por formas geométricas e desenhos que figuravam histórias, peripécias, andanças. Verdadeiros mosaicos, pedaços que vão se juntando, compondo imagens reais, abstratas, alcançáveis aos olhos ou não, assim como a poesia de Waly. Da cultura árabe para a cultura ibérica, da arte bizantina à arte tropicalista, Waly segue “beliscando”. Os azulejos, como em uma grande composição, vão constituir suas obras, a partir dos cacos valiosos do grande prédio das artes e culturas, entrelaçadas, vivificadas, enraizadas, como sementes que hão de florescer.

Enfim, o título do poema já desperta o leitor para lançar-se em busca de significados. Se o silogismo de compõe por três partes, sendo as duas primeiras premissas e a terceira a conclusão, é justamente assim que se define o poema. A primeira estrofe se constitui por duas premissas, a segunda, pela conclusão. A fim de buscar sua identidade poética, Waly busca premissas até chegar à síntese. Assim, interliga a tradição – vozes alheias – e a modernidade – o eu, o poeta. Do coletivo, muitas vozes, ao individual, a voz do poeta. O jogo entre tradições, erudito e popular se faz, o “beliscar” instiga e desafia, afinal o prédio tem muitos andares, muitas portas, revestido por inúmeros azulejos, espelhos que refletem tradições e culturas, o que torna a tarefa árdua, amarga, por ser complicada e exibir seus perigos.

Waly Salomão também foi grande admirador de Gregório de Matos, tendo inclusive atuado em filme representando o poeta, em 2003.



Figura 3: Waly interpreta Gregório ao lado de Marília Gabriela, 2003. (Fonte: portaldoprofessor.gov)

Em sua poesia também há marcas dessa admiração, que reflete na dificuldade de buscar o que almeja, de se alcançar a completude. No poema abaixo, de Gregório de Matos, os versos são contundentes, precisos, e certamente, inspiraram Waly:

Largo em sentir, em respirar sucinto
Peno, e calo tão fino, e tão atento,
Que fazendo disfarce do tormento
Mostro, que o não padeço, e sei, que o sinto.

O mal, que fora encubro, ou que desminto,
Dentro no coração é, que o sustento,
Com que para penar é sentimento,
Para não se entender é labirinto.

Ninguém sufoca a voz nos seus退iros;
Da tempestade é o estrondo efeito:
Lá tem ecos a terra, o mar suspiros.

Mas oh do meu segredo alto conceito!
Pois não me chegam a vir à boca os tiros
Dos combates, que vão dentro no peito. (MATOS, 2010, p. 218)

O poeta expressa sua silenciosa aflição em sentir, imerso em uma busca intensa. Seu estado é incerto, é labiríntico, sem rumos exatos, mas desnorteado em meio aos caminhos. Diante do mundo imenso, seu coração é pequeno, sua visão é limitada,

não pode enxergar tudo. Waly compartilha dos mesmos anseios, estar em tantos lugares, mas não saber exatamente para onde ir, um segredo que compartilha com o leitor. As ambições guardadas em seu peito estão em退iros, vagando em pensamentos, em meio a tantas expedições acompanhadas pelos olhos famintos daquele que tenta e ambiciona ser tudo, mas não consegue abraçar o todo, mas estilhaços, azulejos, cerâmicas.

Na intensa busca pelo novo, pela “arquitetura ideal”, na poesia de Waly Salomão há uma intersecção de vozes, em vários de seus poemas existe uma mescla de palavras antes já trabalhadas por outros poetas. Como membro atuante da Tropicália, herdou as vertentes do modernismo e trouxe para seu fazer poético as inovações das vanguardas, um “teor antropofágico”, devorando culturas e tradições. Waly, na verdade, não deve ser associado a apenas um estilo, pois ele possui muitos, sua poesia é a sua alegria, seu próprio ser:

minha alegria permanece eternidades soterradas
e só sobe para a superfície
através dos tubos alquímicos
e não da causalidade natural.
ela é filha bastarda do desvio e da desgraça,
minha alegria:
um diamante gerado pela combustão,
como rescaldo final de um incêndio. (SALOMÃO, 2007, p.41)

No poema “Minha Alegria”, de *Algaravias*, o estilhaçamento poético imprime inovação à poesia de Salomão, ele deixa transparecer algo que o incomoda e, ao mesmo tempo, se torna objeto de sua criação: o fato de estar à procura de sua alegria e sem encontrá-la chega à conclusão de que a mesma está “coberta” há muito tempo, mas ousa chegar à superfície. Essa subida se dá por meio de tubos alquímicos, o que deve ser considerado como fator primordial para entender o que realmente funda essa procura.

O ritual alquímico é um processo em busca da completude, da metade perdida, daquilo, que por vezes é desconhecido, mas necessário para o encontro da inteireza. O que completa o poeta é a sua poesia, motivo de sua alegria. O desvio e a desgraça são os genitores dessa alegria, palavras que direcionam o fazer do poeta, distorcido, descontinuo, enfim, contemporâneo. Entretanto, desses desvios e desgraças nasce a alegria, um diamante, raro, belo, resultado de um incêndio. Ao escrever a poesia em um ambiente em que ocorrem tantas combustões, mutações, o poeta consegue encontrar os

caminhos para fazer brotar as palavras, que vem de tubos alquímicos, vem das eternidades para o efêmero tempo, apesar dos desdobramentos, que são desgraçados, trabalhosos, exigem muito esforço.

A poesia está em estado de soterramento, o que causa fadiga, tristeza e imobilização. Porém, é ao mesmo tempo, símbolo de crescimento que enraíza na terra para florescer, a semente que está soterrada para vir à luz. De acordo com Durand, “Há sempre no enterramento da semente um tempo morto [...]” (DURAND, 2002, p. 296) O tempo de incubação pelo qual a semente passa é o que faz com que depois surjam as árvores e flores. O “tempo morto”, por assim dizer, é aquele em que se tem a imobilização necessária para o nascer, que no caso da alegria de Waly, “permanece eternidades soterradas”, até que venha à luz, em forma da herança da tradição, herança valorosa, que também serve como terra fértil para que brotem novas formas e palavras.

A alegria é a poesia walyana que se insere no contexto pós-moderno. Parece que a poesia esteve soterrada por eternidades, e enfim, conseguiu subir à superfície. Por meio dos ecos da tradição, Waly constitui uma obra poética singular, mas ao mesmo tempo, consegue preencher os ocos deixados pelo tempo, pelos outros, pelo mundo. Sua poesia é a própria completude, é o resultado do ritual alquímico em que não se anulam os desvios nem as desgraças, mas os unem a incêndios, originando diamantes em forma de poema. Waly é um navegador, em suas andanças, dos clássicos aos modernos, vai adiante com suas buscas. Não é fácil ser errante, ser aquele que erra pelo mundo, por si e pelos outros, peregrina amaldiçoado por sua sina, conseguindo alcançar sua alegria que nasce da errância. Waly é o cavaleiro errante, o andante que segue em seu caminho, ora tortuoso, ora retilíneo.

O poeta tem e permissão, a licença poética de escolher como resultado de sua alquimia, o diamante, ao invés da pedra filosofal. O diamante é, entre as pedras preciosas, a mais forte, rígida, além de ser uma das mais belas e valiosas. Se a poesia é o próprio diamante, assim, considera-se que é o grande tesouro do poeta, antes soterrado, agora livre, iluminado, na superfície, depois de um processo que envolve fogo e força. Até chegar a esse ponto, Waly já passou por muitas tentações, travou batalhas e carrega marcas que perpassam também o tempo, sendo cruciais para suas produções poéticas.

1.2. Da Tropicália às múltiplas tradições: Waly Sailormoon - “um diamante gerado pela combustão”.

Sobre a cabeça os aviões
Sob os meus pés os caminhões
Aponta contra os chapadões
Meu nariz

Eu organizo o movimento
Eu oriento o carnaval
Eu inauguro o monumento
No planalto central do país
[...]
Tropicália, Caetano Veloso.¹⁰



Figura 4: Waly e a Tropicália. (Fonte: *Me segura qu'eu vou dar um troço*)

Waly, ao ouvir as vozes do passado, justifica suas ecolalias e tenta dar ordem na algaravia que o preenche. Sua poesia se torna então um objeto dilacerante, que

¹⁰ Disponível em: <http://letras.mus.br/caetano-veloso/44785/> <Acesso em Janeiro de 2013>

demonstra a multifacetada identidade do poeta. Afinal, o poeta da contemporaneidade não se define apenas pela desordem e pela busca do novo, mas carrega os resíduos que ficaram da. Assim, Waly se insere na contemporaneidade ao trazer as marcas que resultaram de vanguardas que passaram, de artifícios já usados, do que antes era chamado de moderno. Sua peculiaridade é a preocupação com uma nova forma de fazer poesia que, de certo modo, brota da antropofagia, da assimilação do alheio para daí (re)compor-se, não se livrando das diferentes faces ou máscaras poéticas, mas reconhecendo-se como sujeito de um tempo controverso, desajustado. Surge daí o fascínio, não apenas pelo desvio das normas poéticas tradicionais, mas pela (re)criação de novas perspectivas para a criação literária.

Uma das manifestações artísticas mais importantes do cenário brasileiro do final do século XX influenciou profundamente a obra de Waly Salomão: a Tropicália. Como já observado anteriormente, o movimento tropicalista foi essencial para a formação do poeta-marujeiro, que herda tradições e deglute antropofagicamente muito do que viu e considerou pertinente para elaborar sua própria criação. Apesar de ter durado pouco tempo, a Tropicália marcou o Brasil não só culturalmente, pois abarcou intenções políticas e sociais. Como disse José Carlos Capinan em *Tropicália: a história de uma revolução musical* (1997), de Carlos Calado: “O Tropicalismo quis e conseguiu ser uma chuva de verão que alagasse infinita enquanto durasse.” (p. 297).

Além de breve, o movimento tropicalista trouxe heterogeneidade a um cenário que se caracterizava hegemônico. As misturas, as várias cores, os elementos tropicais deram vida ao desejo de trazer à tona as várias facetas de um país que se escondia, que deixava à margem sua riquíssima cultura. A Tropicália representou uma revolução não só na música, mas também nas artes plásticas e na literatura. Waly Salomão foi um dos poetas que considerou a herança tropicalista como fundamental para sua obra. Se a poesia de Waly é multifacetada, traz várias tradições e marcas identitárias, do árabe ao sertão nordestino, de São Paulo ao Rio de Janeiro, da Bahia ao mundo: a influência da Tropicália se justifica. Como o próprio Hélio Oiticica dizia ao explicar o nome *Tropicália* que havia escolhido para sua obra:

Na verdade, quis eu com a Tropicália criar o mito da miscigenação – somos negros, índios, brancos, tudo ao mesmo tempo –, nossa cultura nada tem a ver com a europeia, apesar de estar até hoje a ela submetida: só o negro e o índio não capitularam a ela. Quem não tiver a consciência disso que caia fora. Para a criação de uma verdadeira cultura brasileira, característica e forte, expressiva ao menos, essa herança maldita europeia e americana terá de ser absorvida. antropofagicamente, pela negra e índia de nossa terra, que na verdade são as únicas significativas, pois a maioria dos produtos da arte brasileira é híbrida, intelectualizada ao extremo, vazia de um significado próprio”, escreveu o artista (Hélio Oiticica), em março de 1968, num ensaio também intitulado “Tropicália”. (SALOMÃO, 2003, p.163)

Dessa maneira, a poesia de Waly é múltipla, tem várias essências, é heterogênea. Antropofagicamente ele "deglutiou" culturas e tradições. Herdou, portanto, da Tropicália, o “mito da miscigenação”, já que ele mesmo era multicultural, traço refletido em sua poesia. Não abandonou a face brasileira, porém não ignorou o que veio “de fora”, de ares estrangeiros, principalmente o que carrega raízes árabes. Suas algaravias, tantas vozes misturadas, tal qual uma feira marroquina, do desnorte se torna eixo norteador, pois é a partir do múltiplo que se constrói uma identidade, que não deixa de ser única, mesmo que esteja constituída por várias faces.

Para o criador da Tropicália, Waly dedicou um poema, em *O mel do melhor* (2001):

Nem de longe
nenhum estímulo foi mais determinante
para o surto da minha produção poética
– pedras de tropeço transmudadas em pedra de toque –
do que o convívio com Hélio Oiticica.
Mito poético propulsor:
quero crer
que o grande jogador pedra noventa
vibraria
por não ter apostado em vão.
Pedras de tropeço transmudadas em pedras de toque.
Aqui o meu preito de gratidão
e amor. (SALOMÃO, 2001, p.7)

A Tropicália, portanto, foi de grande importância na formação do então jovem poeta Waly. Se o criador Oiticica foi sua grande influência, sem dúvidas, o movimento também teve respaldo nas produções walyanas. Além disso, é possível dizer que a Tropicália não foi um movimento tão passageiro assim, pois se “a Tropicália não deixou herdeiros diretos ou eleitos. [...] Ainda assim, o exemplo da Tropicália permanece.” (CALADO, 1997, p. 301). O exemplo se manteve na poesia e até no jeito de ser

irreverente de Waly, que foi motivado a seguir sua viagem por rotas diferentes, mas sempre deglutiindo o mundo, navegando em muitas águas.

Waly não se considerava distintamente um poeta tropicalista. Ele sabia de suas influências, mas não se julgava unicamente assim. Quando indagado sobre o assunto, – em entrevista à *Revista Cult*, 2001 – ele dizia que seu espelho maior era o amigo Oiticica, que foi um dos precursores do movimento. Anulando os rótulos, ainda assim, pode-se dizer que Waly sofreu grandes influências do movimento tropicalista. Hélio Oiticica foi responsável pela diagramação de *Me segura qu'eu vou dar um troço*, sendo que a diagramação completa chegou a desaparecer, no auge da Ditadura Militar, por se tratar de um texto subversivo. Fato desastroso, perda inestimável. Contudo, revelou uma nova perspectiva, pois nem tudo havia se perdido, a aproximação com artistas plásticos, além de Oiticica, Lígia Clark, Frank O'Hara, John Ashbery, rendeu, prosperou em forma de poesia.

Além das peculiaridades já salientadas, a poesia walyana comporta marcas culturais que não se restringem a uma única cultura. Tendo relações próximas como a cultura árabe, Waly a incorpora em sua poesia, não deixando de pesquisar e buscar a melhor forma de inseri-los em seus poemas. Da tradição clássica, resgata figuras mitológicas, antes já exploradas na literatura universal. Poeta “verborrágico”, não ignora o tropicalismo; poeta antropófago, não exclui o que pode lhe oferecer um significado para sua própria identidade, logo, nada elimina, mas transforma, reorganiza em versos o que ousou chamar de algaravias:

Não é que Orfeu resolveu morar nas águas
sossegadas do Roncador?
A cidade confusa, cheia de balbúrdia.
E Orfeu só canta onde gosta de morar:
folhagens (luxúrias de bromélias e helicônicas)
aves,
visitações Eólicas,
pedras,
águas.
Uns ouvindo o canto intuem Orfeu, outros sentem
Oxum.
O canto flutua indeciso entre a identidade
do deus macho e da deusa fêmea.
Os trilhões de gotas da massa líquida
falam ao meu corpo
ora de um jeito, ora de outro.
Que importa a distinção do nome
quando corpo e alma
encharcados em divindade? Nado.

Alauíde, cuíca e pau-de-chuva.

Qual move as molas das plantas,
desabrocha flores, faz a água manar?
Quem sopra o trompete cromático
do tombo d'água
no precipício?

Quem tange a lira do lajedo?
Quem canta aí fora na varanda de Dona Ana?
Que entidade range a rede gostosa da casa de
Eliana?

Nado no grande livro aberto do mundo. (SALOMÃO, 2007, p.70 e 71)

Orfeu, personagem mitológico misterioso, faz do poema também misterioso, afinal, que poeta tem tamanha ousadia? De Orfeu a Oxum, o poeta chama, invoca inúmeros elementos que constituem versos que indicam as várias facetas de seu ser. Esta imagem mítica é de extrema importância para compreender a produção literária de Waly, que assim como vários poetas ao longo dos tempos, se rendeu à música encantadora de Orfeu.

Sendo assim, pode-se dizer que o poema “Orfeu do Roncador” traz uma figura que representa a astúcia e ao mesmo tempo o medo, a indecisão. Orfeu, personagem central de um mito por muitos descritos, de várias formas. Segundo Ovídio (2000), Orfeu era músico, com sua lira conseguia enfeitiçar plantas, animais, deuses, e principalmente, os elementos provenientes da tempestade. Orfeu era filho da musa Calíope, que possuía uma voz belíssima e encantadora, e de Apolo, deus da consciência, da luz da verdade. Orfeu era então fruto da luz que encanta, sua música e doce voz era dotada de verdade e luminosidade. Com sua lira conseguia acalmar os homens, principalmente quando faziam grandes viagens, como a jornada que dividiu com Jasão e os outros argonautas em busca do Tosão de ouro. Além disso, era capaz de dominar as sereias, um dos maiores perigos marítimos, sendo então privilegiado por seus dons e defensor dos homens do mar, livrando-os dos naufrágios.

Orfeu se apaixonou por Eurídice, que teve um triste fim, foi morta depois de ter sido picada por uma serpente. Com seus dons musicais, Orfeu conseguiu resgatá-la para a vida, podendo buscá-la no Hades, porém ele deveria olhar para face de sua amada apenas quando ela chegasse à claridade, não poderia olhar para ela enquanto estivesse vindo da escuridão. Todavia, Orfeu, inseguro, desviou seu olhar rumo a Eurídice, que desapareceu. Com sua lira, por alguns momentos, conseguiu ter a amada de volta, mas

em suas incertezas e devaneios, não foi capaz de limitar-se, seu olhar devolveu a morte a Eurídice.

O mito de Orfeu conquistou poetas e artistas¹¹ que buscavam representá-lo em suas obras. Na literatura brasileira destacam-se Vinícius de Moraes com a peça teatral *Orfeu da Conceição*, escrita em 1954, estreando em 1956, que traz o mito de Orfeu para a realidade das favelas do Rio de Janeiro. Na peça, poesia e canção se unem, dando sentido ao mito grego e também exaltando a obra, sendo Orfeu um sambista e Eurídice, que morre vítima de um crime passional. Pôsteres foram feitos para as peças, dentre eles, um dos mais chamativos e interessantes:

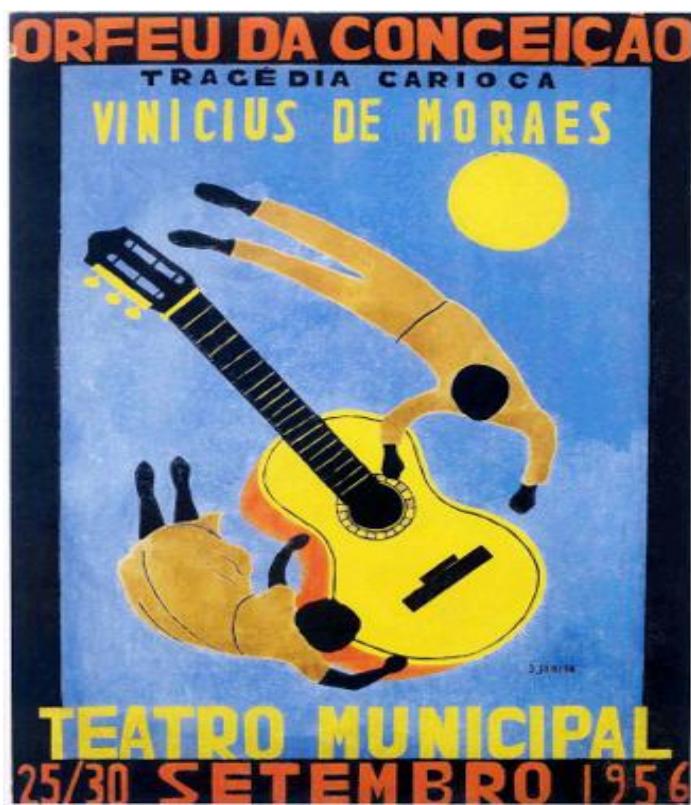


Figura 5: Pôster original da peça *Orfeu da Conceição*. (Fonte: http://www.showbras.com.br/orfeu/orfeu_POSTERS_ORIGINAIS.html)

As canções da peça instigam e representam a figura de Orfeu, fazendo ressurgir o mito em outro contexto. Por meio da música e da poesia, Orfeu conquista, trava batalhas, mas, mesmo assim, quando se vê em tentação, não consegue se controlar, a ponto de estreitar os limites entre Eurídice e a morte. Outro poeta que faz reviver o mito

¹¹ Um dos poetas que inserem a figura de Orfeu em seus poemas é Jorge de Lima. Uma possível comparação entre o poema de Waly e de Lima será feita em artigos posteriores e também em pesquisas futuras, visando o doutorado.

de Orfeu em sua poesia é Carlos Drummond de Andrade, com vários poemas a respeito do mito. Em “Canto Órfico”, um dos poemas mais belos, Orfeu surge em forma de seu canto:

[...]
Orfeu, dá-nos teu número
de ouro, entre aparências
que vão do vão granito à linfa irônica.
Integra-nos, Orfeu, noutra mais densa
atmosfera do verso antes do canto,
do verso universo, latejante
no primeiro silêncio,
promessa de homem, contorno ainda improvável
de deuses a nascer, clara suspeita
de luz no céu sem pássaros,
vazio musical a ser povoado
pelo olhar da sibila, circunspecto. (DRUMMOND, 1993, p.213)

Orfeu é basicamente uma forma de integração entre ser, poesia e universo. A ânsia de se chegar à poesia, de viver o verso é algo que Orfeu pode proporcionou com seus dons. Em um mundo perdido, lastimável, o vazio persiste, como preenchê-lo? Com poesia, com versos cantados e luzes que permitirão novos olhares.

Se Waly está em uma viagem, nada mais importante do que ter em seu barco algo que seja capaz de dominar as águas, controlar o canto das sereias. Assim como Jasão e os Argonautas, que só ousariam sair em expedição se Orfeu estivesse presente, Waly invoca o Orfeu que mora no Roncador, o que trará a música e o ajudará na busca pela sua poesia. Além disso, representando a linguagem, Orfeu ajudará Waly na difícil tarefa de “beliscar azulejos”, será um guia.

Uma figura mitológica tão emblemática, Orfeu, vem morar no rio do Roncador? Uma mistura interessante, ao mesmo tempo, curiosa. Orfeu “resolveu” morar nas águas calmas do Roncador, quando a cidade é confusa, bagunças mil. É o poeta contemporâneo, tentando encontrar águas calmas, já que a imensidão de imagens que o cerca, por vezes, o impede de encontrar-se. Porém, mesmo em águas calmas, é impossível não se voltar ao caos em que se insere.

Orfeu mora onde se sente bem, onde domina o vento, as águas, as plantas. Ao ouvir o canto, muitos se confundem, dizem ser Oxum, um orixá que vive nas águas doces. A multiplicidade de elementos se mostra intrigante, indicadora da face também múltipla do poeta, que se nutre de variados elementos. Assim como na Tropicália, há

uma mistura de ideias, de símbolos. Alaúde e cuíca, objetos considerados díspares, distintos, mas aqui, unidos para expressar claramente o desejo do poeta.

Em seu poema, Waly mistura o erudito e o popular, Orfeu e Oxum. O poeta une tradições, da clássica à popular, incendiando seus versos e recriando imagens. A poesia é então, revelação, brota das águas que fazem música, que comportam alaúdes e cuícas. Entre assonâncias e aliterações, Waly cativa o leitor, que se coloca diante de duas entidades, visualizando o poeta tocando com a ponta dos dedos o sagrado, encontrado o divino por meio da poesia. A exatidão do último verso, “Nado no grande livro aberto do mundo”, demonstra, enfim, a transitoriedade do poeta em diversos espaços culturais. As viagens, às vezes, muitas vezes, na verdade, incertas, à procura de algo que ainda não se sabe, mas se deseja. Da própria identidade, ao entendimento do mundo. Tropicalista, árabe, brasileiro! Em tantos caminhos, diante de tantas riquezas, qual abraçar ou abarcar? Talvez todas, ou quase todas.

O poeta, portanto, encontrando sua própria identidade, navegando em águas doces, herdando o que foi deixado pelos tropicalistas, as misturas, a entrega, a busca. Entre as perguntas retóricas o poeta une corpo e alma das divindades, fazendo com que da água germe a música poética. Quem produz a música, Orfeu ou Oxum? Os dois, em um só. Essa discussão justifica o próprio fazer poético de Waly e de sua múltipla identidade, afinal, é ele o herdeiro de uma cultura clássica de europeu ocidental em cruzamento com a cultura miscigenada afro-brasileira, tecendo suas máscaras e multifaces.

CAPÍTULO II: Navegar é preciso: preenchendo os ocos do tempo, guiando-se pelos ecos em uma imensa Odisseia.

Sim, antes da cultura o mundo sonhou o muito. Os mitos saíam da Terra, abriam a Terra para que, com o olho de seus lagos, ela contemplasse o céu. Um destino de alturas subia dos abismos. Os mitos encontravam assim, imediatamente, vozes de homem, a voz do homem que sonha o mundo dos seus sonhos. O homem exprimia a terra, o céu, as águas. O homem era a palavra desse macroântropos que é o corpo monstruoso da terra. Nos devaneios cósmicos primitivos, o mundo é corpo humano, olhar humano, sopro humano, voz humana.

(BACHELARD, em *A poética do Devaneio*, 2006, p. 180)

As pesquisas que foram feitas sobre a poesia walyana se propuseram a analisar as características que evidenciam a presença da polifonia em suas obras, assim como o dialogismo, o debate e o entrecruzamento com vozes alheias. Pensar no mito como parte do fazer poético de Waly Salomão é algo que ainda não foi estudado, ou seja, trata-se de uma discussão inédita. Ao retomar a tradição clássica, recorrendo a símbolos e arquétipos do inconsciente coletivo, Salomão reativa mitos ancestrais e lhes dá um novo sentido na contemporaneidade.

Esse processo é importantíssimo para compreender sua algaravia poética, pois as vozes que aparecem não vêm só da tradição literária em forma de polifonia ou diálogo, mas provêm também da mitologia clássica, que faz parte do imaginário antropológico, resultando num ciclo construído pelo poeta, que envolve passado, presente e futuro. O poeta nômade muda, se transforma e sempre busca diferentes rotas. Em sua poesia encontram-se várias tradições, como já foi visto, o exemplo da presença das vozes de muitos poetas que têm suas obras rememoradas nos versos de Waly. Mas há ainda a intensa recorrência à mitologia greco-romana e à mitologia de outras tradições culturais, num emprego dinâmico e renovado dos símbolos e figuras que delas advêm, trazendo para o caos do mundo contemporâneo imagens que não se apagam, mas que perduram para além dos limites histórico-temporais.

Mito e poesia são complementares, como afirma Ana Maria Lisboa de Melo, em *Poesia e Mito*: “A criação lírica tem profunda afinidade com o mito. Os poetas, em

diferentes épocas, fazem renascer ou regenerar, através de sua imaginação, símbolos arquetípicos, próprios da produção mítica.” (2003, p.12). Waly Salomão ao aliar à sua poesia a elementos míticos ancestrais, busca esta regeneração do tempo, fazendo com que ressurjam arquétipos e símbolos que representem o próprio renascimento do mito clássico, agora em outro contexto cultural, como se viu em “Orfeu do Roncador”.

Há assim a necessidade de recuperar fatos e vivenciar novamente o tempo, o que torna a poesia de Waly, por si mesma, detentora de um caráter mítico, como Mircea Eliade, em *Mito e Realidade*, destaca:

De modo ainda mais intenso que nas outras artes, sentimos na literatura uma revolta contra o tempo histórico, o desejo de atingir outros ritmos temporais além daquele em que somos obrigados a viver e trabalhar. [...] Os traços de tal comportamento mitológico revelam-se igualmente no desejo de reencontrar a intensidade com que se viveu, ou conheceu, uma coisa *pela primeira vez*; de recuperar um passado longínquo, a época beatífica do “princípio”. (ELIADE, 2010, p.165)

A literatura é uma manifestação que permite diálogos, associações diversas, construções fundadas em amplos sentidos. Os movimentos criativos de Waly Salomão se fundam na transitoriedade, seja de tradições, de culturas. Ele não se fixa no tempo, ao contrário, os estilhaços em formas de vozes, imagens e palavras constituem sua poesia mutante, suas máscaras, suas faces. A necessidade de buscar em outros olhares por sua própria identidade já justifica a presença dos mitos em sua poesia. A recorrência de símbolos e arquétipos do inconsciente coletivo remontam ideias que já estão inseridas no intelecto humano como parte de sua formação. Quando Waly transpõe tais elementos para suas criações busca reconhecer-se, examinando formas de explicitar aquilo que pensa ou tenta transparecer em versos.

O mito, por si só, comporta significativamente um espaço para a elaboração de novos sentidos e possíveis explicações para o mundo ao redor, busca por lidar com o que antes poderia ser considerado ininteligível. Mas o que se entende por mito? Há muitas conceituações para mito, como Mircea Eliade expõe:

Seria difícil encontrar uma definição do mito que fosse aceita por todos os eruditos e, ao mesmo tempo, acessível aos não-especialistas. Por outro, será realmente possível encontrar uma única definição capaz de cobrir todos os tipos e todas as funções dos mitos, em todas as sociedades arcaicas e tradicionais? O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares. (ELIADE, 2010, p.11)

Eliade assume a dificuldade que se impõe na tentativa de se encontrar uma única definição para o termo. Por abarcar uma realidade cultural, o mito pode ser considerado portador de significados múltiplos, submissos a um determinado espaço cultural, sendo este distinto em cada abordagem. Em *Campos do Imaginário*, Gilbert Durand, explica que:

[...] o mito vai utilizar a metalinguagem dos símbolos. O ritmo, para si, vai ser redundância simbólica de preferência a assonância fonética ou repetição métrica. Através de aproximações sucessivas, o mito tende a criar uma espécie de persuasão iluminante, uma espécie de intuição. (DURAND, 1996, p.44)

Além disso, o mito constitui narrativas simbólicas, que se definem por imagens universais e por marcas culturais. Quando mito e poesia se fundem novas percepções surgem, o mito vai além da linguagem, a poesia é a escrita elevada, plena e sublime. O mito se transforma, alcança novas significações em decorrência do passar do tempo. A essência se mantém, porém os sentidos podem mudar de acordo com espaço temporal e o discurso no qual está inserido. Quando o poeta insere o mito em sua poesia tem determinados objetivos, fins que podem variar de acordo com a sua própria intencionalidade.

Quando começa a escrever, em sua primeira obra nota-se um desnorte positivo, já que o poeta está em busca de algo ainda não-nominado. Por isso pinça das tradições os mitos literários, gregos, árabes, entre outros. Tradição clássica e mitologias diversas se colocam imersas num cenário vanguardista, focalizadas de maneira irreverente de modo a se tornarem a fonte recriadora de um novo tempo, de uma nova época. Waly, que traça percursos para sua trajetória, insere o mito em sua poesia como forma de se situar ao longo de sua viagem.

O mito trará, então, a riqueza de sentidos que o poeta almeja atingir, a partir de sua busca por compreender um presente cheio de tantas incertezas e lacunas. Para o poeta contemporâneo, esta ação é ainda mais necessária, já que o estado em que se

encontra é de multiplicidade, em um panorama conturbado e imerso em tantos símbolos e informações, como analisa Durand:

A poesia contemporânea define-se como uma re-evocação pelo verbo de um sentido senão mais puro, pelo menos mais autêntico, conferido às palavras do grupo social. É como se o poeta contemporâneo, imerso na civilização tecnicista das grandes cidades, reanimasse subitamente, pelo jogo de sua linguagem, os arcanos dos grandes mitos. [...] o individualismo-refúgioexaspera-se, a desorganização semântica dos poemas intensifica-se, pulula no seio da desordem axiológica que o desequilíbrio dessas sociedades manifesta. É então que a poesia profetiza e reencarna os mitos e os valores desafectados. A poesia restabelece o equilíbrio mítico. Nas nossas sociedades, onde reina a especialização e a divisão do trabalho, o poeta tem por função fabricar solitariamente as palavras e os cantos que o semantismo colectivo das sociedades primitivas segregava anonimamente sob a forma de mitos. (DURAND, 1996, p.50-52)

A contemporaneidade é um período de transformações, mudanças que atingem não só o espaço e o tempo, mas, principalmente, o homem, de acordo com Giorgio Agamben(2009). Já que está dentro desta máquina de conflitos, o poeta evoca a poesia e o mito para escapar do individualismo que o aflige, das situações e obstáculos que o fazem não compreender a complexa civilização que o cerca, assim como para entender a si mesmo. Afinal, o pensamento mítico lida com o desejo de explicar os grandes mistérios da humanidade; aquilo que o homem não consegue responder pode buscar nas raízes míticas. No caso do poeta, suas aflições são respondidas a partir da poesia, compondo seus versos em meio ao imaginário simbólico que brota da mitologia. Na contemporaneidade, essa necessidade é intensa, representando a volta às origens, às essências da existência humana.

Quando a ciência não é suficiente para dar conta da compreensão do mundo, a percepção mítica, a criação de narrativas e símbolos capazes de tornar inteligíveis as inquietações antropológicas, pode ser a única alternativa para lidar com as dúvidas sobre as quais ainda se assenta a experiência existencial do ser humano. O mito alimenta a inteligência e a sensibilidade, pois reativa imagens e símbolos que, resgatando tradições advindas do passado mais ancestral, carregam e interligam conteúdos semânticos universais. Por meio do mito, constroem-se sentidos, valores e crenças, sejam individuais ou coletivos, que reverberam a trajetória humana através dos tempos.

Portanto, o mito é primordial para compreender o homem em suas diversas eras, gerando neste percurso uma variedade de significados, ou seja, ele é plurissignificativo. E, também, vai além do tempo, não tem sua existência anulada mesmo que o passar temporal seja contínuo, sendo, portanto, atemporal. É como se o mito já estivesse incrustado na mente humana, fazendo parte da vida do homem em diferentes etapas e épocas.

A partir disso, para que se alcance o esclarecimento de fatos e anseios maiores, é preciso recorrer a um discurso elevado, à poesia, que unida ao mito tem o poder de desvelar o pensar humano. É o que Waly faz, quando decide navegar pelos mares da tradição. Os perigos da viagem são atenuados, apesar de sabidos, em decorrência das tantas sabedorias que o poeta terá ao alçar-se ao mar, sem medo de revirar as dobras da memória e os conhecimentos ancestrais. O poeta consegue acessar o consciente e o inconsciente a partir de uma poesia encharcada do mito, conseguindo assim decifrar e expor anseios não só pessoais, mas de toda sua época, margeando as origens do homem e suas relações com a obscuridade da vida e do destino. A poesia de Waly é uma ponte que procura conectar o sujeito ao mundo, às pessoas, ao seu próprio ser. Ainda em *Poesia e Imaginário*, Ana Maria Lisboa aponta:

Como o mito, a poesia é revelação. O mito é uma expressão simbólica que trata de conhecimentos essenciais ao ser humano. Refere-se à essencialidade de sua vida, seu lugar no cosmos e suas formalizações culturais. Se a palavra mítica revela ao homem o sentido de seu estar-no-mundo, os mistérios que envolvem o existir, tendo na divindade o sustentáculo do enunciado, a palavra poética provém do interior do homem e nele tem ressonância, funcionando como recurso de auto-revelação. (MELO, 2003, p.53)

Tanto o mito quanto a poesia são agentes reveladores, pois reúnem em si, além de ideais e crenças elevados, saberes universais, princípios humanos e humanizadores. Assim, poesia e mito ressoam saberes que indicarão pistas para o desvelamento de mistérios, emblemas que cercam a mente e a alma do poeta-humano. Incorporando o mito à poesia, sua obra torna-se algo ainda maior, mais profundo, que questiona e descobre. Contudo, por meio da poesia, o escritor atinge não só a sua essência própria, mas algo que vai além disso, que abarca o coletivo e fala com sua era, com seu tempo.

Em *Mensagem*, Fernando Pessoa escreve o poema “Ulisses”, que carrega todo o sentido do mito e também a sua associação à poesia, a começar pelo título:

O mito é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É muito brilhante e mudo –
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existindo.
Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
E nos criou.

Assim a lenda se escorre
A entrar na realidade,
E a fecundá-la decorre.
Em baixo, a vida, metade
De nada, morre. (PESSOA, 2010, p.23)

O poema pessoano expressa muito bem a essência do mito: ao mesmo tempo em que abarca grandezas, ele abraça o inexistente, o que não se vê. É uma explicação não baseada nas ciências exatas ou no pensamento lógico, mas na análise de imagens e símbolos. Sobrepondo-se ao tempo e assim ganhando significados múltiplos, em diferentes épocas, vai além, não morre. Ulisses, o navegante guerreiro, engenhoso e descobridor, ilustra o verdadeiro significado do mito, aquele que perdura, que se entremeia entre as dobras temporais, fazendo brotar e perdurar conceitos e imagens universais.

A partir desta perspectiva, é possível afirmar que o próprio termo *sailormoon*, criado por Waly para assinar seu primeiro livro, já inspira vários significados que aliados ao mito se tornam ainda mais importantes para compreender saga do poeta.

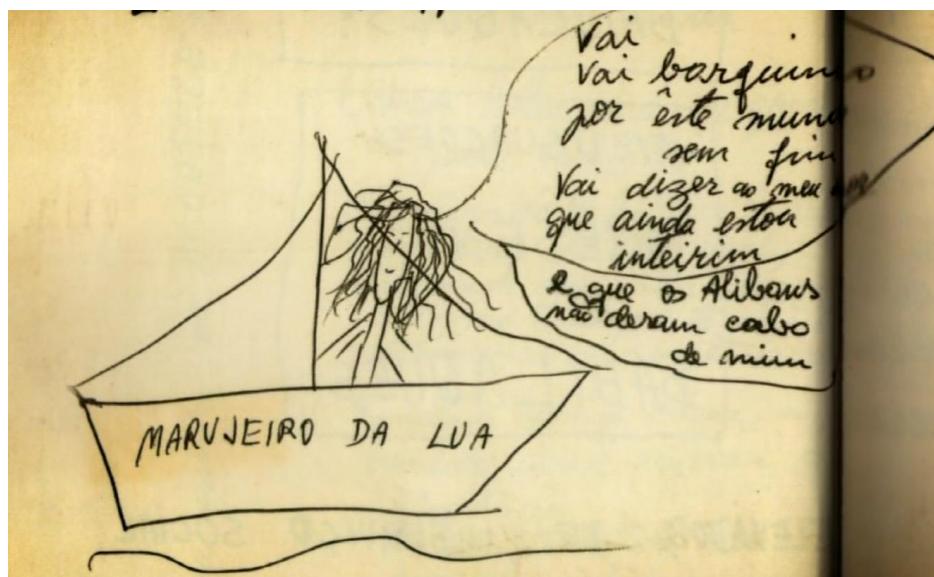


Figura 6: O barco do *sailormoon*. (Fonte: Me segura qu'eu vou dar um troço, 2003)

Sailor, do inglês, marinheiro, marujo. Das traduções de Waly, apenas marujeiro. Moon, lua. O acréscimo do sufixo -eiro, de acordo com gramáticas da língua portuguesa, quer dizer aquele que designa uma função profissional. Ou seja, quando Waly assina seu primeiro livro como a entidade *sailormoon*, ele se coloca como aquele que assim trabalha, navegante da lua, desbravador. A lua, por si só, já é um elemento emblemático, que se refere diretamente à fertilidade e à água. De acordo com Durand, em *As estruturas antropológicas do imaginário*:

(...) a lua é ao mesmo tempo morte e renovação, obscuridade e clareza, promessa através e pelas trevas e já não procura ascética da purificação, da separação. Todavia, a lua também não é simples modelo de confusão mística, mas escansão dramática do tempo. O hermafrodita lunar conserva ele próprio os traços distintos da sua dupla sexualidade. (DURAND, 2002, p.295)

A lua é um símbolo cíclico, pois envolve começo e fim, em suas fases, renasce, muda de forma. Ao mesmo tempo, simboliza a convergência dos contrários, como se fosse aquela que consegue reunir variantes múltiplas. Além disso, na lua se encontra o duplo, homem-mulher. Homem, marujeiro; Mulher, poesia. Ao utilizar a lua como simbologia primordial de sua produção literária, Waly reafirma sua necessidade de navegação em busca da completude. O marinheiro que navega pelas águas da lua é o mais ousado, mas busca a concretização de seus anseios, que vai desde a revelação de sua(s) face(s), até a ascensão de sua poesia. Ainda segundo Durand (2002), a lua é o símbolo do retorno, da volta, do renascer, que envolve desde os dilúvios – fenômeno explorado por Waly em sua poesia – até o nascimento e morte, como um ciclo. A lua é também fertilizante, faz nascer, crescer, evoluir. Ao utilizar tal símbolo, Waly revela seu maior desejo: construir sua poesia, encontrar a si mesmo.

Nas obras de Waly Salomão, os mitos mais recorrentes estão relacionados à água. O viajante, as sereias, a água que protege, a água maléfica, Iemanjá, entre outros. Nesses mitos, não só as viagens são importantes, mas o passar do tempo, a trajetória complexa do poeta, que recorre ao passado, não se dispersando do presente. Além disso, destaca-se a presença da figura mítica de Proteu. Afinal, Waly, o amante das algaravias, também é o “amante das algazarras”, tipicamente algazarras enleadas por curiosas metamorfoses e máscaras. Waly, ao escolher unir sua poesia ao mito em meio às viagens, busca os caminhos de sua imaginação. Em *O ar e os sonhos*, de Bachelard, destaca-se que:

Um verdadeiro poeta não se satisfaz com essa imaginação evasiva. Quer que a imaginação seja uma viagem. Cada poeta nos deve, pois, seu convite à viagem. Por esse convite recebemos, em nosso ser íntimo, um doce impulso, o impulso que nos abala, que põe em marcha o devaneio salutar, o devaneio verdadeiramente dinâmico. (BACHELARD, 2001, p.4)

Portanto, buscando na mitologia e no imaginário coletivos mitos, arquétipos e imagens, Waly tece sua poesia, não só para entender-se, sozinho, na confusão de ideias e valores variados e imprecisos da contemporaneidade, mas para buscar algo ainda mais sublime: sua identidade poética e sua identidade como sujeito, precisando primeiro compreender o que o levou a chegar até onde está. O leitor o acompanha, é um dos tripulantes, que usufruirá dos cantos e aventuras que se rompem no barco do *sailormoon*.

2.1. Das águas de Odisseu às águas de Narciso, segue o *sailormoon*, viajando no oco do tempo.

Uma gota de água poderosa basta para criar um mundo e para dissolver a noite. Para sonhar o poder, necessita-se apenas de uma gota imaginada em profundidade. A água assim dinamizada é um embrião; dá à vida um impulso inesgotável.

(BACHELARD, em *A água e os sonhos*, 1997, p.10)

Mitos relacionados à água são comuns nos estudos de mitologia. A água, vista como um símbolo de revelação, de autoconhecimento, ou vista como maléfica, perigosa, desafiadora. Um dos mitos aquáticos mais lembrados é o de Narciso, o belo jovem preso à própria imagem refletida na água espelhada. Interpretações variadas surgem, seria apenas o efeito do posteriormente chamado “complexo de Narciso”, uma forma de buscar o conhecimento de si mesmo? Na verdade, essa é a magia do mito, pois

trabalha com as possibilidades, dotadas de sentidos capazes de designar novos caminhos, novas abordagens para o que antes poderia ser considerado normal, banal.

Nas obras de Waly Salomão nota-se grande fascínio pela água. Este elemento aparece acometido às vezes de significações desmedidas: pode ser benéfico, perigoso, ou os dois ao mesmo tempo. Das mais diversas associações aos mais intrigantes significados, assim se definem as perspectivas traçadas por Waly, como bem diz Gaston Bachelard, “os poetas e sonhadores são por vezes mais divertidos que seduzidos pelos jogos superficiais da água.” (BACHELARD, 1997, p.6).

Neste caso, nota-se que Waly segue em uma odisseia para encontrar caminhos, para se encontrar. Na primeira obra, *Me segura qu'eu vou dar um troço*, o poeta está preso não só pelas grades do Complexo Carandiru, mas pelas grades da própria consciência, que é dolorosa em virtude do fazer poético. Herdeiro de uma cultura múltipla, como saber quem realmente é Waly Salomão? Uma dúvida que, certamente, não intriga apenas o leitor, mas o próprio poeta, que se vê diante de um grande, de um “imenso mar” de palavras. É a partir daí que começa uma viagem, o *sailormoon* entra na imensidão do mar para buscar algo, sua identidade, ou algo que ainda não tem nome, que talvez nem ele saiba.

Tal fascínio é expresso em outras de suas obras, antes de chegar em *Algaravias*. Contudo, apesar de estar mais centrado em uma gama, ainda múltipla, de ideias e reflexões sobre si mesmo e sobre o mundo, em *Algaravias* ele se expõe de modo mais intenso, voltando-se para reflexões mais íntimas, em busca do que não conseguiu, da face única de seu ser. Em meio a tantas facetas, qual a sua face, então? Heterogênea, multifacetada, multicultural? Das águas de Odisseu às águas de Narciso, talvez ele consiga se encontrar e enfim ancorar, mesmo parecendo gostar das viagens perigosas, rodeadas pelos mistérios universais e individuais que o afigem.

Um dos poemas em que a água mítica aparece de forma evidente é “Anti-viagem”, de *Algaravias*. Neste poema é explorado o risco da viagem, é necessário ter astúcia e coragem para enfrentar as águas turvas que já sugerem uma ‘anti-viagem’:

Nenhum habeas corpus
é reconhecido no Tribunal de Júri do Cosmos.
O ir e vir livremente
não consta de nenhum Bill of Rights cósmico.
Ao contrário, a espada de Dâmocles
para sempre paira sobre a esfera do mapa-múndi.
O Atlas é um compasso de ferro
demarcando longitudes e latitudes. (SALOMÃO, 2007, p.47)

Desde o título o poema já se apresenta engenhoso e desafiador. Parece que o título “Anti-viagem”, funciona como um aviso, uma viagem não permitida, ou pelo menos, que deve ser evitada. Por meio de símbolos míticos, o poeta retoma a tradição clássica para se exprimir. O eu-lírico aconselha: para se tornar um viajante do cosmos é preciso saber que não é fácil se lançar na liberdade da investigação. O direito do livre-arbítrio não está presente em nenhum livro dos Direitos universais.

Nesse sentido, é possível depreender a saga do poeta contemporâneo. Abandonar o passado e traçar novos rumos é preciso, contudo, não tão simples, é preciso mirar o olhar no “retrovisor”, rever o passado. Tal atitude é ameaçadora, pois como construir uma nova face se os ecos pretéritos não se dissipam? É um risco a se assumir. Waly o aceita e se lança nas águas desordenadas, sem foco, ouvindo tudo, selecionando o que quer, seguindo. Não é por acaso que ele mesmo se intitula o “Sailormoon”, marujeiro da lua. A viagem nas águas, nesse caso, serve como ‘ponte’ para que o poeta não se perca e faça travessias. A água não é sempre benfazeja, traz riscos. As ameaças rondam, sem descanso, continuamente demarcando o tempo, forçando rotas novas, talvez, divergentes.

A imagem do perigo surge na figura de Dâmocles, personagem mitológico que protagoniza uma interessante história, na qual uma espada aparece como objeto de revelação e de poder. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2008), Dâmocles viveu entre os anos 356 e 250 a.C., e era um cortesão interesseiro, bajulador, que servia a Dionísio I de Siracusa, um imperador tirano e poderoso. Dâmocles considerava seu senhor afortunado, pois via o domínio imperial como uma dádiva. Ouvindo tal afirmação, Dionísio I propôs trocar de lugar com Dâmocles por um dia, para ele pudesse se sentir poderoso pelo menos por alguns momentos. Dâmocles então se sentou à cadeira do imperador por todo o dia, desfrutando do trono. Somente à noite, depois de servido um banquete, ele percebeu que acima de sua cabeça, pendurada por um fio de

rabo de cavalo, estava uma espada afiada, direcionada diretamente para sua cabeça. Ele era o único que poderia vê-la pela angulação em que estava. Nessa hora, ele não quis mais o trono, quis desfazer já a troca, pois percebeu que o poder é também muito perigoso.

A história da espada de Dâmocles é relembrada quando se quer falar como a grandiosidade do poder também leva a grandioso perigo. Um homem imerso em força e com muita influência deve saber a periculosidade que sua posição. Os outros não conseguem imaginar ou compreender, ao contrário, invejam o que supõem ser tão agradável. Quando Waly evoca o mito de Dâmocles, destaca o quanto se arrisca o viajante, o qual deve saber das turbulências que enfrentará, dos naufrágios, das ilhas de perigos desconhecidos; uma espada cortante paira todo o tempo sobre seu destino, lembrando-os de que seus passos são poderosos, contudo situações ameaçadoras o esperam, os riscos o interceptam. A este contexto soma-se ainda Atlas, outro personagem mítico, sinalizando a fúria do tempo, o peso do mundo.

Atlas, um dos titãs gregos, ousou desejar o poder máximo, absoluto e superior. Zeus, o mais poderoso, não poderia aceitar tal ousadia, condenando Atlas a carregar o peso do mundo, levar para sempre os céus sob os ombros. Assim também é o poeta, carrega em seus ombros céus, o mundo. Para que faça seu trabalho poético, necessita experimentar, ter consciência de que o peso que carrega pode se converter em conquistas ou talvez não.

É impossível não pensar em Ulisses, protagonista da epopéia *A Odisseia*. Homem engenho, que lutou contra a fúria dos deuses, enfrentando-os, representando o herói grego, que parte para uma viagem em busca de conquistas e não abandona sua saga, não desiste, cumpre seu destino. Ulisses, chamado de Odisseu, é um homem forte, hábil, inteligente e poderoso, mas sabia que o poder que tinha era também um desafio, usava-o para concretizar seus objetivos, corria os riscos exigidos pela vida de um viajante:

Nunca mais praias nem ilhas inacessíveis,
não me atraem mais
os jardins dos bancos de corais.

Medito à beira da cacimba estanque
logo eu que me supunha amante

ardoroso e fiel
do distante
e cria no provérbio de Blake que diz:
EXPECT POISON FROM THE STANDING
WATER.

Ou seja:

AGUARDE VENENO DA ÁGUA PARADA.

ÁGUA ESTAGNADA SECRETA VENENO. (SALOMÃO, 2007, p.48)

O herói, digno de poder, não teme enfrentar o impossível, entretanto quando navega em águas paradas, o homem se vê diante de um precipício. Nota-se aqui um símbolo da contemporaneidade, onde o homem, temeroso e em busca do lugar seguro, prefere as águas quietas, acomodadas. Todavia, como é próprio das águas, elas também trazem imensas mudanças, numa contradição que surpreende. Em meio às contrastantes situações, o sujeito não quer mais ser um herói, pois tem consciência do perigo que pode enfrentar, das mudanças que não cessam em mar aberto. Como diz Bachelard (1997) em *A água e os sonhos*, “a água violenta é uma esquema de coragem”. (p.175). Por outro lado, a água parada é venenosa, guarda segredos. Apesar disso, o poeta ainda deve chegar à contemplação da água dormente, pois é nela que também encontrará as respostas para seus anseios.

À constante navegação em águas correntes, segue-se o momento de enfrentar a morbidez de outras águas, onde se pode encarar a si mesmo, em um espelho aquático narcísico. Nesse caso, o convite à viagem é uma necessidade, viajar é preciso, assim como é necessário fugir da água estancada enquanto não se sabe lidar com ela. Em *A poética do devaneio* (1999), Bachelard ressalta que:

Os devaneios diante da água dormente trazem-nos também um grande repouso de alma. [...] Existe uma água dormente no fundo de toda memória. E, no universo, a água dormente é uma massa de serenidade, uma massa de imobilidade. Na água dormente o mundo encontra o seu repouso. Diante da água dormente, o sonhador adere ao repouso do mundo. (BACHELARD, 2006, p. 188 e 189)

Mas, este desafio de sonhar diante das águas paradas ainda está longe para o *sailormoon*. Por enquanto, ele hesita entre lutar a favor ou contra a falta de movimento, percorrer ou não o caminho em que talvez consiga encontrar sua identidade, sua face estilhaçada. A imobilidade, portanto, também é temida, pois talvez seja preferível transitar, buscar novas rotas, mesmo que difíceis. Há uma contradição entre desejar e

recusar o repouso, pois há uma preferência pela mutação, muitas vezes sem foco certo. Daí a importância das imagens da água corrente, que sugere transitoriedade, sendo um elemento capaz de carregar, de guiar, de movimentar seres e objetos que nela penetram. Completa Bachelard:

[...] o mobilismo heraclitiano é uma filosofia concreta, uma filosofia total. Não nos banhamos duas vezes no mesmo rio, porque, já em sua profundidade, o ser humano tem o destino da água que corre. A água é realmente o elemento transitório. (BACHELARD, 1997, p. 175)

O filósofo Heráclito tem suas ideias retomadas na teoria construída por Bachelard. A água como fator de transformação reforça o sentido os versos de Waly, “o ir e vir” não é permitido, não está instituído como direito, mas é preciso, às vezes, lutar por ele e arriscar-se a viajar para fora, em mar aberto, ou para dentro, em poço represado. Traduzindo Willian Blake, Waly Salomão retoma a tradição literária, amalgamando-a à mitologia clássica para então sintetizar seu temor: o veneno das águas paradas.

Um eco do passado, na voz de Blake, vem para dar o desfecho do poema, revelando ao “anti-viajante” a existência do veneno de navegar nas águas paradas, pois o próprio eu contemporâneo não está ileso às mudanças que provém da pós-modernidade. Sobre a simbologia da viagem, Zilá Bernd, em *Dicionário de Figuras e Mitos Literários das Américas*, aponta que:

A viagem, ao simbolizar em todas as literaturas uma busca, uma procura de reconhecimento ou a descoberta de um centro espiritual, adquire, nas literaturas americanas, um sentido específico de busca identitária. A figura da viagem e do viajante podem estar associadas à figura do nômade, simbolizando abertura ao mundo e a culturas diferentes. (BERND, 2007, p. 675)

Waly, o poeta viajante, ao trazer o mito para sua poesia busca sua identidade, o navegar por diferentes mares é sinal de nomadismo que se converte em definição de uma identidade, que mesmo estilhaçada, é identidade multifacetada. Atravessando águas desconhecidas, abrem-se portais que dão acesso a diferentes mundos, traçando rotas em que, assim como o conhecido, o desconhecido é bem-vindo, como forma de reconhecer-

se no outro ou em outros. Como escritor latino-americano, Waly também busca suas origens, onde se descobre todo um amálgama cultural e étnico. Da Síria à Bahia, da Bahia ao mundo, ou em sentido inverso, o que importa é a viagem, como um rito no qual se dá a constituição do sujeito como homem, como poeta. O mito de Ulisses, desbravador de mares, ainda se sustenta, talvez, não como meio de conquistar, de ser o mais engenhoso dos homens, mas de se encontrar e de se compreender habitante mutável de distintos espaços, tempos e culturas. O nomadismo do poeta é evidente, passado, presente e futuro se mesclam e se repetem em um ciclo mítico.

Um poema exemplar desta multiplicidade identitária, que carrega a marca do cruzamento das diferentes tradições culturais brasileiras, por meio da evocação mítica em pleno contexto contemporâneo é “Mãe dos filhos peixes”, que apresenta a figura de Yemanjá. Quando traz Yemanjá para o poema incorpora traços que na contemporaneidade tem um sentido extremamente importante, apesar da multiplicidade do contexto, os mitos ainda sobrevivem em meio à efemeridade das coisas:

anêmona do mar, lume da cerração,
princesa de ayocá.
dona do barco de pescar.

senhora da mira do aço e do arpão
a da orelha ultra-sonora do sonar.

aquela que toma posse de todos os rochedos
que a onda do mar salpica
ela é a dona da voz que soa e ressoa nas conchas
ela é a matriz do cântico hipnótico da sereia.

é um teto que protege o navegante
ao oceano entregue
é uma cama que alberga o naufrago

ao oceano entregue

mãe sexualizada
mãe gozosa
mãe incestuosa

que reina no mar revolto e na maré mansa
e se adona do remanso e do abissal.
senhora dos afogados e dos que nadam
e dos que sobrenadam sobre as ondas.

duro doce mar divino

INAÊ, JANAÍNA (SALOMÃO, 2007, p.39)

É retomada a tradição africana, que veio com os escravos para o Brasil. O orixá africano Yemanjá é a mãe de todos os seres marítimos, é a mãe d'água, cuja imagem da é descrita e explorada ao longo do poema em seus vários atributos característicos, como um canto de adoração. Mais uma vez os elementos típicos do imaginário aquático aparecem na poesia de Waly, desta vez em sentido positivo, comparando-se com poema anterior. Em “Mãe dos filhos peixes”, a água fecunda, dá vida, oferece abrigo.

Yemanjá, a sereia africana, tornou-se uma figura que vai além das religiões afro-brasileiras, incorporando-se à cultura, ao imaginário e à tradição literária do país. É cultuada em datas como a passagem de ano, com a esperança de trazer sorte, bênçãos para um novo tempo, um recomeço. É aquela que protege, que não deixa o barco do pescador se dispersar, mas garante uma volta segura, uma pesca farta.

Em *Yemanjá – Rainha do Mar*, a estudiosa Ariomar Lacerda alia inúmeras lendas e histórias relacionadas à imagem da rainha das águas, a começar por uma das versões existentes sobre a sua origem:

Da união de Obatalá, o Céu, com Oduduá, a Terra, nasceram dois filhos, Aganju, a terra firma, e Yemanjá, as águas. Desposando seu irmão Aganju, Yemanjá deu a luz a Orugam, o ar, as alturas, o espaço entre a terra e o céu. Orugam concebe incestuoso amor por sua mãe e aproveitando a ausência paterna, rapta-a e violenta-a. Alfita e entregue a violento desespero, Yemanjá desprende-se dos braços do filho, foge alucinada, desprezando as infames propostas de continuidade, às ocultas, daquele amor criminoso. Persegue-a Orugam, mas, prestes a deitar-lhe a mão, Yemanjá cai morta. Desmesuradamente cresce-lhe o corpo e dos seios monstruosos nascem dois rios que adiante se reúnem, constituindo uma lagoa. (LACERDA, 2007, p. 9)

A partir desse episódio, ainda segundo Lacerda, Yemanjá se torna mãe de vários orixás e deuses da natureza, se tornando a mãe maior. São citadas outras lendas a respeito do nascimento de Yemanjá, em que é considerada a rainha, a senhora das águas.

É preciso pensar também na imagem de Yemanjá como aquela que tem o poder de renascimento do tempo. Não é por acaso que nas festas de virada do ano são feitas oferendas à rainha das águas, na esperança de vitórias no ano que há de se iniciar. Seu valor simbólico é elevado, pois as crenças se mantêm vivas, as pessoas acreditam que as bênçãos de Yemanjá são necessárias para o recomeço, o velho que se vai, para renascer em um novo tempo. É à mãe d'água que milhares de pessoas recorrem para pedir um novo começo, enleado pelo sucesso e pela prosperidade. A imagem da mãe, acolhedora, fiel e afetuosa é primordial para a execução dos rituais feitos a Yemanjá, que oferece não só proteção, mas a chance de tentar de novo em um tempo que se inicia.

Várias cantigas são dedicadas a Yemanjá, dentre elas, uma das mais belas, “Yemanjá, rainha do mar”, na voz de Maria Bethânia, composta por Pedro Amorim e Paulo César Pinheiro, reúne os vários nomes da rainha, bem como algumas das lendas que se constroem e perpassam o tempo:

Quanto nome tem a Rainha do Mar?
Quanto nome tem a Rainha do Mar?

Dandalunda, Janaína,
Marabô, Princesa de Aiocá,
Inaê, Sereia, Mucunã,
Maria, Dona Iemanjá.

Onde ela vive?
Onde ela mora?

Nas águas,
Na loca de pedra,
Num palácio encantado,
No fundo do mar.
[...]

Alodê, Odofiaba,
Minha-mãe, Mãe-d'água,
Odoyá!

Qual é seu dia,
Nossa Senhora?

É dia dois de fevereiro
Quando na beira da praia
Eu vou me abençoar.
[...]

Quem é que já viu a Rainha do Mar?
Quem é que já viu a Rainha do Mar?

Pescador e marinheiro
que escuta a sereia cantar
é com o povo que é praiero
que dona Iemanjá quer se casar.¹²

A partir desta perspectiva, invocando Yemanjá, Waly pede a proteção para navegar tranquilo em um mar revolto, que traz percalços, tempestades envolvidas em ventos perigosos. Navegar na contemporaneidade é um ato perigoso, trazer a tradição, regressar é, sem dúvidas, um desafio. Tal qual um pescador, Waly precisa voltar seguro, mas marcado pelas aventuras de uma viagem guiada pelos perigos. Yemanjá acolhe, cuida, e recebe a oferenda em forma de palavras, versos.

¹² Disponível em: <http://letras.mus.br/maria-bethania/836829/> <Acesso em janeiro de 2013.>



Figura 7: *Yemanjá*, pintura de Ed Ribeiro. (Fonte: www.mariapreta.org)

Seu poema é quase uma canção, um canto dedicado à mãe d'água, uma oração. Com suas palavras, pede não só proteção, mas a força necessária para seguir com sua expedição, para não se perder em meio às tentações que a navegação inspira. Além disso, é preciso coragem para recomeçar a cada dia, como um ciclo, e só aquela que guarda a natureza, o céu e a lua pode auxiliá-lo, afinal, ele é o *sailormoon* em uma odisseia algarávica.

2.2. *Me segura qu'eu vou dar um troço*: uma odisseia entre múltiplas Algaravias.

O percurso feito por Waly, da contemporaneidade à tradição e vice-versa, envolve percalços. Para um poeta “formado” por diferentes experiências, sair do já incerto espaço da pós-modernidade e navegar pelas tradições clássica e literária é um grande desafio. O canto desafiador e belo da sereia representa bem essa trajetória, obscura, a tentativa de descobrir a necessidade da origem já se torna algo a ser alcançado, um desejo do ser, porém, um desafio. Mais uma vez, o mito aparece como elemento, ponte que conecta o poeta a um tempo que ele não viveu, mas consegue fazer parte dele em uma jornada necessária, passando pelos ocos do tempo.

A odisseia poética de Waly se inicia em princípios da década de 1970, no presídio do Carandiru, e vai adiante. Porém, mesmo tendo ficado preso por pouco tempo, sua saga se torna mais intensa à medida que o tempo passa, já que a tão sonhada volta para casa, para suas origens, ainda tende a demorar, pois, antes, precisa encontrarse, olhar para a própria face. Em busca da concretização desse objetivo, continua enfrentando o mar das imagens míticas, ora violento, ora enleado pela calmaria.

Um dos arquétipos que representam tais peripécias é a imagem do dilúvio, referência contínua na poesia walyana. Encarado como tragédia, a invasão das águas, a destruição que chega para acabar com a existência de tudo aquilo que um dia fez parte de um mundo, o dilúvio não simboliza unicamente o fim, mas também um recomeço, ou seja, uma destruição que termina algo impuro para (re)iniciar algo melhor. Neste caso, o que passa pelo dilúvio transformador é o sujeito poético, aquele que, ainda estilhaçado, tenta reunir o que pode, colocar em sua arca (tal qual Noé) e reviver memórias. Ou criar outras, em lugares diferentes, com outra face reconstituída a partir daquela que se estilhaçou, como se fosse um ritual de purificação.

De acordo com a Bíblia Sagrada, em Gênesis 6-12, Deus ordenou Noé a construir uma arca, na qual colocaria sua família e um casal de cada espécie animal da Terra, pois águas invadiriam o planeta, em decorrência da perversidade humana. Assim Noé fez. Depois do Dilúvio, quando Deus ordenou que as águas baixassem, Noé seguiu com sua descendência. Em *Me segura qu'eu vou dar um troço*, Waly dialoga com este mito em “Apontamentos do Pav Dois”:

SÍRIO desponta de dia

DILÚVIO

Confusão da aflição do momento com o DILÚVIO

O DILÚVIO em cada enchente. reencarnação.

NOÉ = intérprete de sinais. O sacasinais. O

mensageiro da advertência.

500 anos = BR.

500.000 anos = idade aproximada da espécie humana.

Memória popular de uma região perdida, onde
uma humanidade sábia e progressista passou anos
felizes em santa e sábia harmonia. (SALOMÃO, 2003, p. 59)

Pode-se identificar aqui a imagem clara do Dilúvio como forma de marcar a turbulência do tempo histórico em que está e também de expor as angústias de si mesmo, vivenciadas naquele instante. O fenômeno das águas invade todo o poema, do início ao fim, portanto será retomada adiante.

O termo sírio refere-se à etnia sírio-libanesa de Waly, portanto é um elemento da sua origem identitária cultural. Mas também se associa à estrela Sirius, que, segundo astrônomos, faz parte da Constelação de *Canis Major*, o Grande Cão, estando lado a lado com a Constelação *Canis Minor*, o Pequeno Cão. É considerada por estudiosos como a que possui maior brilho no céu noturno, além disso, em algumas épocas do ano aparece visivelmente antes do nascimento do sol. Chevalier e Gheerbrant, em seu *Dicionário de Símbolos*, afirma que “no que se concerne à estrela, costuma-se reter sobretudo sua qualidade de luminar, de fonte de luz[...]” (CHEVALIER, 2008, p. 404). Contudo, no caso da estrela Sirius, apesar de sua beleza e luminosidade, é também vista como portadora de mau presságio dependendo da força de seu brilho, já que está envolvida em inúmeros questionamentos ocultos.

A estrela Sirius sempre foi vista como objeto misterioso em várias culturas e por muitos estudiosos, dentre eles, Robert Temple (1976). Uma das sabedorias mais interessantes relacionadas à Sirius, expostas pelos cientistas, é o fato do calendário egípcio seguir o nascimento da estrela. Porém, a entidade estelar recebeu grandes reverências dos povos gregos e babilônios, entre outros. Nota-se, por parte dos pesquisadores, um fascínio imenso pela estrela e uma esperança que nutre a busca por desvendar seus mistérios, acreditando que ao desvelar seus enigmas, trarão também à luz, os mistérios máximos da humanidade.

Waly, ao citar o sírio que desponta de dia, não só se refere a ele, mas vai além buscando um tempo que está bem distante de seu eu presente. Ele busca reunir em uma palavra, vários códigos, significados variados. O mito de Sirius em seu poema é um sinal dos céus, que neste caso não vem totalmente como um anúncio benfazejo, mas como indicação de perigo que precisa ser compreendido se alguém quiser sobreviver a tempos difíceis. No contexto de Waly, a dificuldade se dá pelo enfrentamento da Ditadura Militar de 1964, tempo em que a repressão e a falta de liberdade vigoravam como principais consequências do regime no poder.

Para Waly, voltar à origem é a tentativa de recomeço, para seguir em frente, é necessário buscar a sua própria origem, seu nascimento suas raízes. Não é por acaso que o poeta sempre se sentiu atraído a voltar às terras onde seu pai nasceu, na ilha de Arwad, na Síria. Esse desejo só veio a se concretizar apenas anos depois, em 1999, quando visitou pela primeira vez a casa onde seu pai havia nascido, em que ainda moravam alguns de seus tios, os quais não esperava mais encontrar devido ao tempo que se passou.



Figura 8: Imagem feita por Waly durante sua viagem à Síria, em 1999. (Fonte: Pan-cinema Permanente, Carlos, Nader)

A visita foi filmada pelo próprio Waly e por Carlos Nader, também diretor, sendo que as imagens fazem parte do documentário *Pan-cinema Permanente*, de 2008. Assim que chega à ilha, sua primeira ação foi tocar o chão, senti-lo:



Figura 9: Waly Salomão em visita à Arwad. (Fonte: Pan-cinema Permanente, Carlos, Nader)

Apesar do tempo que se passou, Waly se sentiu em casa, conversando com os parentes, balbuciando as palavras em árabe, conhecendo os lugares por onde seu pai passou. Porém, ao buscar sua origem, ao mesmo tempo que se sente feliz, também é tomado por uma agonia, justamente por perceber que ainda faltava muito para ser descoberto, investigado, lapidado em palavras.

Em busca da origem, Waly volta não só na história do Brasil, mas na história da humanidade como um todo. Ele não deixa de estar em seu tempo, rememorando as ações audaciosas da Ditadura, mas também não abandona o que é construído por inúmeras culturas e povos. Nessas rotas, os mitos são os guias que o conduzem neste caminho de volta que é rota de descoberta do que é humano e, portanto, de si mesmo. Por memória popular, Waly está se referindo ao inconsciente coletivo, que guardou os mitos de Sírius e do Dilúvio, dois mitos nascidos no Oriente Médio, terra da origem racial de Waly. Também de seu povo vem o mito da “região perdida” onde o homem foi feliz, o mito do Paraíso Perdido, que veio da mitologia sumeriana, a mais antiga

conhecida do mundo, e desse ponto disseminou para outras mitologias, inclusive a bíblica.

De acordo com o *Dicionário de Mitologia* (1965), de Tassilo Orpheu Spalding, a mitologia sumeriana guarda significados valiosos a respeito da busca pela origem e do renascimento de povos e civilizações. Dessa forma, a busca se envolve no estudo das famílias e das raízes, envolvendo conceitos de efemeridade, eternidade, dentre outros. Além disso, elementos primordialmente importantes são as águas, os rios e o mar, na tentativa de desvelar os segredos a partir da coragem, pelo fato das águas serem temerosas, constituídas pelos perigos. Waly, nesse sentido, tentar descobrir suas origens, da estrela Sirius ao seu traço identitário sírio, envolvido pelas águas do Dilúvio, que aparece novamente no mesmo poema, em poucas páginas depois, quando o poeta volta a explorar o fenômeno, repetindo alguns versos, criando outros:

Noé = intérprete de sinais. O sacasinais. O
mensageiro da advertência. Incorporação dos
sinais terroristas: – Se não aparecer dentro de
uma hora é porque caí.

Acaba nascendo a necessidade de dar um nome
ou retomar o nome de DESTINO: cadeia: código pra
decifrar minha vida não determinada por mim?
(SALOMÃO, 2003, p. 68 e 69)

Noé novamente é visto como o anunciador dos sinais, já existe um aviso: se não houver volta é porque tudo acabou, “caí”. A viagem arriscada que começará depois de uma tragédia, o dilúvio, é perigosa, trará prodígios, revelações, libertações, mas ainda assim, imprevisível. A cadeia, neste caso, não é apenas a física, mas a que aprisiona o ser, mas que determina também o que é necessário para buscar as origens, o que liberta e forma a identidade. Então, que comece a viagem, que sejam salvas as espécies, as memórias, mas que se renove a terra. O Dilúvio vem como símbolo de regeneração, não do homem que foi preso, mas do poeta enclausurado em si mesmo. Se faltou humanidade, se não há moral ou ética para justificar a ocorrência da vinda das águas, não importa. Há algo maior agora, é o homem, não a humanidade que clama. Waly parece assumir o papel de Noé, mas recolhe sentimentos de várias espécies, escritos vários de distintos homens a fim de instaurar sua própria consciência criadora, que ficará para seus descendentes, seus leitores.

A periculosidade das águas, a ira dos deuses, os seres fantasiosos e fantásticos – na odisseia walyana o que se nota é a coragem de um poeta, que com um pequeno barco, perpassa mares nem sempre benfazejos. Tal como Ulisses, que sai de Ítaca e pelo oceano, entre desventuras, navega até conseguir regressar à cidade natal, Waly sai dos lugares comuns e vai pelo mundo mítico-literário, retira sua face para enfrentar o desconhecido, o não visto. De acordo com Zilá Bernd:

A reedição do mito de Ulisses, da viagem de volta ao país natal, povoava, como se tenta demonstrar, o imaginário das Américas, caracterizando obras cujo intento é o de sacralizar o lugar, demarcar o espaço, afirmar a identidade, fundar uma nação e criar um território cultural. (BERND, 2007, p. 678)

Waly viaja por ter a necessidade de criar raízes, porém ele tem várias raízes, então promove a união de todas, desenhando sua identidade. Nesse trajeto, os perigos são vários, os desejos, as ironias e os percalços. Para representá-los em sua odisseia, o *sailormoon* retoma arquétipos, escrevendo em versos suas peripécias. Essa perspectiva é recuperada em alguns versos do poema “The Beauty and The Beast”, também da obra *Me segura qu’eu vou dar um troço*:

Início da viagem, Ulisses centro do barco
(tapando os ouvidos contra as sereias): – meu
barco vai partir num mar sem cicatrizes
SAIL
OR
MOON (SALOMÃO, 2003, p. 145)

Ulisses amarrado ao mastro do barco tentando não ouvir o ensurdecedor canto das sereias: imagem literária belíssima, que perpassa o tempo. Waly traz essa imagem singular para o poema, tornando-o também único, marcante. Partir num barco sem rasgos, essa é a ideia. Mas, em contrapartida, será impossível voltar sem marcas, sem reflexos de uma viagem que é caracterizada por perigos (in)decifráveis. A odisseia é marcada por grandes ameaças, assim como ressalta Gilberto Durand em *As estruturas Antropológicas do Imaginário*, “[...] Toda a Odisseia é uma epopeia da vitória sobre os perigos das ondas [...]” (DURAND, 2002, p. 105).

Tapar os ouvidos é uma decisão sábia, ao mesmo tempo arriscada. Ouvir o canto das sereias é se deixar enfeitiçar pela melodia por elas entoada. Entretanto, não ouvir o seu canto é deixar de experimentar o novo, de rever as experiências dos navegantes valorosos de outros tempos. Em *A Odisseia*, Ulixes pede que seus tripulantes o amarrem no mastro do navio, para que ele não se entregue às sereias. Muitas manifestações artísticas utilizam essa imagem, afinal, o mito da sereia é recriado e revisto ao longo do tempo por diferentes artistas plásticos e poetas.



Figura 10: *Ulisses e as Sereias*, 1909. Herbert James Draper (Fonte: Ferens Art Gallery, Hull, Inglaterra).



Figura 11 – *Ulisses e as sereias*, John Willian Waterhouse 1891. (Fonte: National Gallery of Victoria. Melbourne, Austrália)

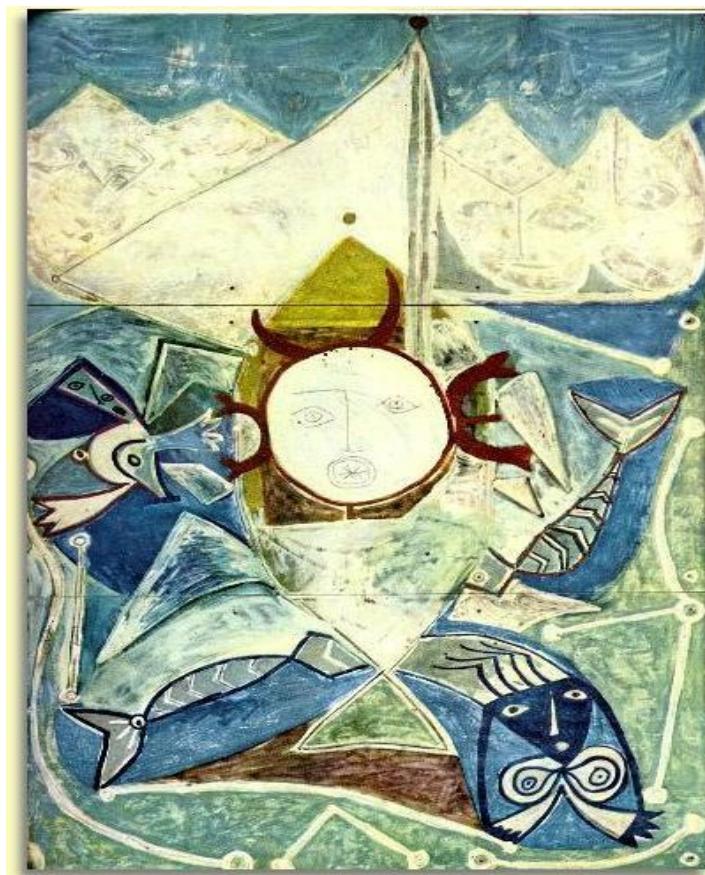


Figura 12: *Ulisses e as sereias*, 1947. (Fonte: Museu Picasso, Antibes, França.)

A sereia, ser mitológico temido, canto que enfeitiça, beleza que entorpece. As viagens dos mais nobres desbravadores marítimos são tomadas por seres temíveis, as sereias são sempre notáveis, terrificantes. Waly Salomão usa essa imagem mitológica não apenas no poema acima. Em “Canto da sereia”, de *Algaravias*, as sereias não aparecem em forma, mas seu canto é:

CANTO DA SEREIA

(Primeiro Movimento)

Tapar os ouvidos com cera ou chumbo derretido.
Construir uma fortaleza de aço blindado em volta
de si.
O próprio corpo produzir uma resina que feche os
poros,
como o própolis faz nas fendas dos favos de mel. (SALOMÃO, 2007, p.71)

As sereias não aparecem de forma direta, mas seu canto é presente. A tradição é como o canto da sereia, traduz-se em torpor. O poeta contemporâneo, instintivamente quer se fechar, construir fortalezas, mas mesmo assim, a tradição é como uma canção encantatória, que enfeitiça. Em um primeiro movimento a ação do poeta se traduz na resistência, mas vê que é impossível, nem com chumbo derretido nos ouvidos conseguirá não ouvir os ecos da tradição. A referência mítica da sereia sugere a posição aflita do poeta na contemporaneidade, que transita em diferentes espaços, construindo assim sua própria face. Nessa perspectiva, a sereia não é como Yemanjá, que acolhe, que cuida. Ao contrário, é o ser temido, como apontam Jean Chevalier e Alain Gheerbrant:

Representam os perigos da navegação marítima e a própria morte. [...] Se compararmos a vida a uma viagem, as sereias aparecem como emboscadas oriundas dos desejos e das paixões. Como vêm dos elementos indeterminados do ar(pássaros) ou do mar(peixes), vê-se nelas criações do inconsciente sonhos fascinantes e aterrorizantes, nos quais se esboçam as pulsões mais obscuras e primitivas do homem. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2008, p.814)

Se são emboscadas, as sereias guardam segredos e também ditam a coragem dos navegantes que tentam enfrentá-las. No oceano, os perigos são infinitos, o mar revolto, os deuses tomados pela ira. Ulisses bem sabia de tal risco, nem por isso abandonou seu trajeto, seguiu seu caminho, porque não dizer, destino. Waly, sabe dos

perigos de ir além, ouvir os cantos da tradição nas suas viagens, buscar uma identidade, seu destino, seu objetivo por vezes mais importante.

Ao longo de toda a obra *Me segura qu'eu vou dar um troço*, continuam as referências aos mitos relacionados à água, aos seres míticos, aos homens corajosos que ousaram se aventurar em mares revoltos. Da cidade perdida de Atlântida, ao tempo perdido dos homens, inúmeras menções, várias redes simbólicas que marcam a viagem de Waly, a qual é regada à leitura de *Ulisses*, de James Joyce, de *A Odisseia*, de Homero. A todo momento, o poeta faz questão de ressaltar que está trancado, “ausente de mim” (SALOMÃO, 2003, p. 143), lendo durante os meses que se passam, navegando em turbilhões de palavras, construindo e recompondo as próprias palavras.

Além de Ulisses, outras figuras mitológicas são apontadas, heróis, condenados, corajosos, destemidos. Entre eles, Prometeu, que da água vai agora para o fogo. De fato, o poeta utiliza os quatro elementos da natureza, aleatoriamente, mas segue destacando a água e fazendo entrecruzamentos interessantes, desafiadores ao leitor que contempla seus versos:

Ave de agouro: toda grandeza deve ser varrida
da face da terra.
Carta para Prometeu. de Ulisses.
Prometeu numa trip. delírio £ rigor. vontade de
pensar uma situação até o fim ROCEDO
Qualidades do personagem Prometeu – deter-
minação tenacidade resistência.
Resistência (endurecerá seu coração até
a morte). (SALOMÃO, 2003, p. 144)

Prometeu, o titã condenado por roubar o fogo de Zeus e entregá-lo aos homens. Por isso, foi condenado a ficar atado a uma rocha enquanto uma ave, possivelmente uma águia, comia seu fígado, que voltava a se regenerar dia após dia. No poema, Prometeu recebe uma carta de Ulisses, apesar disso, Prometeu também está em uma *trip*, viagem, apesar de estar preso ao rochedo, como Waly estava encarcerado no presídio.

Prometeu desperta a ira dos deuses; Ulisses, igualmente; e o poeta, por que não? Ulisses manda carta a Prometeu, para encontrar respostas, quem sabe ideias que justifiquem a *trip*. Mas a *trip* de Prometeu é delírio de um acorrentado. Se poesia é instinto, é sagrada, é a palavra que brota da alma e do espírito, o poeta é também

envolvido por um complexo prometeico, com espírito revolto, incendiando mares em versos, ousando se levantar contra as autoridades instituídas.

De fato, Prometeu é o “pensamento que prevê”, segundo Chevalier e Gheerbrant em seu *Dicionário de Símbolos*, ou seja, aquele que (como Noé) percebe algo que há de vir. Ao retomar Prometeu, o poeta parece recuperar a consciência, entender que a viagem à qual se lançou traz problemas, rememorações duras, consequências irreversíveis. Se Prometeu simboliza a volta da consciência, é porque traz uma revolta, uma desesperança espiritual que também aflige o poeta perdido, sem rumo incerto, aprisionado em várias celas, mas liberto pela sua inventividade.

A odisseia de Waly Salomão não é para tornar mais bela sua vida ou engrandecer seu ego, mas para um crescimento interior, uma busca, por vezes desordenada por sua própria face, já que muitos reflexos são vistos por seus olhos sedentos por uma identidade que dite o seu lugar no mundo. Como o poeta cita em “A RESPEITO DE VIAGENS”:

Hoje eu não posso chorar/ hoje eu sou um
técnico isto é uma pessoa que sabe
movimentar certas forças e explodir outras
isto é um técnico poeta viajante guerreiro
(SALOMÃO, 2003, p. 144)

Guerreiro, mas técnico, sagaz. Chorar, apesar das perdas, é um direito negado. Viajar é ganhar e perder, neste caso, o poeta se engrandece, mas também se descobre como humano, incapaz de ser tão poderoso quanto os deuses. Não é uma desistência, apenas um alarme para continuar a grande viagem, o *sailor* e a poesia, *sailormoon*.

A poesia de Waly Salomão é, portanto, um resgate de imagens e símbolos ancestrais numa odisseia poética. Normalmente percebido na extrema vanguarda do século XX, ele não abandonou o legado mítico e literário que herdou, ao contrário, diluiu e reinventou o passado em seus poemas e torna-se um poeta singular, que articula um imaginário rico em possibilidades significativas. Salomão é um poeta multifacetado, sua poesia vem depois do modernismo, da antropofagia, do concretismo, do tropicalismo. Enfim, é pós-moderno, pós-tudo, nutrindo um fascínio especial pela metamorfose.

Se abolir fronteiras é um lema da pós-modernidade, ele o leva ao extremo, e se propõe a mergulhar em águas perigosas, guiado por vozes pretéritas que podem afogá-lo ou ajudá-lo a decifrar as algaravias, voltar à superfície e atingir a libertação que almeja. Afinal, a odisseia foi/é extensa. Mas, existe a possibilidade do poeta descansar, enquanto vê sua face finalmente inteira, refletida em um lago, assim como o fez Narciso, sendo enfeitiçado pelo próprio reflexo? As algaravias, talvez, dirão!

CAPÍTULO III – Entre os reflexos de Narciso e as fugas de Proteu: em busca de uma identidade.

Agora Sailormoon aporta ao lugar do simulacro, o poeta feito máscara, persona em que o oco dobra e multiplica a voz do outro em timbre próprio e impróprio, espaço impreenchível em que escrever é vingar-se da perda.

Davi Arriguci Jr., in *Algaravias*, p.80

A partir do trânsito entre tradições e contemporaneidade, as viagens de Waly Salomão se repetem em um ciclo mítico. Romper a linha de fronteira com os outros que o antecederam é uma premissa para entender e analisar seus escritos, quando aborda tanto a tradição literária quanto a herança mítica:

Cresci sob um teto sossegado,
meu sonho era um pequenino sonho meu.
Na ciência dos cuidados fui treinado.

Agora, entre meu ser e o ser alheio
a linha de fronteira se rompeu. (SALOMÃO, 2007, p.21)

O poema “Câmara de ecos” trata-se de um dos primeiros poemas de *Algaravias* e com ele Waly já deixa explícito que o outro fará parte de sua poesia, até porque o alheio transforma-se no próprio sujeito. Ao fazer essa escolha, o poeta rompe com os limites temporais e identitários que poderiam impedi-lo de buscar vozes passadas. Como já foi visto anteriormente, através desta viagem no tempo, o imaginário ancestral se torna um elemento importante da poesia walyana, pois o que se dá não é só a retomada de vozes, mas o resgate de mitos e imagens que compõem o próprio fazer poético.

Os capítulos anteriores mostraram que Waly Salomão percorre vários caminhos. Está em seu tempo, mas se distancia dele por várias vezes, numa atitude de sobrepor-se ao tempo e aos limites do sujeito que norteia sua criação poética. O afastamento de Waly em relação ao seu momento histórico não significa um desvincilhamento do presente, mas uma imersão nas mudanças e contradições que o mundo contemporâneo impõe. Esse diálogo com o passado pode ser visto como uma tentativa de constituir sua própria identidade, tão esfacelada em meio às suas inúmeras

máscaras de homem e de artista. Cumpre sua função de navegador, afinal, é um poeta nômade, está em muitos lugares e tempos, mudando constantemente.

Observou-se ainda que em seu primeiro livro, *Me segura qu'eu vou dar um troço*, Waly navega em mar extenso e agitado, com uma versificação abundante e fragmentada, recorrendo generosamente a vozes pretéritas e alheias. Já em *Algaravias*, a viagem continua em águas mais serenas, o poeta deixa-se voltar mais para si. Enquanto continua a deglutição de outro, agora o faz diante de um espelho, repensando sua trajetória, na tentativa ainda contínua de se ver refletido nas próprias páginas. Dessa maneira, é possível ter agora uma visão mais narcísica do poeta, do mar ele passa a navegar em lagoas pouco extensas, mas ainda profundas. Por um momento, pode-se pensar ter enfim capturado a face verdadeira do poeta, mas quando o leitor tenta capturá-lo, assim como ocorre a Proteu, o marujeiro da lua foge e se metamorfoseia num jogo que traz ainda mais intensidade e multiplicidade à sua poesia. De Narciso a Proteu, Waly apresenta uma identidade que talvez não esteja totalmente construída, mas que, desde já, é um enigma que desperta o leitor para continuar nessa busca.

3.1. Olhar nos próprios olhos: *sailormoon* e os reflexos de Narciso.

O homem vive em uma busca complexa, contudo necessária para sua existência. Autoconhecer-se é a premissa para encontrar o que falta em seu próprio ser, buscando o que o completa, uma parte que parece ter sido perdida em algum ponto do tempo e do espaço, mas que precisa ser encontrada para que as fases da vida sejam passadas e consideradas uma forma de crescimento, de desenvolvimento. Para Waly Salomão, a completude parece ser sua poesia, suas palavras que o levam a encontrar-se, a conhecer quem realmente é como poeta e como ser individual.

Ao longo de *Me segura qu'eu vou dar um troço*, Waly já tenta estabelecer restrições à sua busca. Em diversos pontos, como ao reviver Prometeu, concentra-se em dar significado existencial à sua clausura, arquitetando uma prisão metafórica rodeada por palavras inúmeras, em várias línguas, como se fosse uma Torre de Babel. Mais uma vez, os mitos relacionados às águas e às viagens são evidentes, mas em *Algaravias* assumem um tom mais intimista, não amplo como as águas navegadas por Ulisses.

Porém, em *Algaravias* esta concentração se acentua e o poeta segue na tentativa de se libertar da insatisfação de não saber quem é, onde está e a que veio. Dos mares extensos do primeiro livro, onde encontrou seres aterrorizantes, enfrentou dilúvios e renasceu, Waly passa agora a olhar a água como espelho, refletor de sua face. As águas como espelho fazem ressurgir o mito de Narciso, o olhar para dentro dos próprios olhos em busca de si mesmo. Enleado por sua busca, o poeta utiliza a figura de Narciso em vários de seus poemas.



Figura 13: Eco e Narciso, 1903. John William Waterhouse. (Fonte: www.jwwaterhouse.net)

Verdade que em *Me segura qu'eu vou dar um troço*, há referências a Narciso e à fixação pela própria imagem, contudo não se trata apenas de uma paixão por si mesmo, mas algo maior, que envolve uma contemplação profunda, não-superficial. Em “*The Beauty and The Beast*”, poema do qual alguns versos já foram analisados no capítulo II, há uma descrição de uma grande odisseia, em meio às aventuras do marujeiro da lua; porém, nele surgem trechos, estilhaços que, por um momento, não retratam os confrontamentos do poeta diante das forças da natureza e dos deuses, mas que se referem ao próprio poeta, à sua identidade que tenta encontrar.

Poema longo, quase em prosa, que ocupa várias páginas do livro (como é comum em *Me segura qu'eu vou dar um troço* os longos poemas), traz – desde o título – ricas referências simbólicas que perpassam o imaginário antropológico. Para iniciar, o

título traz uma referência aos contos de fadas, *A Bela e a Fera*, num resgate de tradições folclóricas. Destacando o conflito entre os pares opostos, o mais encantador é que ao final, a bela e a fera são a mesma pessoa ou entidade, constituem o poeta, são o poeta. Belo e bravo, belo e perverso, talvez, afinal não deixa com que o apanhemos, faz jogos, cruza caminhos, mas não deixa de ser dotado de beleza, uma poesia diferente, distinta, bela.

Dentro do espelho da minha imagem ameaça
perder a nitidez dos contornos e deixar assomar um
exército de monstros anteriormente invisíveis (filme
de agente secreto – alguém se penteia no espelho
sem saber que é seguido em todos os seus movimen-
tos do quarto vizinho). esta carta por exemplo é um
texto de amor. furo meus olhos para alcançar algu-
ma medida de eternidade. medida de eternidade:
SOL – divindade alada de larga e solta cabeleira.
(SALOMÃO, 2003, p. 144)

Outro aspecto importante do poema é a referência ao espelho. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2008) o espelho pode ser visto como um símbolo de autocontemplação, já que reflete o que se coloca diante dele. Uma superfície espelhada, no caso as águas, das tranquilas às turvas, é também portadora de revelações, pois apesar de ser convencionalmente aquilo que só reflete o aparente, pode desvelar o que está além da aparência, o que está trancado ou escondido no interior. Olhar nos próprios olhos, refletidos no espelho, causa a distorção da imagem exterior, que se transforma naquilo que estava antes encoberto e se revela com a profunda contemplação no próprio olhar, o poeta percorre este trajeto, segue por mares imensos até conseguir mirar seu próprio olhar nas águas tranquilas. Dessa maneira, o direcionamento se desloca para o interior e suas possibilidades escondidas se materializam como parte de um ritual, uma alquimia, tendo o “espelho misterioso” como portal, que revelará, talvez, a identidade tão procurada.

Dentro do espelho estão os segredos, os desejos, as fúrias nem sempre visíveis. No espelho de Waly, a sua imagem está por um fio, perdendo suas formas, se unindo a monstros que antes de iniciar a viagem não estavam nítidos, visíveis. É como se estivesse em um filme de suspense, parece que várias pessoas o seguem, em todos os seus movimentos. Como se encontrar diante de tantos percalços e impossibilidades?

Uma imagem, que aliada à água, também traz sentidos importantes para ao entendimento da composição poética de Waly é a cabeleira. Segundo Gilbert Durand (2002), a cabeleira “contamina a imagem da água.” (p.99) Mais uma vez, nota-se que a viagem sobre as águas resulta do enfrentamento de perigos, pois a cabeleira pode ser laço que prende e puxa para o fundo. Além disso, a cabeleira está associada à temporalidade, como ainda destaca Durand: “a onda da cabeleira está ligada ao tempo, a esse tempo quase irrevogável que é o passado.” (p.100) A cabeleira, que em seu curso natural pode assinalar o quanto já se viveu, é então o sinal da tradição, o que reside em um tempo pretérito e não pode ser anulado.

No imaginário mítico o cabelo longo era símbolo de passagem temporal, pois mostrava que a pessoa estava envelhecendo. No passado ancestral, quando não tinha com o quê se aparar cabelo, os anciões tinham cabelos e barbas longas. Mas no extremo deste símbolo se chega ao seu justo oposto, pois o imaginário supõem que os seres eternos então deveriam ter cabelos mais longos, pois vivem desde o princípio dos mundos. O “Ancião dos Dias”, representação mítica da divindade como ser eterno – que surge em Apocalipse e também é citado no Salmo 90 da *Bíblia Sagrada* – por exemplo, tem cabelos e barbas extraordinariamente longos. Por outro lado, Waly indica o sentido que quer dar à sua cabeleira – que é algo que vai ao passado, mas ainda vive, ou seja, supera o tempo, assim como a sua poesia ao atribuí-la ao sol, que é astro divino e eternamente jovem, segundo diversas mitologias. Afinal, Waly já se colocou como astro de natureza solar quando recorreu o mito de Sirius, que pertence à mitologia sumeriana, a mais antiga. Desse modo, Waly se apresenta, então, como alguém que conhece, viaja por longínquos espaços e lugares, sendo, em decorrência das múltiplas experiências, sábio, uma estrela solar com longas cabeleiras.

Arrumando-se diante do espelho, que funciona aqui como redobramento, reflete o ser, disforme, reflete o céu, o sol, ocorre a união entre água e múltiplos reflexos, sendo que um abarca noções de eternidade, a imensidão do céu, que mesmo em um espelho, extensão demarcada, ainda denota seu caráter eterno, longínquo em vida e sabedoria. Bachelard, em *A poética do devaneio*, explora essa imagem:

Assim, pelo puro espelho do lago, o céu torna-se uma água aérea. O céu é então, para a água, um convite a uma comunhão na verticalidade do ser. A água que reflete o céu é uma profundidade do céu. Esse duplo espaço mobiliza todos os valores do devaneio cósmico. Desde que um ser que sonhe sem limite, desde que um sonhador aberto a todos os sonhos viva intensamente num dos dois espaços, ele quer também viver no outro. (BACHELARD, 2006, p. 198)

A água deixa de ser, então, um espelho individual, mas começa a servir outros, espelha o céu, se une ao céu sendo uma só imagem. Nesse caso, o poeta-senhador deve seguir sua viagem, mas contemplando-se, desviando-se das distrações e buscando seu reflexo, em uma análise minuciosa. É realmente um sonho, sem dúvida, ilimitado. O espelho do lago marca a face do poeta, mas ao mesmo tempo, a descaracteriza:

O lago, a lagoa estão ali. Têm um privilégio de presença. O sonhador pouco a pouco se vê na sua presença. Nessa presença, o eu do sonhador já não conhece oposição. Já não existe nada contra ele. O universo perdeu todas as funções do contra. Em toda parte a alma está em casa, num universo que repousa sobre a lagoa. A água dormente integra todas as coisas, o universo e seu sonhador. (BACHELARD, 2006, p. 189)

Mesmo assim, é fato que no espelho das águas o poeta há de encontrar traços que sugiram pistas para determinar o que realmente procura. A partir da contemplação, o que antes parecia contrário, não mais traz perigos, mas anuncia que revelações estão próximas. Enxergando o céu na superfície espelhada, o que se vê é a tradição, extensa, mas que intercede pelo poeta na formação de sua identidade, pois é a partir dela que ocorrerá a integração do que ele é, do que resultou suas viagens e da exploração de tantas rotas. Waly é um poeta inclassificável em meio à tradição, porém, a partir dessa constatação, uma identidade já começa a se desenhar, em traços lentos e facilmente mutáveis, e, por isso, difíceis de serem controlados.

Pensando nessa perspectiva, a poesia sempre foi um meio do ser humano buscar equilíbrio, expressar suas aflições, desejos, alegrias e infelicidades. Unir palavra e sentimento nunca foi fácil, ao contrário, exige uma habilidade sincera, fiel ao que se é. Todavia, como encontrar a identidade por meio da poesia se o poeta deseja primeiro constituir-se como sujeito? Parece ser este o questionamento conflitante de Waly Salomão. Sua poesia reflete sua busca intensa por algo que ainda não se sabe, nesse caminho, vai construindo poemas, versos vão sendo escritos na tentativa de esclarecer de onde vem esse sujeito amalgâmico, imerso em grandes associações culturais, que

afirma sobre seus escritos, seu livro: “É assinado pelo poeta-guerreiro descido em mim – SAILORMOON.” (SALOMÃO, 2003, p. 173).

No poema “Roteiro Turístico do Rio”, Waly admite sua descrença diante da procura, afinal quanto mais busca, mais se depara com uma imagem ainda distorcida, disforme. Trata-se de uma das descrições mais belas e impactantes do livro, encantando e assustando o leitor. O marujeiro, antes já apresentado como o dilúvio ou o que desponta como Sírius, agora se mostra diferente:

Já não conheço mais os traços do meu rosto
SENHOR eu sou o mais humilde dos seus servos
nada mais se esconde sob este nome WALY DIAS
SALOMÃO não tenho nenhum mistério não aprendi
nenhum truque nenhum grande segredo do eterno
não tenho nada a preservar – instituído território
livre do meu coração: o artista nasce da morte.
Balança de Salomão anel de Salomão signo de
Salomão provérbios de Salomão sabedoria justiça
equidade de Salomão breves discursos morais do
sábio acerca de vários assuntos convite e exor-
tacão da sabedoria aquisição de sabedoria.
Minerva, minha madrinha. Minerva, deusa da
sabedoria, minha madrinha. Nossa Sra. Aparecida,
padroeira do meu mês/ país. TEMPLO DE SALOMÃO.
[...]

Hora do nascimento: 5 horas da manhã.
Local do nascimento: Rua Alves Pereira 14 –
sede do município de Jequié/ Ba. (SALOMÃO, 2003, p. 126)

Nas viagens longas, o poeta perde o conhecimento do próprio retrato, do seu ser. Sobre Waly Dias Salomão, não parece existir tantas dúvidas, mas sobre o *sailormoon*, ainda há muitos segredos. Para o artista nascer, o homem morre, renasce em forma de outro, buscando sua consciência, adquirindo sabedoria. Não é por acaso que logo abaixo dos versos descritos, tece outros, um epítápio longo, em que declara a morte do homem e o nascimento do poeta: “EU SOU POETA LOUCO APEDREJADO CALÇADAS.” (SALOMÃO, 2003, p.127). E assim segue, “Sailormoon: este sumo retrato, o dedo de deus no gatilho: Sailormoon: - Valei-me Prinspe peixe do mar.” (SALOMÃO, 2003, p. 170), sua viagem.

Já em *Algaravias*, Waly parece navegar em mares não tão agitados, mas ainda assim perigosos. Na brincadeira muito séria de tentar organizar os ecos, a gritaria de

vozes, ainda se depara com desafios importantes, enfrentamentos que trarão respostas. A odisseia não acabou, mas está centrada em outros aspectos, agora do enfrentamento. Talvez a diferença entre as duas obras é que em *Algaravias* o tom parece ser mais sereno, o poeta já viveu várias experiências, então talvez tenha mais auto-aceitação, consiga admitir e até abraçar sua multiplicidade. Das fúrias marítimas, dos seres que despertam o temor, ainda não está livre, mas pode continuar uma busca. Apesar das vozes múltiplas ainda causarem desconcerto, o que se tem é a busca pela calmaria, que talvez seja a própria palavra, que é explorada ao máximo, é o símbolo de grande valor que não deve ser de forma alguma abandonado, mas revivido, retomado, afinal “escrever é se vingar da perda” (SALOMÃO, 2007, p.33) não deixar com que os ocos continuem vazios.

Waly, em *Algaravias*, sai dos grandes mares e passa a navegar em águas menos turbulentas. Das viagens que fez, rememora, em “POEMA JET-LAGGEG”:

Viajar, para que e para onde,
se a gente se torna mais infeliz
quando retorna? Infeliz
e vazio, situações e lugares
desaparecidos no ralo,
ruas e rios confundidos, muralhas, capelas,
panóplias, paisagens, quadros,
duties free e shoppings... (SALOMÃO, 2007, p.29)

Pode-se inferir que viajar é algo doloroso, afinal, o conhecimento do viajante é ampliado, como filtrar as informações, absorver o que lhe interessa para se formar sujeito? A volta é a parte mais difícil, complicada. Por isso, o melhor é seguir navegando, mesmo em águas calmas, de modo que vários mitos e imagens continuam sendo explorados pelo poeta ao longo de todo *Algaravias*. Exemplo disso, é o retorno da figura mítica das sereias, já mostrada em *Me segura qu'eu vou dar um troço*, e que na verdade é um dos mitos mais trabalhados pela literatura e pelas artes em geral. Em *Algaravias* ele é sugerido diversas vezes e ganha destaque em “Canto da Sereia”, poema em dois movimentos. O primeiro movimento, analisado anteriormente, está mais para o início da viagem, marcando um momento de ousadia, em que o navegante busca se livrar do canto enfeitiçado da sereia. O segundo movimento do poema sugere um instante mais tranquilo, como se a viagem estivesse perto de terminar, ou pelo menos, como se houvesse uma ilha próxima, em que se pudesse descansar, mesmo ainda tomado por uma obsessão:

CANTO DA SEREIA

(Segundo Movimento)

A flor de estufa
salta a cerca
para iluzir no mangue.
E se emprenha de fulano, sicrano e beltrano.
Sua vida atual reverbera vozes pretéritas,
Adivinha vozes futuras

Sua obsessão:
Que Eco se transforme em Narciso,
Que Eco se metamorfoseie em fonte. (SALOMÃO, 2007, p.73)

Para os árabes, o narciso tem algumas significações, como flor: “Para os poetas árabes, o narciso simboliza, por causa da haste reta, o homem de pé, o servidor assíduo, o devoto que deseja consagrar-se ao serviço de Deus.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2008, p.814). Dessa forma, poeta, o homem que quer estabelecer o contato com o divino, a própria poesia. Waly cruza tradições, do mito grego à cultura árabe, à religião. No mito da Grécia antiga, Narciso se contempla nas águas claras, se vê duplo, consigo mesmo e se parte de um todo. Segundo Bachelard:

Mas Narciso, na fonte, não está entregue somente à contemplação de si mesmo. Sua própria imagem é o centro de um mundo. Com Narciso, para Narciso, é toda a floresta que se mira, todo o céu que vem tomar consciência de sua grandiosa imagem. (BACHELARD, 1997, p.26 e 27)

Narciso é grande, forte, imagem que resplandece enquanto o mundo parece estar estático para fazer parte do belo reflexo. Já a palavra poética é uma flor frágil, rara, de tão delicada nasce em uma estufa, mas na modernidade ela saltou a cerca, entremeando-se nos outros, conhecidos, desconhecidos, sempre gerando o novo. Mas o atual olha para o passado, ilumina as vozes do pretérito. O tempo é para ser enfrentado, impossível se desvincilar do passar temporal, que deve ser aceito, mas não como sinal de conformismo. Transitar, apagar rastros e apegar-se a outros, é um caminho que Waly segue. Sabe ser impossível deixar de ouvir os ecos do passado, mas busca selecioná-los, dando um rumo distinto a vozes que agora são suas, se transformam em suas próprias palavras, dessa forma, não há outra maneira de se pensar, navegar é preciso.

Eco não está alheia à fonte, pois nela vive, quando Narciso se vê nas águas, Eco se torna parte de sua imagem, eles se unem em um amálgama, assim como a poesia

e o poeta. A poesia de Waly Salomão é o próprio Waly, é o *sailormoon*, o marujeiro. Sua imagem se reflete também em versos, palavras, como uma poção alquímica em busca da completude, metades que se fundem em um ser uno. Pode-se dizer que Eco representa a palavra, a poesia revestida em flor, já que a vontade do poeta é que se converta em Narciso, sendo assim o manancial de onde brotarão novas flores, que atrairão muitos que buscam pelos mistérios guardados pelas águas. Em *A água e os sonhos*, Bachelard destaca Eco e Narciso:

Narciso vai, pois à fonte secreta, no fundo dos bosques. Só ali ele sente que é naturalmente duplo; estende os braços, mergulha as mãos na direção de sua própria imagem, fala à sua própria voz. Eco não é uma ninfa distante. Ela vive na cavidade da fonte. Eco está incessantemente com Narciso. Ela é ele. Tem a voz dele. Tem seu rosto. Ele não a ouve num grito. Ouve-a num murmúrio, como o murmúrio de sua voz sedutora, de sua voz de sedutor. Diante das águas, Narciso tem a revelação de seus duplos poderes viris e femininos, a revelação, sobretudo, de sua realidade e de sua idealidade. (BACHELARD, 1997, p.25)

Eco, a ninfa da palavra, abandonada pelo belo Narciso ficou a repetir as palavras dos outros. Entretanto, o poeta deseja ardente mente que eco se transforme em Narciso, o distinto, e que se metamorfoseie em fonte, águas férteis que originaram a poesia. A palavra então será a essência, será a base e a origem. Mais uma vez a linha de fronteira se rompe, a palavra se transforma em viajante e navega em muitos mares perigosos, conhecidos ou nunca antes navegados.

Nota-se que o segundo movimento do poema é diferente do primeiro, mostra uma nova forma de se olhar diante das vozes, das algaravias. O poeta vê a sua palavra, se coloca como Narciso, sua poesia é Eco. Sua obsessão é que Eco se transforme em Narciso, que sua poesia seja ele mesmo, que sua poesia seja fonte para outros poetas depois dele. Ou seja, que suas próprias palavras também sejam devoradas, que sejam o lugar de onde brotarão outras palavras e assim ele também se incorpore à tradição.

Narciso não está apenas com Eco, mas com toda a natureza, sendo o centro do universo, olhando para si e ao mesmo tempo para tudo aquilo que o constituiu como ser. O poeta se comporta da mesma forma, olha para as águas, se vê e também enxerga tudo o que o influenciou, o fez tomar decisões e considerar caminhos para a construção de sua própria poesia. Este é o desejo do marujeiro, seguiu sua viagem em busca de uma identidade, de sua face estilhaçada, para deixar suas palavras brotarem, como em uma fonte, se dispersarem até que se tornem o verdadeiro canto da sereia, aquele que

entorpece, mas encanta. O espelho de Narciso, que se transforma em flor, o que é então? Segundo Bachelard (2006):

O espelho das águas? É o único espelho que tem uma vida interior. Como estão próximos, numa água tranquila, a superfície e a profundidade! Profundidade e superfície encontram-se reconciliadas. Quanto mais profunda é a água, mais claro é o espelho. A luz vem dos abismos. Profundidade e superfície pertencem uma à outra, e o devaneio das águas dormentes vai de uma à outra, interminavelmente. O sonhador sonha sua própria profundezas. (BACHELARD, 2006, p. 189)

O espelho unifica, traz a vida, ou melhor, traz à vida. Assim como diz Durand, “a água, além de bebida, foi o primeiro espelho dormente e sombrio.” (DURAND, 2002, p. 95). Mergulhar no lago é buscar a profundidade, estar em contato com o que ainda não se sabe, mas se deseja. O mergulhar no próprio interior, sonhando com o rosto exterior aliado ao que se funde em profundidade, interioridade do ser. A face que Waly tanto procura está unificada ao que ele é como sujeito poético, ao que aprendeu, em várias línguas, em meio à multiculturas, face e interior, constituem o resultado do mergulho profundo no espelho aquático.

Além disso, o olhar de Narciso também desperta a esperança de tempos que virão, do que há de acontecer depois do episódio de contemplação profunda. Narciso, se afunda no lago, se converte em flor. A poesia de Waly, não afunda, mas mergulha nas águas, das profundas às rasas, das escuras às claras, para se transformar em flor, o que ocorre quando o poeta se mira no lago das tradições, das vozes embaralhadas em forma de algaravias. A poesia é então flor, antes de estufa, agora luzindo sob o sol, assentando-se na face de Eco. E as faces do *sailormoon*? Identidade descoberta, traduzida, não! Ainda um mistério. Os caminhos da poesia foram traçados, rotas percorridas sem bússola, mas guiadas pela memória. Se questionamentos ainda são feitos sobre Waly, o poeta-viajante, quais são as suas faces, se é possível perceber uma única face, talvez não. Uma identidade múltipla, rodeada por metamorfoses camaleônicas, eis o poeta das algaravias.

3.2. Das fugas de Proteu: as metamorfoses do marujeiro da lua.

Em sua viagem mítica pelo tempo, Waly tenta instituir uma identidade, além de buscar compreender a sua realidade estilhaçada, a contemporaneidade. Mas se ele é um poeta nômade, ou seja, está em tantos lugares, mudando constantemente, da Síria à Bahia, da Bahia ao Rio de Janeiro, da poesia à música, da música à direção musical, como tecer características acerca de sua identidade? Esse questionamento não é só do leitor que, perplexo e enfeitiçado lê a poesia walyana, essa dúvida é do próprio poeta, afinal, não é à toa que ele se intitula *sailormoon*, ou o *poeta das algaravias*, que muito ouve, muito faz, desordenadamente, não se deixa capturar em uma classificação.

Impossível não se lembrar de Proteu, deus marinho, que era filho dos titãs Tétis e do poderoso Poseidon. Proteu cuidava dos rebanhos de seu pai Poseidon, era aclamado como profeta, pois tinha um invejável dom, o da premonição. Ele, ao contrário, não gostava de usar seu dom, quando algum humano se aproximava, ele simplesmente fugia ou se metamorfoseava em bestas marinhas, assustadoras e terrificantes. Se houvesse alguém com tamanha coragem para enfrentá-lo, Proteu usava seu dom, previa o futuro, foram poucos os que conseguiam. Capturar Proteu era o maior dos desafios, encontrá-lo, quem poderia? Sua identidade era múltipla, sempre desconhecida, pois vivia a se metamorfosear.



Figura 14: *Proteu*, xilogravura de Andrea Alciato, 1531.

De *Me segura qu'eu vou dar um troço* a *Algaravias*, o que se tenta fazer é descobrir quem é o poeta, qual a sua identidade. Porém, sempre que o leitor pensa tê-lo alcançado, capturado sua essência, ele foge, se dispersa sob novas máscaras. Se coloca como Proteu, que sempre conseguia escapar quando alguém o procurava, tentava descobri-lo. No início da obra *Algaravias* algo desperta atenção, um poema em destaque, em uma das primeiras páginas:

*What is poetry?
– Poetry! that Proteus-like idea...*

Edgar A. Poe (SALOMÃO, 2007, p.15)

O poema de Edgar Allan Poe abre a obra *Algaravias* e instaura um debate importante: O que é a poesia? Segue a ideia de Proteu, é como Proteu. Para descobrir a identidade de Waly Salomão como poeta, ora marujeiro, ora tecelão de algaravias, é preciso compreender sua poesia. Esse é o desafio, tantas línguas, tantas menções e referências, quando se imagina ter classificado ou apontado características exatas à poesia de Waly, rapidamente se nota o contrário, não se tem certeza do que realmente é, tropicalista, contemporâneo, árabe, brasileira, vanguardista? Assim como Proteu, os próprios versos se metamorfosem, como, por consequência, o poeta faz.

Ao longo de toda a obra *Algaravias*, notam-se as múltiplas faces de Waly. Em determinado poema, poderia se pensar em um rótulo, mas quando a página é virada, as ideias mudam, pois já é outro poeta, outra face. Alguns poemas ainda representam uma turbulenta odisseia, outros buscam a calma, o equilíbrio. Considerá-lo um poeta classificável é algo complicado, visto que sua poesia se funde em muitas facetas. O livro traz inúmeras menções a diferentes tipos de cultura, línguas, manifestações religiosas: Waly é árabe, católico, mulçumano, brasileiro, africano, japonês. Assim como Proteu, vive a metamorfosear. No poema “*Lausperene*”, é o momento de ele lidar diretamente com as vozes da literatura brasileira, numa posição tanto crítica quanto contemplativa:

Quase qualquer antologia
da atual poesia nacional:
sequência segue sequência
de poema-piada
e pseudo-haicai.
Ou o pior de tudo
e o mais usual:
brevidade-não concisão

brevidade-camuflagem
de poema travado
engolido pra dentro.
Belo é quando o seco,
rígido, severo
espende em flor.
Seu nome: Cabral.
Nome de descobridor. (SALOMÃO, 2007, P.23)

“Lausperene” é um título extremamente sugestivo, já que se refere à exposição contínua do Santíssimo Sacramento, em todas as igrejas de uma cidade. Com duração de mais ou menos 40 horas, a exposição retoma o nascimento, morte e ressurreição de Jesus, em sequências. O uso de um termo da Igreja Católica revela, mais uma vez, os caminhos variados traçados pelo poeta. Lausperene aqui, parece ser a própria poesia, a literatura exposta em vários lugares, desde seu nascimento até a sua ressurreição. Dos poemas-piadas de Oswald de Andrade aos pseudo-haicai, até se chegar à beleza, que é rígida, dura e severa, mas faz brotar flores (como não rememorar Narciso?). O nome de Cabral então é colocado, nome de descobridor, mas não tanto daquele que talvez tenha descoberto o Brasil quanto o de outro Cabral: João Cabral de Melo Neto, descobridor da moderna poesia brasileira, segundo Waly.

Algaravias, sendo sua quarta obra, premiada, poderia talvez ser capaz de caracterizar o poeta, assim como se fez outros tempos – com outros poetas – mas, ao contrário, a própria obra-prima, segundo se diz, é inclassificável. Sim, obviamente, são algaravias, sons emitidos de uma só vez, altos, baixos, entrelaçados na bagunça permitida e poderosa de um poeta que guarda uma “falange de máscaras”. Oswald de Andrade, João Cabral de Melo Neto, os poetas românticos, são inúmeras as máscaras utilizadas por Waly. Um dos poemas que seguem evidenciando as fontes em que Waly bebe é “TAL QUAL PAUL VALÉRY”:

dorenavant, doravante,
(somente em algum caso específico
com calculado efeito retroativo)
cada poema
... onde tudo é equilíbrio
e cálculo...
consitui
em si
per si
a resolução de ser poeta.
... onde tudo é equilíbrio
e cálculo
como na música de Stravinsky.
Valéry não é arremedo de escudo

para o acuado remoedor do ar de medo:
um poema deve ser uma festa do intelecto.
E poemas e festas e intelectos implicam riscos.
Cuidado para não escrever:
ali, onde tudo não é senão ordem e beleza, luxo e volúpia.
Mas nada de emenda
pois este paraíso-artefato
só se atinge de fato no poema.
Por que proibi-lo de ser o delírio das sensações?
[...]
Sei, com os antigos e alguns vivos,
que a fobia castra os ritmos
e as formas da coragem.
Sá de Miranda, Camões, Cesário,
João Cabral, Augusto, Ashbery:
a resolução de ser poeta
sem precisar o peito
estufar
de vãvaronice.
E, no mais,

POESIA É O AXIAL. (SALOMÃO, 2007, p.27 e 28)

Paul Valéry, poeta francês, simbolista e modelo admirado pelos modernistas, serve como fonte para Waly agora. Com ele, o poeta-nômade aprende que a poesia é o centro e que o poema deve se desenvolver nele mesmo, sem preocupações. Em cada poema, ser poeta é uma diferente função, pois há a inauguração de novos significados. Não há ciência exata na poesia, pois o processo de fabricação do poema é único e é, talvez, mais relevante que o resultado. Como na era artesanal, o fazer é que é valorizado, é algo que tem forma a partir da criação e não anterior a ela. E assumindo seu procedimento de apropriar-se das vozes alheias, Salomão vai em frente e já não cita apenas Valéry, mas toda uma multidão que comparece ao seu bazar poético (“Sá de Miranda, Camões, Cesário, João Cabral, Augusto, Ashbery”). A poesia é o eixo, é o que norteia e organiza as várias vozes utilizadas pelo poeta. A poesia, portanto, funciona como esqueleto, que dá forma e estrutura ao corpo, que, nesse caso, são os poemas feitos a partir de amálgamas das inúmeras algaravias. O que a poesia torna possível é o encontro de tantos poetas em um único poema, ocorre uma unificação, sendo que para Waly não importa o estilo poético, mas a criação poética.

Outro poeta relembrado por Waly é John Ashbery (1927), criando um poemahomenagem, em que Waly se vale da voz do outro para encontrar a sua. Ashbery é um poeta estadunidense, precursor da poesia da intitulada “Escola de New York”, que

vigorou nas décadas de 50 e 60. Uma das características da escola e, portanto, de Ashbery é a composição de poemas extensos, marca inclusive utilizada por Waly em algumas de suas criações. Pensando nisso, retomando a imagem tão cara da viagem em alto-mar, em “Carta aberta a John Ashbery” , retoma sua navegação investigando pegadas que talvez o levem ao que procura, parando em uma ilha, a memória:

A memória é uma ilha de edição – um qualquer passante diz, em um estilo nonchalant, e imediatamente apaga a tecla e também o sentido do que queria dizer.

[...]
E os dias sucedem-se e é firmada a intenção de transmudar todo veneno e ferrugem em pedaço de paraíso. Ou vice-versa.
Ao prazer do bel-prazer,
como quem aperta um botão da mesa
de uma ilha de edição
e um deus irrompe para resgatar o humano fardo.

Corrigindo:
o humano fado.
(SALOMÃO, 2007, p.43 e 44)

Diante de tantas vozes, a memória deve servir como uma ilha de edição, guarda tudo, mas edita, seleciona e corrige o que mais interessa e é pertinente. A partir disso, o poeta vai determinando o que faz parte da constituição de sua verdadeira face, mesmo sendo uma face diversa, fundida em várias formas. Resgatando Valéry, Wallace Stevens – poeta modernista norte-americano – , John Ashbery, o poeta novamente se vê em um mar violento, revolto, retoma a dificuldade e o perigo de viajar. Porém, continua, mesmo sabendo das limitações que o cerca. Em “Domingo de Ramos”, por exemplo, o poeta, enfim, se apresenta:

I
O indesejado das gentes entrou, enfim, na cidade.
Seu peito é só cavidade e espinho encravado,
cacto do deserto das cercanias,
torpor de quem se sente aplicado por cicuta
ou mordido de cobra.
[...]

II
 Ele: o amalgâmico
 o filho das fusões
 o amante das algaravias
 o sem pureza.
 [...]

III
 Domingo de Ramos
 (Palm Sunday).
 Dentro do helicóptero
 lá em cima
 o diabo recorda-lhe, então, um conto de Sartre,
 sobre Erostrato, o piromaníaco,
 que adorava olhar os homens
 bem do alto
 como se fossem
 formiguinhas. (SALOMÃO, 2007, p.53-56)

Domingo de Ramos, feriado cristão, celebra a chegada marcante e festejada de Jesus a Jerusalém, antes da Páscoa, quando se lembra de sua morte e ressurreição. Mais uma vez, o poeta utiliza contradições interessantes, pois quem entra é o “indesejado das gentes”, não é alguém esperado, que terá sua vinda festejada. O termo foi citado por Manuel Bandeira em um de seus poemas¹³, quando se refere à morte, mas, no poema de Waly, o indesejado é o próprio poeta, talvez, o próprio Waly, indesejado em suas façanhas, em seus gestos intensos no meio das praças da Bahia, fazendo até seus amigos fugirem, por ser tão performático, um personagem teatralizado.

Como poeta, também poderia ser tido como “indesejado”, afinal é um poeta de difícil leitura em muitos pontos, utilizando vários artifícios na escrita de seus poemas, citando outros, fazendo ecoar ainda de modo ainda mais estridente as algaravias da literatura, cruzando fronteiras, criando fronteiras. Para os olhos do leitor, apesar de já perceber que os versos que lê são escritos por um poeta único, imerso em teias múltiplas de conhecimento e cultura, ter esta afirmação é algo primordial. Ele, o filho das fusões, que ama apaixonadamente as algaravias! Apesar de se dizer sem pureza, não é totalmente assim, pois o fato de aceitar várias identidades, já é algo puro num estilo peculiar ao poeta; algo que cinge uma identidade única, que cria algo singular, individual, só dele. É possível dizer que Proteu, enfim, revelou sua verdadeira identidade em meio a tantas metamorfoses? Não, ainda não!

¹³ Poema “Consoada”, de Manuel Bandeira, publicado em *Libertinagem*, 1930.

Diante de tantas intersecções culturais, o que se tem ao certo sobre o Waly Salomão, ou sobre o viajante-marujeiro, é que o mito de Proteu ainda vigora, afinal, “Poeta mente demais...”¹⁴. E quanto ao dom da premonição, assim como Proteu, *sailormoon* o tem? Não é por acaso que tantos poetas são rememorados nos versos de Waly, para saber do futuro, o presente de vê ser explorado ao máximo, mas, talvez mais primordial, é preciso conhecer minuciosamente o passado. Mas, assim como o velho do mar, o poeta ainda quer se safar das perguntar sobre os tempos vindouros.

O poema POEtry finda Algaravias, mas ao mesmo tempo, faz tudo circular, torna a obra cíclica. Além disso, resgata a figura de Proteu e ao mesmo tempo incendeia percepções na mente do leitor, que tenta descobrir quem é Waly e o que é a sua poesia, ou, até mesmo, o que Waly acredita ser a sua poesia:

O que é poesia?
– Poesia?
esta ideia
talqual
Proteu...
Edgar A. Poe
(SALOMÃO, 2007, p.76)

De um poema de Poe, Waly traduz anseios também seus. O que é poesia? “POEtry”. Seria, em uma tradução livre, POE: tentar – poesia? Intrigante, mas o que mais se destaca é que com pequenos e simples versos, talvez ele também consiga responder ao principal questionamento aqui dilacerante: O que é ser contemporâneo? Qual a identidade do poeta contemporâneo? A poesia contemporânea é como Proteu, não se deixa capturar, mas ao mesmo tempo, pode-se constatar que aqui não se trata apenas da contemporaneidade, mas da poesia de qualquer tempo, espaço, ser.

O título criado por Waly, “POEtry”, poesia é tentar entender, Poe tentou, Waly tentou, vários tentaram. A poesia vem para trazer o que o homem busca, é seu contato mais sublime com o transcendental, o que tem e não tem nome, às vezes. Waly busca isso, aquilo que sabe serve de base, mas para ir à procura do que responderá suas dúvidas sobre seu ser, sua vida, suas máscaras. O verbo tentar, traduzido do inglês *try*, poderia servir de base para fundamentar essa noção de busca, na tentativa de encontrar respostas, alcançar o que se almeja.

¹⁴ Verso do poema “Persistência do eu romântico, de Algaravias, 2007, p.58.

Da mesma forma, para tentar “capturar” sua identidade é preciso ser mais que um leitor atento, é preciso entender as tais inúmeras máscaras que ele utiliza, tarefa árdua, afinal, até os seus amigos mais íntimos não conseguiam estabelecer diferenças entre “Waly – poeta” e “Waly – sujeito social”. *Tal qual Proteu*, era Waly, quando tentavam descobrir seus segredos, metamorfoseava-se, sem medo dos distintos caminhos que poderia percorrer. O desejo de ser poeta polifônico não deixa que ele se coloque como um, mas como vários. A legião de máscaras de Waly Salomão não deixa que ele seja capturado, classificado, colocado em determinado lugar ou outro. Ele está em vários lugares, característica predominante do poeta contemporâneo, mas em Waly é ainda mais enfática. Ele é um, mas é também muitos, *a linha de fronteira se rompeu*, o que torna ainda mais fascinante experimentar algumas de suas máscaras.

O último poema de *Algaravias*, traduzido de Poe, deixa uma mensagem profética e desafiadora para o leitor (crítico) que queira realmente saber quem é Waly e como classificar sua poesia. Basta se mirar na imagem de Proteu, no mito do poderoso cuidador dos rebanhos de Poseidon: a poesia é como Proteu, prescreve o futuro, contudo não se deixa capturar, assim como o poeta. Mas, se o homem for dotado de imensa coragem para abarcá-la, prendê-la e decifrá-la, poesia e poeta se revelam. A melhor parte de toda essa mensagem é que ainda não houve sinais de tanta coragem, o que é, certamente, brilhante e instiga poetas e leitores a seguirem buscando respostas, em muitas viagens, provocados por aqueles que se metamorfosem usando das mesmas faces de Proteu. Waly Salomão, tal qual Proteu, ainda reverbera muitas vozes, em muitas máscaras e amálgamas, despertando audaciosamente a coragem de muitos, que o seguirão no mesmo barco do *sailormoon*, a desbravar mares tecidos por múltiplas fusões e algaravias. Então, que a viagem continue e que as máscaras se multipliquem!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

NOVÍSSIMO PROTEU

Escorregadio que nem baba de quiabo
Escapo que nem dorso de golfinho
que deixa a mão humana abanando
sem agarrar nada.

[...]
Um cenário que muda de figura.
A chama da metamorfose me captura.

(SALOMÃO, em *Lábia*, 1998, p. 64)

Pesquisar o indecifrável é indubitavelmente um desafio árduo e sedutor. Procurar dados, informações já vistas, mas que foram exploradas de outro modo e torná-las inovadoras, um papel instigante. Mirar a figura de um homem inquieto, “mascarado”, tentar conhecer suas facetas: como? Talvez não seja assim tão complicado, basta olhar bem, os detalhes, as mínimas evidências e assim conhecer o poeta, o criador dos babiliques: Waly Salomão.

Em face de suas grandes multiplicidades, se lançar na descoberta das rotas que o poeta percorreu é desafiador, mas ao mesmo tempo, é algo que desvela a sabedoria, o conhecimento de um marujeiro da lua, que não se deixa enganar pelos perigos dos mares e segue em frente, construindo máscaras, faces de um mesmo ser. O mito permeia esse caminho e se postula como revelação, estilhaços das tradições clássica e literária, desvendado os mistérios instituídos pela poesia.

Waly devora o que vê, recria os sinais que enxerga na escuridão indecisa de um tempo com pequenas luzes. As direções não decididas, as fragmentações são experimentos de uma poesia espelhada na arte do amigo Oiticica, nas canções que enveredam o nome do poeta entre as frestas mínimas deixadas entre as paredes resistentes do prédio das “artes dos ofícios”. As leis instituídas para a fabricação de sua poesia são unicamente suas, criadas por ele mesmo. A regra é não ter regras, é não ter restrições, devorar o que se pode recriar, tingindo o recriado com a tinta que respinga de sua própria face, múltipla. Waly foi desafiador, pois ao mesmo tempo em que recorre à tradição, é capaz de transformar significados, carregando-os da tradição à

contemporaneidade, em misturas intrigantes, sob uma nova visão, que é híbrida, erudita e popular, ao mesmo tempo. A escrita para Waly é uma forma de alcançar o não-nominado. É algo vital, que o torna sujeito de sua própria história.

A figura de Narciso norteia a discussão sobre a identidade que o poeta busca para si partindo da identidade de outros, além disso, as águas mais calmas estarão em evidência, águas doces, que darão espaço à contemplação, às reflexões individuais do poeta. Já Proteu representa as metamorfoses que Waly sofre ao longo de sua trajetória. Nas variadas rotas pelas quais navega, o *sailormoon* muda suas máscaras, capturá-lo é a forma de capturar também sua poesia, mas será possível? “Sob que máscara retornará o recalcado?” (SALOMÃO, 2007, p.36). Esta é maior indagação de Waly em “A fábrica do poema”. Se há tantas máscaras, como retornará a face original do poeta? Afinal, até a liberdade (de)marca limites. Retornará para retornar à viagem, recomeçá-la.

Enfim, tanto em *Me segura qu'eu vou dar um troço* quanto em *Algaravias*, Waly busca sua identidade poética, o que pode ser percebido a partir da análise das imagens e dos mitos em sua poesia. Porém, percebe-se que essa identidade não é facilmente percebida, por ser múltipla. O *sailormoon* escolhe várias rotas, porque possui várias faces. A água, assim como ressalta Durand, é o espelho, mas “o espelho não é só processo de desdobramento das imagens do eu, e assim símbolo do duplicado tenebroso da consciência, [...] a água constitui, parece, o espelho originário.” (DURAND, 2002, p. 100). Portanto, ao se lançar nas águas da tradição, Waly não se curva diante do perigo, mas traça rotas inovadoras para construir seus caminhos. A origem é sempre revista, a tradição está presente, porém o marujeiro “pesca” aquilo que o faz sobreviver, palavras, recriando-as. Começa cingir pontos de sua própria origem, mas também buscando a origem universal, do homem e de seus mistérios.

Diante de uma pesquisa tão inspiradora, noto que continuar no trabalho investigativo é primordial. Por isso, em futuras pesquisas, no doutorado, continuarei a tratar da poesia de Waly Salomão, pensando na obra completa do poeta. Além disso, pretendo fazer comparações entre Waly e outros poetas e também analisar outros mitos, sem abandonar os mitos relacionados às águas, mas abrangendo a análise.

Esse desejo de continuar com a pesquisa se torna mais instigante quando se percebe que em outras obras, além de *Me Segura que eu vou dar um troço* e *Algaravias*, o poeta continua no mesmo percurso, da odisseia conflituosa, às águas calmas de

Narciso. Em *Lábia*, obra lançada em 1998, logo depois de *Algaravias*, Waly ainda demonstra imenso fascínio pelo mar:

MAR MANSO SERENO

mar manso sereno,
reverberas a teoria do caos:
raivas blasfêmias dentro de mim

Ondina,
marulhas langor e melancolia
na praia brava do núcleo mais egóico do meu ego
que baba iconoclastia
na crista da onda intumescida
por piratarias literárias
e marés cheias de ânsias suicidas
e cóleras homicidas.

(SALOMÃO, 1998, p. 41)

Das palavras que alimentam o ego, àquelas que destroem os paredões das normas, para fazer novas. O mar é capaz de trazer à luz os anseios do poeta, suas dúvidas e contradições. Além disso, o mergulho é profundo para alcançar não só a profundezas das águas, mas do próprio ser, que ainda busca, que ainda quer se encontrar em desventuras. Toda viagem tem um preço, das tempestades às grandes tormentas, dos monstros marinhos gigantescos à ira feroz dos deuses. A viagem poética é ainda mais perigosa, pois arrisca uma embarcação lotada de conhecimentos grandiosos, saberes universais. Como se fosse um arrastão, a água leva tudo para então purificar, fazer renascer:

SARGACOS

[...] criar é não se adequar à vida como ela é,
Nem tampouco se grudar às lembranças pretéritas
Que não sobrenadam mais.
Nem ancorar à beira-cais estagnado,
Nem malhar a batida bigorna à beira-mágoa.

Nascer não é antes, não é ficar a ver navios,
Nascer é depois, é nadar após se afundar e se afogar.
Braçadas e mais braçadas até perder o fôlego
(Sargaços ofegam o peito opreso),
Bombar gás do tanque de reserva localizado em algum ponto
Do corpo
E não parar de nadar,
Nem que se morra na praia antes de alcançar o mar,

Plasmar
bancos de areias, recifes de corais, ilhas, arquipélagos, baías,
espumas e salitres,

ondas e maresias.

(SALOMÃO, 1998, p. 45)

Em todas as suas obras, o convite à viagem é exposto, tentador. Ou seja, o trabalho não terminou, a viagem continua. Sua identidade, esfacelada, é um encanto que se estilhaça nas águas. Buscar rotas é uma forma de se remodelar, se reconstruir diante de tantas possibilidades e visões. Waly adota máscaras, teatraliza, se coloca como fundador de um sujeito múltiplo, invencível, corajoso. Tem a astúcia de Ulisses, a visão contemplatória de Narciso, o poder metamórfico de Proteu. O *sailormoon* devolve ao poeta a descoberta de que ele é o mundo, pois o mundo está nele. A partir do mito, Waly incendeia a mente do leitor com projeções que o fazem olhar para trás e para frente, sem medo de criar e construir sentidos. Assim como o poeta, o leitor se torna insaciável, assume o cargo de tripulante nesta nave que trava desafios em pleno mar turbulento.

Waly não vê a produção poética como algo que se estabelece pela conformidade, é preciso ir além. São necessários mergulhos profundos, mas saber voltar à superfície, sem medo de regressar ao cais, sem medo de se aventurar-se. Desta forma, o *sailormoon* navega, sem destino, com destino, em muitas viagens. Definir o poeta marujeiro é complicado, mas, talvez, intitulá-lo inclassificável, já seja uma definição. Assim como o próprio Waly diz em entrevista à Revista Cult:

Ora, eu sou filho de sírio, sou semita, pró-estado de Israel, sou contra discriminações, sou antípoda de skinheads, caretas, gente que quer perseguir e até negar a existência do holocausto. Eu sei da dificuldade de se ser judeu no mundo mas sei também, como Noam Chomsky, um judeu, a dificuldade de ser palestino no mundo. [...] Sou a favor do estado de Israel, contra a fundamentação teológica do povo escolhido, sou a favor dos direitos dos palestinos, contra o fundamentalismo taleban... e no Brasil estamos longe de estar tranquilos: eu advogo há muito tempo por um protecionismo contra o fundamentalismo evangélico das populações faveladas... Agora, anti-semita, anti-judaico, em hipótese alguma! [...] Minha poesia é suficientemente forte, ela abre caminho, de qualquer jeito, apesar de mim e de minhas insuficiências. (REVISTA CULT, 2001, p. 9)

Definir quem realmente é Waly Salomão não é um trabalho que apresenta facilidades, ao contrário, uma figura tão elementar, única, exige não apenas uma compreensão ampla de sua cultura artística e literária, mas também do mundo em que está inserido, do qual faz parte e não está alheio. Talvez com seus próprios versos seja mais adequado apresentá-lo e representá-lo: “Ele: o amalgâmico/ o filho das fusões/ o

amante das algaravias/ o sem pureza.” (SALOMÃO, 2007, p. 54) Entre fusões, mitos e amalgamas, entre tradição e contemporaneidade, Waly Salomão é o poeta das algaravias, imerso em uma câmara de ecos, em que não há fronteiras, sendo, portanto, um viajante portador de grandes fascínios. Então, unindo mito e poesia, que a viagem continue!

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009
- ANDRADE, Carlos Drummond de. José/ Novos Poemas/ Fazendeiro do ar. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____, Gaston. *A Psicanálise do fogo*. 1ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____, Gaston. *A água e os sonhos*. 1ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____, Gaston. *O ar e os sonhos*. 1ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BAKHTIN, Mikhail M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Jorge Editor, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- BERND, Zilá (Org.). *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*. Porto Alegre: Tomo Editorial; Ed. da UFRGS, 2007.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Trad.: João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Vol I, II e III. Petrópolis: Vozes, 1993.
- _____. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- CALADO, Carlos. *Tropicália: a história de uma revolução musical*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- CAMÕES, Luis Vaz de. *Sonetos para amar o amor*. Organização de Sérgio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Coord. Carlos Sussekind. Trad. Vera da Costa Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

- CICERO, Antonio. *Finalidades sem fim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, 354 p.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. *O imaginário*. Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.
- _____. *Campos do Imaginário*. Trad. Maria João Batalha Reis. Rio de Janeiro. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- ELIADE, Mircea. *O conhecimento sagrado de todas as eras*. São Paulo: Mercuryo, 1995.
- _____. *Mito do eterno retorno*. São Paulo: Mercuryo, 1992.
- _____. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX*. Trad. de Marise M. Curioni. São Paulo: Duas Cidades, 1978. 349 p.
- FIORIN, J. Luiz. *O regime de 1964: discurso e ideologia*. São Paulo: Atual, 1988.
- GASPARI, E. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.
- _____. *A ditadura encurralada*. São Paulo: Cia. das letras, 2002.
- _____. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Cia. das letras, 2002.
- JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos do inconsciente coletivo*. Trad.: Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 6^a. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2011.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org.). *26 poetas hoje*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.
- HOMERO. *A Odisseia*. São Paulo: Abril, 2010.

LACERDA, Ariomar. *Yemanjá – A Rainha do Mar*. 6^a edição. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2007.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 2a ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Trad. Terezinha Monteiro Deutsch. Barueriu, SP.: Manole, 2005.

MATOS, Claudia Neiva de et al. *Palavra cantada - poesia, música e voz*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

MATOS, Gregório de. *Poemas escolhidos de Gregório de Matos – Seleção e prefácio de José Miguel Winisk*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MELO Neto, João Cabral. *Obra Completa*, Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1994.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. “Poesia e mito”, in SANTOS, Dulce O. Amarante dos; TURCHI, Maria Zaira (Orgs.). *Encruzilhadas do imaginário – ensaios de literatura e história*. Goiânia: Cânone Editorial, 2003.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. *Poesia e imaginário*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

MELO NETO, J. C. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

NADER, Carlos. *Documentário Pan-cinema Permanente*. Rio de Janeiro, 2009.

NETO, Torquato. *Os últimos dias de Paupéria*. São Paulo: Editora Max Limonad, 1973.

NIETZSCHE, F. W. *Assim Falava Zarathustra*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008a.

NUNES, Elzimar Fernanda. *A reescrita da história em Calabar, o elogio da traição, de Chico Buarque e Ruy Guerra*. Brasília, 2002. Dissertação (Mestrado – Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas).

OVÍDIO. *Metamorfoses*. São Paulo: Hedra, 2000.

OLIVEIRA, Mariana Trenche de. *Ecolalia: quem é essa voz?*. São Paulo, 2001. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo(PUC)

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Trad. de Olga Savary. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. 368 p.

- PAZ, Octávio. *A outra voz*. Tradução de Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Texto, crítica, escritura*. São Paulo: Martins Fontes, 2005
- PESSOA, Fernando. *Mensagem*. São Paulo: Abril, 2010.
- PETRARCA. F. *Poemas de amor*. Tradução de Jamil Almansur Haddad. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- REZENDE, M. J. de. *A Ditadura Militar no Brasil: repressão e pretensão de legitimidade (1964-1984)*. Londrina: Ed. da UEL, 2001.
- REVIST CULT nº 51. *Entrevista: A poesia nômade de Waly Salomão*. São Paulo, 2001, p. 4-9)
- SALOMÃO, Waly. *Me segura qu'eu vou dar um troço*. Rio de Janeiro: Aeroplano: Biblioteca Nacional, 2003.
- SALOMÃO, Waly. *Gigolô de Bibelôs*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1983.
- SALOMÃO, Waly. *Armarinho de Miudezas*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1983.
- SALOMÃO, Waly. *Algaravias: câmaras de ecos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- SALOMÃO, Waly. *Hélio Oiticica: Qual é o parangolé e outros escritos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- SALOMÃO, Waly. *Lábia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- SALOMÃO, Waly. *Tarifa de Embarque*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SALOMÃO, Waly. *O mel do melhor*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- SALOMÃO, Waly. *Babilaques: alguns cristais clivados*. Rio de Janeiro: Contra Capa e Oi Futuro, 2007.
- SALOMÃO, Waly. *Pescados Vivos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- SARTRE, J.P. *O muro*. Tradução: H. Alcântara Silveira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- SILVA, Judite Maria de Santana. *Waly Salomão: algaravias do pós-tudo*, de Silva. Recife, 2010. Tese (Doutorado – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)).

SPALDING, Tassilo Orpheu. *Dicionário da Mitologia Greco-Latina*, Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1965.

TEMPLE, Robert. *O mistério de Sirius*. St. Martin's Press, 1976

TURCHI, Maria Zaira. *Literatura e antropologia do imaginário*. Brasília: Editora da UnB, 2003.

ANEXOS

ANEXO A: As imagens de *Me segura qu'eu vou dar troço: várias rotas, várias faces.*



Figura 1: Capa do livro *Me segura qu'eu vou dar um troço*.

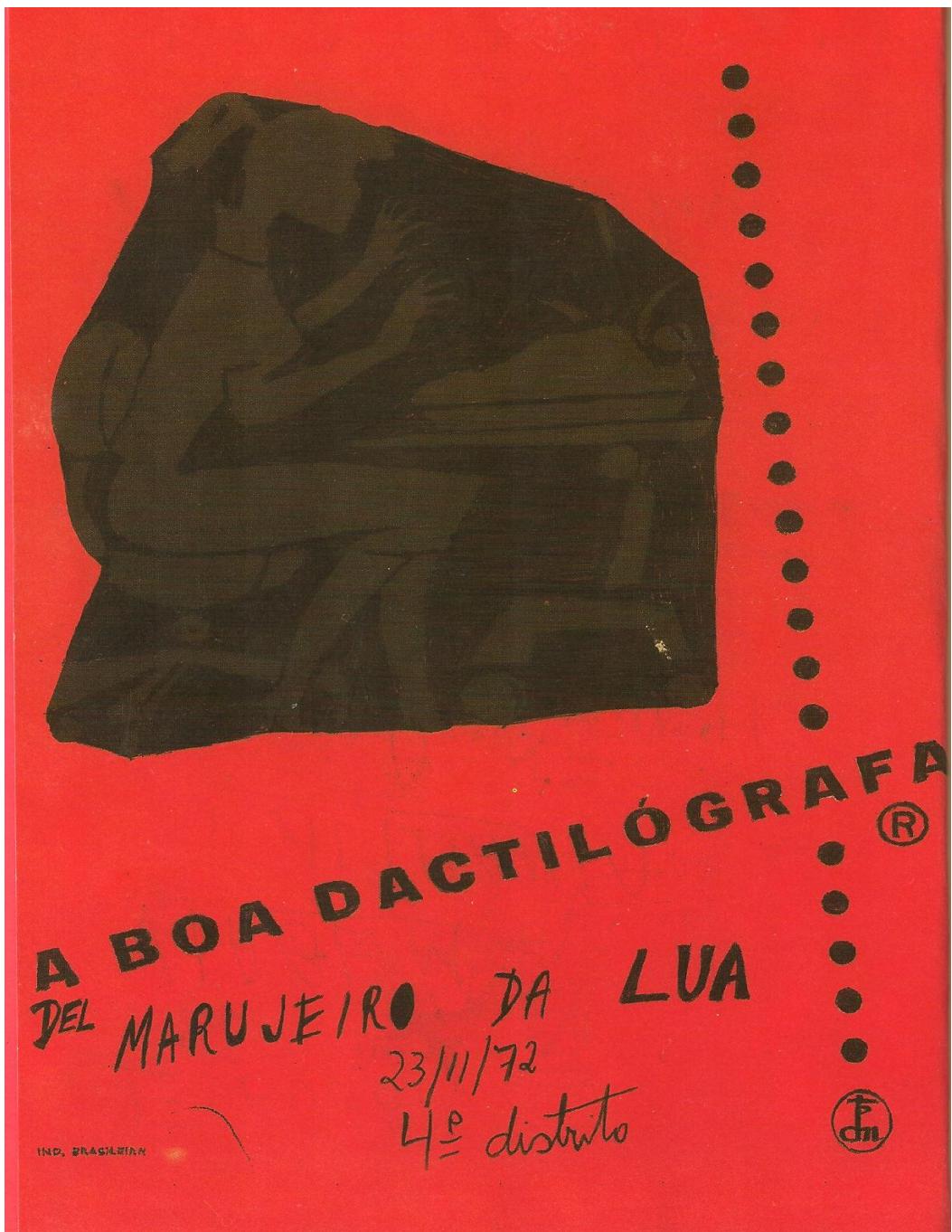


Figura 2: As rotas do marujeiro da lua. (Fonte: *Me segura qu'eu vou dar um troço.*)

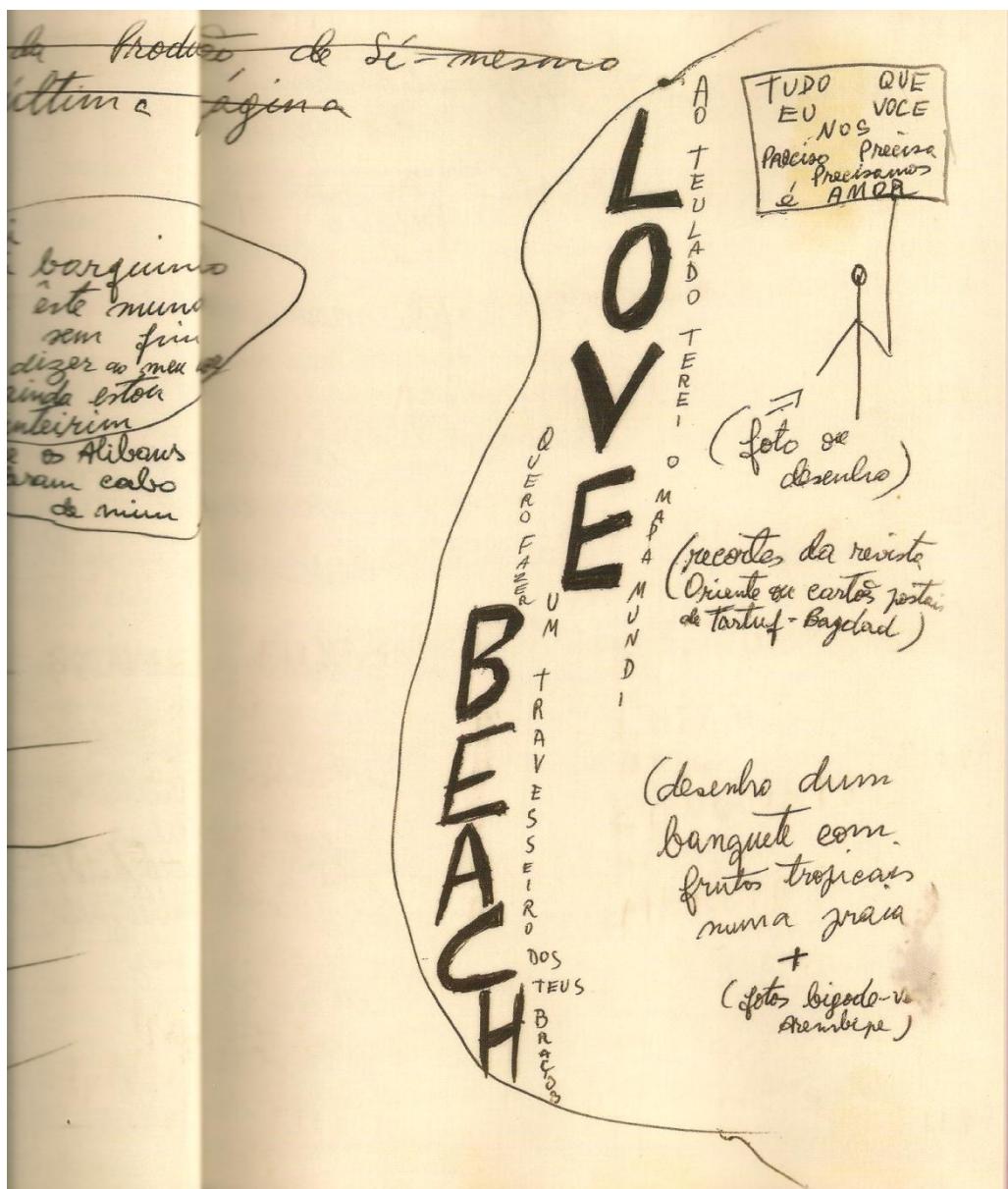


Figura 3: O fascínio pelas águas. (Fonte: *Me segura qu'eu vou dar um troço.*)

ANEXO B: Waly poeta-plástico: a face do artista que lapidou cristais clivados

"BABILAQUES é uma experiência axial que desenvolvi dentro do meu processo incessante de buscas poéticas. Recortei da gíria de uso corrente do português do Brasil a palavra polissêmica BABILAQUES, que quer dizer documentos, aglomerados de pertences, entre outros sentidos elusivos e sugestivos. Tomando meus cadernos de apontamentos de diferentes dimensões enquanto meios expressivos – é uma experiência de fusão da escrita com a plasticidade". (Waly Salomão, in *Babilaques*)

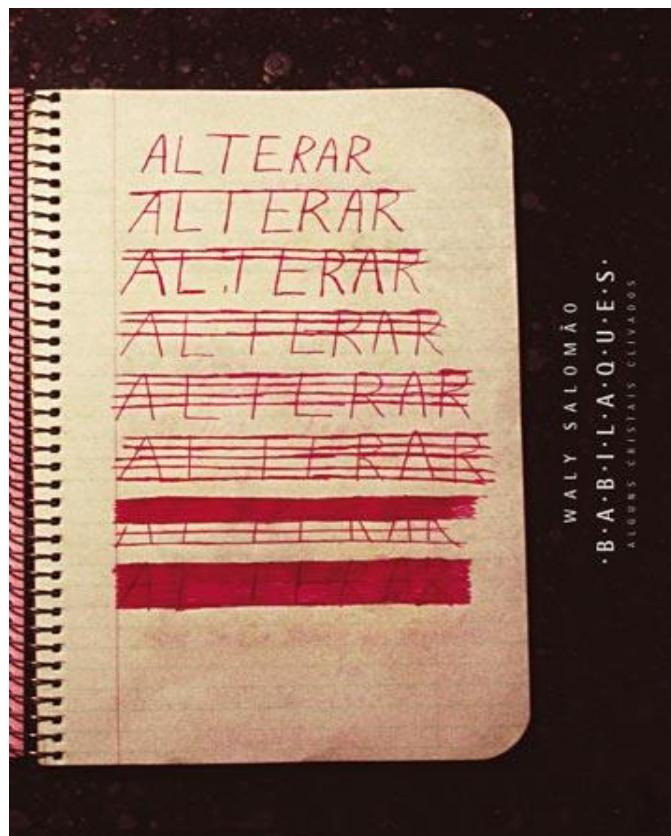


Figura 1: Capa do livro *Babilaques* – alguns cristais clivados. (Fonte: walysalomao.com.br)



Figura 2: série *Construtivista Tabaréu*, foto Marta Braga, Rio de Janeiro, 1977. (Fonte: walysalomao.com.br)



Figura 3: *Babilaques*. (Fonte: walysalomao.com.br)

ANEXO C: Imagens do documentário Pan-Cinema Permanente, dirigido por Carlos Nader em 2008, com imagens gravadas deixadas por Waly: faces diante das câmeras.



Figura 1: Convite para discussões sobre o documentário. (Fonte: walysalomao.com.br)

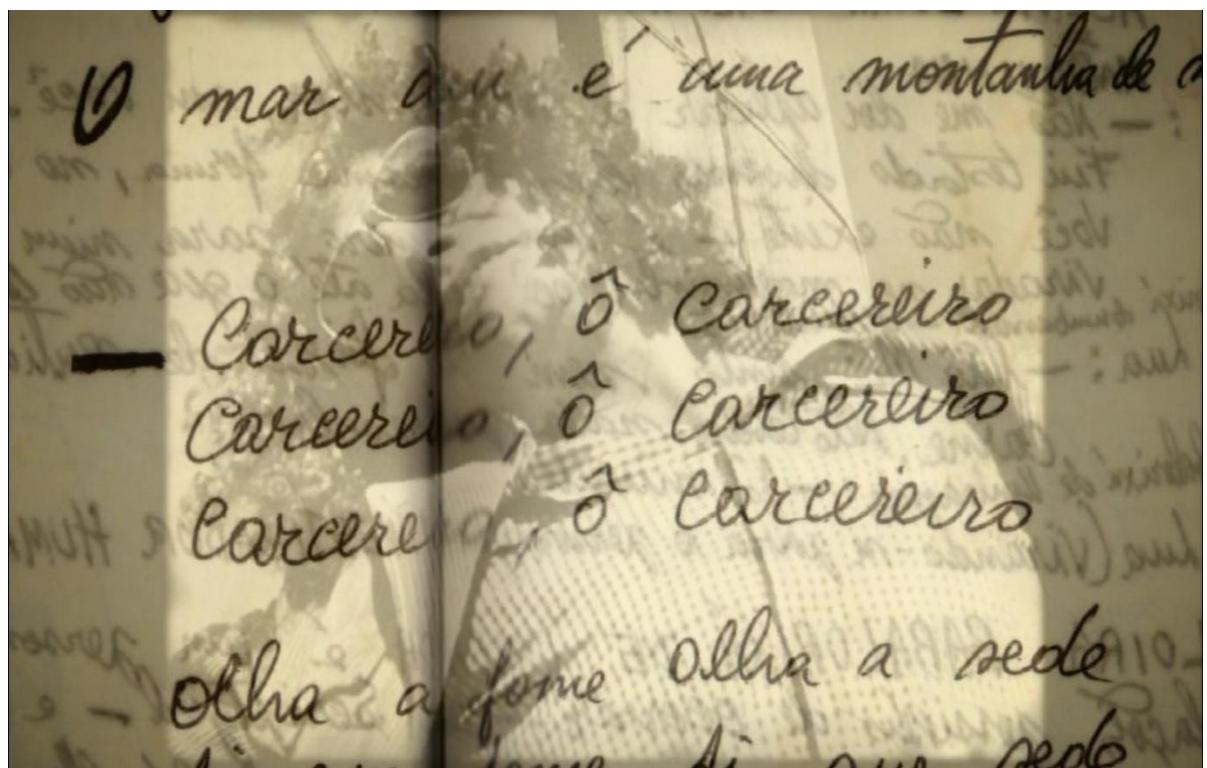


Figura 2: *Waly e rascunhos de Me segura qu'eu vou dar um troço*. (Fonte: Pan-cinema Permanente)



Figura 3: *Waly e suas cenas na década de 70*. (Fonte: Pan-cinema Permanente)

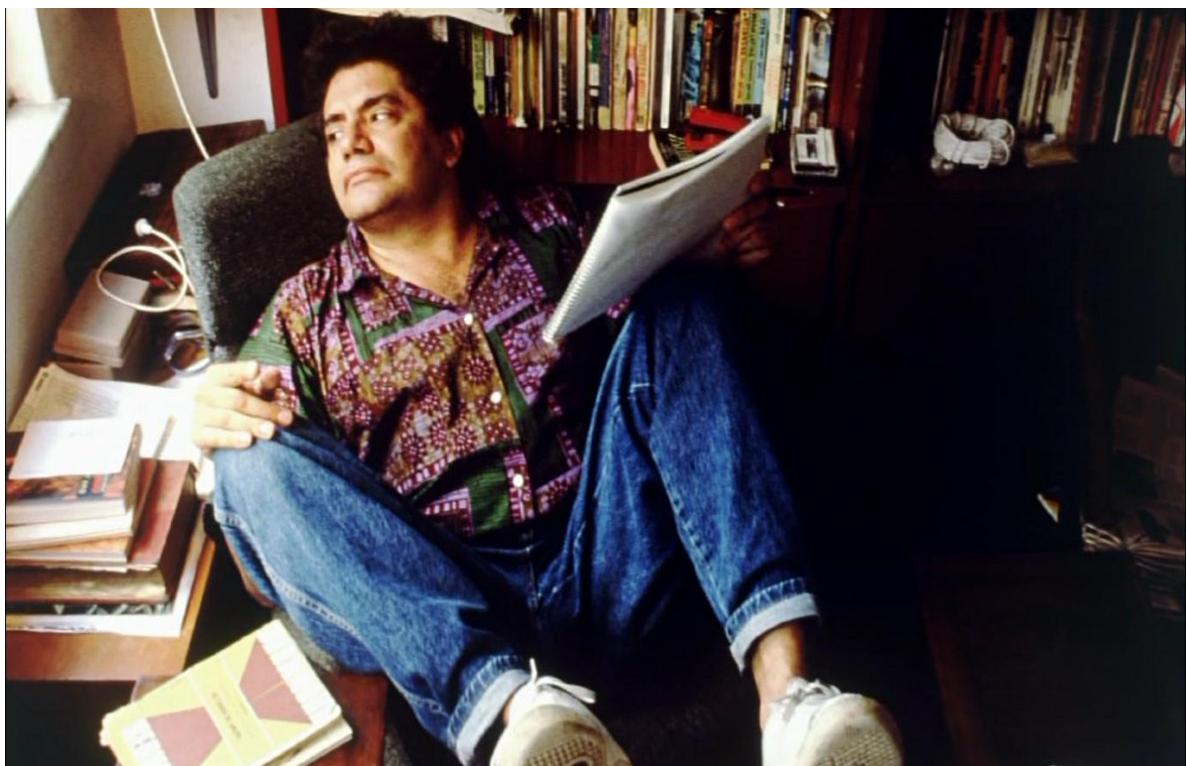


Figura 4: *Waly em sua casa no Rio de Janeiro*. (Fonte: Pan-cinema Permanente)



Figura 5: *Waly declama poema*. (Fonte: Pan-cinema Permanente)



Figura 6: *Waly em Salvador nas Festas para Yemanjá*. (Fonte: Pan-cinema Permanente)



Figura 7: *Waly e a esposa, Marta Braga*. (Fonte: Pan-cinema Permanente)



Figura 8: *Waly e os filhos, Khalid Salomão e Omar Salomão* (também poeta e artista plástico). (Fonte: Pan-cinema Permanente)



Figura 9: *Waly ao final do documentário, declamando o poema Post-Mortem, de Lábia.* (Fonte: Pan-cinema Permanente)

ANEXO D: O novo secretário Nacional do Livro e da Leitura: a face política e sonhadora de Waly

Entrevista: A poesia no poder – Heloisa Buarque de Hollanda, entrevista publicada no dia 03 / 02 / 2003, no site Portal Literal.

Observação: a entrevista está exposta na íntegra.

O poeta Waly Salomão é o novo secretário nacional do Livro e da Leitura, integrando a equipe do Ministério da Cultura que tomou posse cantando, sugerindo uma gestão promissora pautada pelo sonho, pela catimba e pela bandeira da Imaginação no Poder. Aqui ele fala de seus planos, sua relação com os livros e sua experiência como administrador.

HELOISA BUARQUE DE HOLLANDA: Que você é poeta polivalente, radical e premiado eu já sei. O que me interessa agora descobrir é o Waly político, executivo, que acaba de assumir a Secretaria Nacional do Livro e da Leitura. Como esse personagem é muito novo para mim, vou com calma e pergunto primeiro: qual é a posição efetiva do livro e da leitura na sua vida?

WALY: Desde que me entendo por gente, o livro tem uma posição central, como se fosse um ícone dentro da casa. Ainda bem menino, me lembro de minha mãe discutindo com meus irmãos e irmãs mais velhos os dois volumes, daquela velha edição da editora Globo do Rio Grande do Sul, de “Guerra e paz” de Tolstoi. Eles discutiam a trama dos livros e seus personagens como se estivessem discutindo uma novela mexicana. Anna Karenina, por exemplo, era centro de conversa como se ela fosse uma personagem da Gloria Perez. Minha tia Etelvina, mulher de Tio Bento, lia sem parar. E eu, que já freqüentava a Biblioteca Pública de Jequié, onde morávamos, tirei para ela a edição do “D. Quixote” numa tradução bem rococó, feita por Antonio Feliciano de Castilho. E eu adorava aquele português bem rebuscado, com palavras muito mais difíceis do que no original espanhol e decorava trechos enormes do texto. Quando saiu “Gabriela Cravo e Canela”, lá em casa compramos logo três volumes porque todo mundo queria ler e não dava tempo. Minha irmã tinha os “Sertões” em capa dura e me obrigou a ler. Eu lia tudo o que me caía nas mãos e me fundia com aquelas páginas. E ao mesmo tempo aquelas páginas faziam com que eu transcendesse a coisa tacanha, acanhada, da vida de cidade do interior.

HBH: Você foi rato de biblioteca?

WALY: Claro! Quem tomava conta da biblioteca de Jequié era uma senhora chamada Nosa, que tinha um peitoril, uma platibanda assim bem felliniana. Ela não sabia nada de livros, tinha sido colocada ali por algum político. Quando entrava alguém procurando algum livro era eu quem sabia localizar onde estava o livro. Livro para mim nunca representou uma opressão, foi sempre uma oportunidade de liberação, de levantar vôo.

HBH: Pelo que eu sei você se formou em direito no calor dos anos 60. Nessa época de estudante, você era de esquerda? Você já conhecia os baianos que iam arrasar depois no Rio e em São Paulo?

WALY: Eu convivia com eles todos. O Gil eu conheci ainda no Colégio Central, no clássico. Uma colega de classe, Vânia Bastos, fez uma reunião na casa dela e apareceu um garoto gorducho, tocando violão e era Gilberto Gil. Isso era 61, 62. Éramos uma esquerda marxista-existencialista porque liamos Marx, Camus, Sartre e Merleau-Ponty, quer dizer, essa encruzilhada de paradoxos. Assisti aos primeiros shows deles, da Bethânia, do Tom Zé. Era uma época de grande fermentação na Bahia. Havia a Escola de Música, que era poderosa, com Koellreutter falando de dodecafônimo, o Walter Smetak falando de microtons. Junto com a faculdade de direito fui aluno da Escola de Teatro. Era também um espaço poderoso que, além de grandes nomes como Lina Bo Bardi e Martim Gonçalves, era bem equipada, tinha até ciclorama. Lá eram montadas peças de Albee, Brecht, “Morte e vida severina”, teatro nô. Era a época de Yoná Magalhães, Helena Ignez, Sergio Cardoso, Gianni Ratto como coreógrafo.

HBH: E a militância mais diretamente política?

WALY: Participei do CPC baiano, com Geraldo Sarno, Capinan, Tom Zé. A gente levava as peças ou na Concha Acústica do teatro Castro Alves de Salvador ou nas favelas nascentes da cidade, como no Nordeste de Amaralina. Eu dava aula sobre “Feuerbach” de Marx, fazia palestras na faculdade de Medicina. Organizei também um centro de estudos chamado Antônio Gramsci (Ceac), bem antes de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder traduzirem Gramsci na capital.

HBH: E depois de 1964?

WALY: Em 64, o corte foi o mais abrupto possível. Mas foi também nessa época que li “Tremor e temor”, de Kierkegaard, aquele genial protestante existencialista, que contava de repetidos ângulos a história de Abraão, incumbido por Deus de matar Isaac. Um livro de perspectiva cinética. Fiquei com isso na cabeça. Em volta, as pessoas andavam assombradas, amedrontadas, perdidas. Comecei a olhar outros caminhos. Na vida, se a via fica estreita, você tem sempre que descobrir como seguir. Isso para mim foi uma dolorosa, longa, sofrida vereda que eu busquei: a de ultrapassar a província.

HBH: E quando você conseguiu essa vereda?

WALY: Decidi vir para o Rio de Janeiro. Era a época em que Caetano já estava explodindo com “Alegria alegria” e a gente ficava conversando, lendo Clarice Lispector, discutindo Guimarães Rosa, Cinema Novo. Depois Dedé e Caetano me convidaram para ir para São Paulo, e acabei indo morar com eles na Rua São Luiz. Era o auge do Tropicalismo, e vivi lá até eles serem presos. Depois ficava entre Rio e São Paulo. Eu escrevia coisas que mostrava a todo mundo mas que ninguém lia. Teve até um texto que escrevi no Carandiru chamado “Apontamentos do Pavilhão 2” que parece um hip hop avant la lettre. Ali representou um momento de deflagração da aventura de escrever. Foi ali que eu me concentrei e me liberei como escritor. Mostrei esse texto para diferentes pessoas mas ninguém dava retorno. Aí é que entra a figura do Hélio Oiticica que levou o texto a sério e que, por conta própria, sentou na prancheta e fez uma diagramação especialíssima para o texto que mais tarde foi apreendida pela polícia na casa de Rogério Duarte.

HBH: Bem, 40 anos depois de uma história bastante enviesada, com direito a prisões, repressão, milagres brasileiros e à onda neoliberal, essa mesma geração que você estava descrevendo toma o poder com a mesma morbeza romântica, a imaginação no poder, cantando o sonho, como se tivesse sido apenas casualmente interrompida por alguns minutos. Como você explica essa mágica?

WALY: No dia da posse, eu senti que era a primeira vez na República Federativa do Brasil que acontecia um tipo de posse tão alegre e diversificada. Ali estavam diferentes ângulos, picadas, perspectivas, possibilidades fecundas da cultura brasileira. Vi com emoção, entusiasmo e tesão, e é assim que estou assumindo esse cargo. Nunca acreditei em “the dream is over”. Sinto-me muito mais próximo da frase de Shakespeare: “Somos

feitos do mesmo material de que são feitos os sonhos”. O sonho não pode acabar. Você tem que ter sempre tanques de reserva, possibilidades inusitadas, inexploradas, de se reabastecer de sonho.

HBH: O sonho é uma metodologia desejável para o bom administrador?

WALY: Eu sou de Virgem. Então, muitas vezes a cabeça está nas nuvens e os pés no chão. Quando fui nomeado diretor da Fundação Gregório de Matos de Salvador, trabalhei pesado. Na minha gestão eu me pautei antes de tudo por um modo de pensar desconfiado da relação do artista com o poder. E em algum tempo minhas habilidades administrativas e de flexibilidade política foram reconhecidas e fui designado coordenador do carnaval da Bahia. Minha luta foi toda em cima de defender o carnaval não como um fato turístico e pitoresco, mas fundamentalmente como um fato cultural. Nasci e briguei muito na Bahia naquele momento para dar valor aos blocos afros que estavam nascendo, como o afro de Itapuã, Male Debale, esse nome ajudei a dar e significava a revolução islâmica do século XIX em Salvador. Ajudei o Olodum, ajudei o Ilê Ayê. Sabia que estava ajudando a representação da maior cidade negra fora da África que é Salvador. Eu digo que tenho experiência administrativa porque o carnaval demandava 7 mil pessoas trabalhando diretamente sob meu comando e eu chegava mais cedo do que todo mundo, enfrentando os pelegos do carnaval que me chamavam de estrangeiro, não baiano. Mas fui provando não só que era de Jequié, mas que tinha muito conhecimento da cultura baiana, das populações mais pobres, da população negro-mestiça, intimidade nas festas e nas agruras dos pescadores, das feiras, com o candomblé.

HBH: E como entra o livro nessa luta pela diversidade cultural?

WALY: Pelo respeito a todos os falares, não podemos ter um falar único regido por leis gramaticais rígidas. Por exemplo, na Bahia, muitas vezes eu parava e ficava ouvindo um camelô e a mulher falarem, o modo como eles falavam, na ladeira de São Bento, eu ficava horas absorvendo aquela verve, aquele modo de vender. Aquele camelô tinha um lado brasileiro, sem nada de folclorismo, que a gente tem que conservar porque senão fica um crescimento uniforme sem diferenciação. Eu detesto é salazarismo, galinha verde de Plínio Salgado, fascismo, generalíssimo Franco. É evidente que você pode ver percepções inusitadas em pessoas carentes da sabença oficial. Não perceber isso é agir

como no leito de Procusto, onde ou você corta a cabeça ou corta o pé, porque ele é curto, não cabe o corpo todo. Temos que fazer o corpo inteiro da cultura esplender.

HBH: Vem daí a invenção de seu programa Fome de Livro?

WALY: É claro. Estamos vivendo um momento muito fecundo com essa capacidade do Lula de liderança, de aglutinar as vontades de um povo na sua diversidade. Aí, junto com o Fome Zero, um programa justíssimo do Lula, fui percebendo que no Brasil ao lado da música popular, do pagode, do futebol que são responsáveis pela ascensão social de setores sem saída, o livro também pode ser e tem sido essa alavanca de modificação da posição subalterna das pessoas na sociedade. A fome de livro é um projeto complementar, que considera o livro e a leitura uma ferramenta social, e isso é o meu objetivo básico na Secretaria.

HBH: Você já teve uma experiência forte e recente com esse trabalho em comunidades no Rio, não teve?

WALY: Tive. Sou diretor de Comunicação da ONG Vigário Geral, Afroreggae Cultural há muitos anos. O Junior e o Zé Renato, há quase dez anos, me viram no Jô Soares uma vez e me procuraram. Vi aquilo como uma coisa muito forte, me integrei logo, sem nenhuma hesitação ou dúvida. Comecei a colaborar com o “Jornal Afroreggae” e abri para eles minhas cadernetas de endereço, todos os nomes, mesmos as estrelas pops e vedetes, o que eu não faria com uma promoter.... No lançamento de meu livro “Algaravias”, no Shopping da Gávea, combinei com as bandas e com a ala de capoeira deles para invadirem aquele shopping da Zona Sul para provocar uma reversão simbólica. Transformei meus amigos, gente de show e de novela como Glória Pires, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Antonio Cícero, Fernanda Torres, Renata Sorrah, Zé Wilker, que aqueles meninos e suas famílias costumavam admirar de longe, em espectadores assistindo-os jogarem capoeira, tocarem etc. Até hoje o síndico do shopping proíbe qualquer lançamento de livro de Waly Salomão ali. Gosto desses cruzamentos, dessas misturas, intercâmbios. Quem gosta de água parada é mosquito da dengue.

HBH: Como nosso defensor oficial da leitura, além de gostar de analfabetos você não tem medo da mídia?

WALY: De jeito nenhum. Foi o programa do Jô que me aproximou do Afroreggae. Por isso é que poeta não querer ir para arena pública está errado. Poeta criticar a coisa midiática é uma coisa da Europa civilizada pós-Hitler, mas que aqui não tem razão de ser. O poeta, o escritor tem que ter uma arena pública, tem que ter um modo de falar não só para o Departamento de Letras, não pode fazer uma poesia prêt-à-porter que agrade ao ouvido do professor. Ele tem obrigação de tentar alargar o seu escopo.

HBH: **Como essas experiências junto com sua militância passada se unem com essa paixão pela revolução do livro e da leitura hoje na sua Secretaria?**

WALY: Porque eu vi, por exemplo, em lugares como nos grupos culturais do Afroreggae de Vigário Geral, garotos anêmicos ficando mais alimentados, mais estimulados, aprendendo coisas, ascendendo socialmente. É por isso que aprendi a ser otimista no meio de um país encalacrado como o Brasil. É por isso que não tive medo, preferi a esperança.

HBH: **Você nem hesitou quando o Gil te chamou?**

WALY: Ah, nem hesitei. Acho que eu sempre já quero essas coisas previamente, não vacilo. Fui chamado na realidade por João Santana, ligado ao Palocci, que tinha visto meu desempenho administrativo em Salvador. Essas coisas ou você não topa ou tem que dar total dedicação. E depois, essa é sempre uma experiência enriquecedora, vou ter contatos, discussões, divergências, convergências, e a minha poesia sai ganhando.

HBH: **Como foi seu primeiro dia de trabalho? Você chegou com todo esse gás?**

WALY: Nem cheguei com tanto gás assim... Fui chegando com bastante cautela, precaução, visitando cada setor, tentando apagar até um lado público meu espalhafatoso, inclusive no próprio tratamento com meu parceiro e amigo eu obedeço fielmente à liturgia do poder, só o chamo de sua excelência ou de ministro, ou de companheiro como é a linguagem de agora. Ando de paletó, gravata, tudo. Como eu sou barroco, sei que a vida é um teatro. Não adianta ir com a roupa errada, não fazer os usos de tratamento. Chego sempre com muita cautela, ouvindo tudo e todos... Entrei querendo entender em minúcia aquele espaço, querendo distinguir quem é o servidor qualificado, querendo formar equipe. Entrei procurando uma conjunção interministerial e com os outros poderes, senão sei que não chego muito longe não.

HBH: E tem muita briga por lá?

WALY: Eu acho muita graça em ver tanta briga pelo Ministério da Cultura, um ministério paupérrimo. Por que será que mesmo assim pessoas brigam por cargos, tiram os tapetes, mandam flechas venenosas para todo lado? Para a chefia da Biblioteca Nacional foi uma guerra de foice como eu nunca tinha visto. De repente, um mequinho amigo meu me soprou o nome do Pedro Corrêa do Lago e essa indicação caiu pra mim como uma perfeição. A gente precisa ouvir muito. É assim que pretendo agir, de uma forma pausada e com o travesseiro me servindo de sibila. Se eu errar, sei que é apenas como parte do percurso para acertar. No caso da Biblioteca Nacional quero garantir que aquele acervo, além de ser preservado e exposto, tenha a mesma acessibilidade de padrão internacional que você encontra, por exemplo, na Biblioteca do Congresso em Washington. Pensar a Biblioteca Nacional não como espaço imperial, mas como um espaço que possa servir à população, um espaço de utilidade pública.

HBH: A idéia da leitura é fundamental. Mas fazer livro no Brasil é muito caro. É uma aventura economicamente quase inviável. A Secretaria vai ter algum projeto nesse sentido?

WALY: Eu também já fui um pequeno editor, junto com minha mulher Marta. Tivemos a editora Pedra Que Ronca. Lançamos o primeiro livro do Caetano, “Alegria alegria”, e outro livro chamado “Baticum”, de Sonia Lins, a irmã da Ligia Clark. Aí tivemos que fechar... Hoje estou vendo com muito gosto a multiplicação de boas pequenas e médias editoras e a explosão desse panorama. Vai chegar o momento em que esse quadro de dificuldades possivelmente vai ser superado. E vou trabalhar para isso.

HBH: O que seria o grande gol de sua gestão na Secretaria?

WALY: Penso agir com muita dedicação, sonho e catimba, que é uma palavra que vem da África. Sonho com um povo mais bem alimentado, letrado, gostando de livro mas sem estar oprimido pela leitura. Sonho com o Brasil, nesta gestão Lula, assumindo sua face original e diversificada perante o mundo. O livro pode ajudar nisso. Minha meta é transformar o livro numa carta de alforria.

Fonte: site oficial de Waly Salomão – <http://walsalomao.com.br/?p=63>

